

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

EDUARDA MAYARA DEMENECK DE FIGUEIREDO

**DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA E A
CONVERGÊNCIA DIGITAL NA CONTEMPORANEIDADE**

Lages
2023

EDUARDA MAYARA DEMENECK DE FIGUEIREDO

**DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA E A
CONVERGÊNCIA DIGITAL NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Socioculturais em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Ceccato de Lima

Lages

2023

Ficha Catalográfica

F438d Figueiredo, Eduarda Mayara Demeneck de
Desafios para a formação do telejornalista e a convergência digital na contemporaneidade / Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo ; orientadora Prof. Dra. Lucia Ceccato de Lima. – 2023.
105 f. : 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense. Lages, SC, 2023.

1. Telejornalismo. 2. Pandemia COVID 19. 3. Jornalistas - Formação. I. Lima, Lucia Ceccato de (orientadora). II. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 370

Catálogo na fonte – Biblioteca Central

Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo

**“DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DO TELEJORNALISTA NA
CONVERGÊNCIA DIGITAL CONTEMPORÂNEA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense para a Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação. Linha de Pesquisa: Processos Socioculturais em Educação.

Lages, 29 de Agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Lucia Ceccato de Lima
Orientadora e Presidente da Banca- PPGE/UNIPLAC



Profa. Dra. Cárlida Emerim
Examinadora Externa-PPGJOR/UFSC
Participação Não Presencial - Res. nº 432/2020



Prof. Dr. Jaime Farias Dresch
Examinador Interno - PPGE/UNIPLAC

Dedico esta dissertação, resultado de um passo importante na minha vida, a minha mãe, Maria Iolanda Demeneck de Figueiredo. Ela foi a pessoa que me incentivou do início ao fim, me inspirou e deu coragem para seguir. Sem ela, tudo seria mais difícil. Obrigada por acreditar em mim e por me fazer acreditar no meu potencial e conhecimento. Te amo!

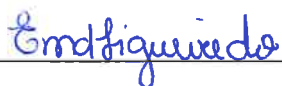
AGRADECIMENTOS

Agradecimento aos professores Programa de Pós-Graduação em Educação, pelas oportunidades e compreensão com os desafios que surgiram ao longo do caminho. Em especial, ao professor Geraldo Locks (em memória), que foi o meu grande incentivador e o meu orientador no início deste trabalho. Agradeço também à professora Lucia Ceccato, que me ajudou nas dificuldades e não me deixou desistir, lutando comigo até o fim. Obrigada pela dedicação e pelo empenho! Agradeço, ainda, à minha família pela compreensão das horas em que estive ausente. Obrigada também a Deus, pois sem Ele nada seria possível.

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Declaro que os dados apresentados nesta versão da Dissertação a Defesa de Dissertação são decorrentes de pesquisa própria e de revisão bibliográfica referenciada segundo normas científicas.

Lages, 30 de junho de 2023.



Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo

O outro é, ao mesmo tempo, diferente e parecido comigo. Diferente por sua singularidade. Mas, é parecido pela capacidade de sofrer, de amar, de chorar, de rir, de refletir. (MORIN, 2014).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a formação do profissional de telejornalismo diante das novas demandas da sua profissão. Para tanto, buscou-se apresentar o contexto histórico do telejornalismo e as mudanças ocorridas com o advento da internet, ressaltando a importância da formação acadêmica do jornalista e as diversidades do mundo do trabalho. Sendo assim, evidencia-se o ensino da disciplina de Telejornalismo e os desafios para professores e estudantes, com vistas a discutir os embates da Pandemia Covid 19 (SARS COV 2) e as mudanças no jeito de ensinar, informar e aprender, o que traz à tona a questão da docência no ensino superior e o uso cada vez mais necessário das tecnologias digitais. A partir disso, foi realizada uma pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando-se como procedimento metodológico a aplicação de um questionário semiestruturado realizado pela plataforma *Google Forms*. Participaram da pesquisa quatro docentes e quatro estudantes da disciplina de Telejornalismo, representantes dos cinco cursos de Jornalismo de universidades que integram a Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe). Como resultados, obteve-se que a tecnologia, mesmo depois da pandemia, faz parte do ensino, porém, são necessários investimentos para que as universidades consigam levar essa tecnologia para dentro das salas de aula. Além disso, a disciplina de Telejornalismo precisa preparar o estudante durante a sua formação de modo a contemplar a teoria, mas, principalmente, a prática e a técnica para o trabalho na televisão. Da mesma forma, demonstrou-se também que a forma de se comunicar é importante para a difusão de informações. Assim, engendram-se novas provocações, com um campo de trabalho cada vez mais desafiador, dando ênfase à formação desses profissionais e a necessidade de aliar a tecnologia ao ensino.

Palavras-chave: Telejornalismo. Pandemia Covid 19 (SARS COV 2). Formação do Jornalista. Convergência Digital.

ABSTRACT

This research aims to discuss the training of telejournalism professionals in the face of new demands of their profession. To this end, we sought to present the historical context of telejournalism and the changes that have occurred with the advent of the internet, highlighting the importance of the journalist's academic training and diversities from the work world. This highlights the teaching of telejournalism and the challenges for teachers and students, with a view to discussing the challenges of the Pandemic Covid 19 (SARS COV 2) and the changes in the way of teaching, informing, and learning, which raises the issue of teaching in higher education and the increasingly necessity of digital technologies use. A qualitative and descriptive research was carried out using as a methodological procedure, a semi-structured questionnaire on the Google Forms platform. Four professors and four students from the discipline of telejournalism participated in the research, representing the five courses of Journalism from universities that are part of the Catarinense Association of Educational Foundations (Acafe). As a result, it was found that technology is part of teaching, even after the pandemic. However, investments are needed for universities to be able to bring this technology into the classroom. In addition, the discipline of telejournalism needs to prepare students during their training in such a way as to include theory, but above all, practice, and technique for working in television. Similarly, it has also been shown that the way of communicating is important for disseminating information. Thus, new provocations are generated, with an increasingly challenging work field, emphasizing the training of these professionals and the need to combine technology with teaching.

Keywords: Telejournalism. Pandemic Covid 19 (SARS COV 2). Journalist training. Digital convergence.

LISTA DE SIGLAS

Acafe - Associação Catarinense das Fundações Educacionais

EAD - Educação à Distância

Fenaj - Federação Nacional dos Jornalistas

Furb - Universidade Regional de Blumenau

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes da Educação Nacional

OMS – Organização Mundial de Saúde

Uniplac - Universidade do Planalto Catarinense

Univali - Universidade do Vale do Itajaí

Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina

Unochapecó - Universidade Comunitário da Região de Chapecó

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA UTILIZADA E ABORDAGEM TEÓRICA.....	21
3 TELEJORNALISMO: QUANDO TUDO COMEÇOU NO BRASIL	24
3.1 TELEJORNALISMO E AS MUDANÇAS COM A DIGITALIZAÇÃO TECNOLÓGICA	29
4 A PANDEMIA DA COVID-19 E NOVAS ESTRATÉGIAS NA INFORMAÇÃO.....	33
5 A FORMAÇÃO ACADÊMICA DO JORNALISTA	36
5.1 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE JORNALISMO ..	40
6 JORNALISTA DE TV: A PREPARAÇÃO NA ACADEMIA PARA O MUNDO DO TRABALHO	51
6.1 DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E A TECNOLOGIA: TEORIA, PRÁTICA E TÉCNICA.....	55
7 A DISCIPLINA DE TELEJORNALISMO E OS OBSTÁCULOS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.....	66
8 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA.....	72
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO	102
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO	103
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	104

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação emerge da vivência que tenho como repórter e professora da área. Atualmente, trabalho na empresa NSC Comunicação (Nossa Santa Catarina), afiliada da Rede Globo. Também sou docente do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade do Planalto Catarinense – Uniplac.

A humanidade foi surpreendida e ficou perplexa com declaração de Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), que elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)¹. No contexto vivido de mais de dois anos de pandemia de Covid-19, observa-se o quanto esse momento impactou a vida das pessoas, de empresas, nos campos da saúde, educação e economia, por exemplo. As profissões também sofreram mudanças nesse período, sendo uma delas a que é tematizada nesta dissertação: o jornalista de televisão.

Nesse cenário de tantas novidades e mudanças, foi preciso aprender a trabalhar com a tecnologia, a exemplo de celulares, *notebook*, e ainda aplicativos e softwares, reinventar-se para que o principal foco, a informação, chegasse de forma clara aos interlocutores. Nunca se trabalhou tanto e com diferentes ferramentas para informar a população. Segundo os autores Emerin, Pereira e Coutinho (2020), foi durante a pandemia que o noticiário televisivo voltou a ser consumido com mais frequência. Em abril de 2020, atingiu o auge da audiência através da cobertura do novo Coronavírus (COVID-19).

Vale ressaltar que esse foi um período no qual esses profissionais precisaram adaptar-se sobretudo na forma de buscar e levar a informação. Assim, ganha destaque a formação acadêmica do jornalista, especialmente em relação aos avanços tecnológicos, sendo que a partir deles engendram-se novos desafios que passam a exigir avaliações rigorosas e inovações no telejornalismo, em um processo imposto pela profissão.

Sendo assim, com o propósito de discutir sobre a formação do profissional de telejornalismo frente às novas demandas em sua prática profissional na contemporaneidade e de convergência digital, onde a informação está em diversas telas, e não somente no aparelho de televisão, é que esta pesquisa se fundamenta. Afinal, sabemos que o jornalismo é um dos

¹ SARS¹ - Síndrome Respiratória Aguda Grave “O Sars-CoV-2, causador da Covid-19, é chamado de “novo” coronavírus porque ele faz parte de uma família maior, que possui membros já conhecidos pelos cientistas. Alguns desses familiares provocaram doenças em seres humanos – chegando a gerar surtos. Porém, não se disseminaram a ponto de resultar em uma pandemia como a que estamos vivendo agora”. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/as-diferencas-e-semelhancas-entre-o-sars-cov-2-e-outros-coronavirus/> Acesso em: 12 set. 2021.

serviços essenciais no enfrentamento, não apenas da Covid-19, mas de outros problemas e das mazelas diárias, de fatos reais e de *fakes* que simulam e insistem em ser notícia. O Jornalismo é uma das formas de (re)conhecimento que permite um ser e estar no mundo, cada vez mais a partir das telas. Além de cumprir um papel fundamental para a circulação de informações de interesse público, ele também é objeto de estudos, pesquisas e confrontos com as teorias.

Em março de 2020, um vírus parou o mundo. O nome “Coronavírus” estava nos principais jornais de todo o planeta. No início, pouco se sabia sobre esse vírus que surgiu em Wuhan, na China. Porém, a velocidade com que ele era transmitido e a gravidade dos casos eram assustadoras. Desse modo, as pessoas foram “obrigadas” a ficar em casa, máscaras viraram acessórios indispensáveis, assim como a utilização do álcool em gel para a constante higienização das mãos.

Novos hábitos e rituais alteraram o cotidiano das pessoas. Empresas tiveram que fechar as portas, muitas nem voltaram a abrir novamente. Outras alteraram a rotina de seus trabalhadores, houve mudanças de locais de trabalho, do escritório para a condição *home office* ou na forma de trabalho híbrido, uma modalidade que pode se escolher qualquer lugar para exercer o trabalho, em casa ou fora desse espaço. É fato que, com o passar dos dias, muitas pessoas até cansaram de assistir à televisão, de ouvir e ver tantas informações sobre a Covid-19, o que ocorreu pelo estresse causado pelo número de óbitos crescente a cada dia.

No Brasil, alcançamos a cifra trágica de 700 mil óbitos, em 28 de março de 2023, segundo dados do Ministério da Saúde. Cada número desses milhares representa pessoas, crianças, adolescentes, jovens, homens, mulheres, pais, mães, filhos e famílias. Entretanto, mesmo diante de tanta tragédia e dificuldades, os profissionais da imprensa estavam a postos, para cumprir o dever de informar.

Para demonstrar mais especificamente tudo isso, vamos trabalhar com os autores como Emerim, Pereira e Coutinho (2020), que trazem à tona quão desafiador foi trabalhar nesta profissão em tempos de pandemia, principalmente no início, quando tudo era uma incógnita. Por meio do jornalismo diário que orientações eram repassadas à população e foi também a partir dele que se viu crescer uma batalha no combate às notícias falsas. Afinal, “retratar essa emergência tornou-se um desafio gigantesco para repórteres de todo o mundo” (Emerim, Pereira; Coutinho, 2020, p. 14).

Nesse ponto, evidenciamos que além das informações, foi preciso ainda adaptar a forma de transmitir a notícia. O padrão imposto com regras para levar a informação aos telespectadores foi reformulado. Assim como os profissionais da saúde, no jornalismo, o trabalho não parou nem por um instante. Era preciso criar meios de informar, de fazer a notícia

chegar até a casa de milhares de pessoas. Com o *lockdown*² para os jornalistas, que passaram a trabalhar em *home office*, mais um desafio estava posto: a improvisação do trabalho. As casas viraram estúdios, computadores, celulares transformaram-se em câmeras e fones de ouvido, em microfones. Aprender a captar imagem e som e contar com ajuda da internet para isso nunca foi tão importante e imprescindível em uma cobertura jornalística. Todo esse contexto é detalhado a seguir:

No Brasil, diversas medidas foram adotadas pelos estados e municípios, como o fechamento de escolas e comércios não essenciais. Trabalhadores foram orientados a desenvolver suas atividades em casa, alguns municípios e estados encerraram-se em seus limites e divisas. Autoridades públicas locais chegaram a decretar bloqueio total (*lockdown*), com punições para estabelecimentos e indivíduos que não se adequassem às normativas (Malta, 2020, p. 2).

Diante disso, demonstramos aqui a importância da formação do jornalista para lidar com a convergência digital e a influência das constantes mudanças tecnológicas. Nessa perspectiva, a educação está conectada a todas as profissões e, no telejornalismo, o desafio é ainda maior, uma vez que levar informações requer um profissional cada vez mais estudioso e qualificado.

Dessa forma, para consolidar esta pesquisa, apresentamos, no último tópico deste trabalho, o resultado do instrumento aplicado aos participantes da pesquisa, isto é, os profissionais e estudantes do jornalismo aqui evidenciados como professores de curso superior do jornalismo e os acadêmicos da área. Sob esse viés, consolida-se uma pesquisa qualitativa que será realizada através de bibliografias sobre o tema em questão e a partir da aplicação de questionários.

Com isso, trazemos nas aferições indícios de como está se desenvolvendo a formação dos jornalistas no cenário atual e os desafios dessa profissão. Do mesmo modo, é possível responder às indagações desta pesquisa a respeito de como preparar o profissional do jornalismo para lidar com essas mudanças, bem como o que podemos tirar de positivo da cobertura jornalística da pandemia para nos auxiliar nesse processo de transformação midiática, ou seja, transformar tudo isso em aprendizado e reflexão.

Considerando o exposto acima, o presente estudo se orienta pela seguinte questão de pesquisa: **Quais os desafios dos professores do curso de graduação em Jornalismo com**

²Define-se o *lockdown* como uma das medidas de distanciamento social. O bloqueio total (como o termo foi traduzido) consiste em cercar um determinado perímetro (estado, cidade ou região), interrompendo toda atividade por um breve período de tempo (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

vistas à prática profissional do telejornalista, na contemporaneidade e de convergência digital?

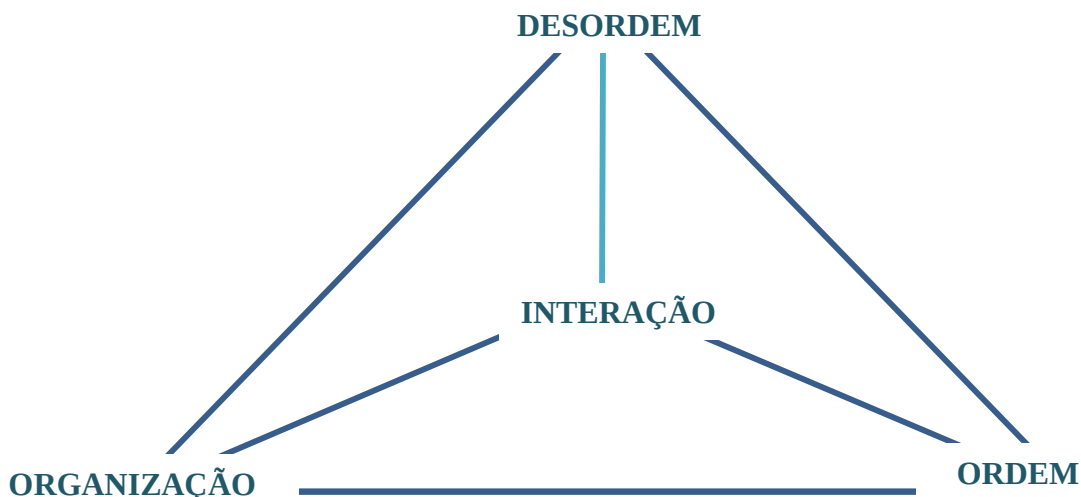
Consequentemente, a partir disso, formulamos o seguinte **objetivo geral** da pesquisa: Analisar os desafios para a formação do telejornalista e a convergência digital na contemporaneidade com vistas a trazer indícios para qualificação do ensino dessa formação.

Já como **objetivos específicos** destacam-se: a) Caracterizar o atual cenário de pandemia, pós-pandemia e convergência digital encontrado pelo profissional de telejornalismo; b) descrever os desafios da formação do profissional de telejornalismo frente às novas demandas em sua prática profissional na era pós-pandemia de convergência digital; c) discutir sobre as novas demandas e estratégias pedagógicas a serem incorporadas na formação acadêmica do jornalista correspondentes às necessidades e exigências contemporâneas.

Conforme discorre Köche (1997), o que leva o homem a produzir ciência é a busca por respostas dos problemas que levam à compreensão de si e do mundo em que ele vive. Assim, com base nas palavras do autor, pode-se dizer que o motivo básico da ciência é a curiosidade intelectual e a necessidade que o homem tem de compreender-se e de compreender o mundo em que vive.

Ademais, abordamos também as ideias de Edgar Morin (2006), que ressalta a complexidade de modo a evidenciar que quando um pesquisador se lança na compreensão de determinado fenômeno, à semelhança de todos os seres humanos em qualquer situação, envolve-se com todas as facetas que compõem sua condição humana, seja ela biológica, psíquica, social, afetiva e racional.

Nessa perspectiva teórica, elaborou-se uma representação da pesquisa a partir do circuito tetralógico proposto por Morin (2006):

Figura 1 – Circuito Tetralógico

Fonte: Morin (2016, p. 78).

A Figura 1, representa a complexa rede entre os descritores desta pesquisa, os elementos não lineares, a fractalidade e a teoria de redes. O circuito apresentado representa o movimento entre as partes e o todo, proporcionado pela interação, que apresenta-se como sendo a quarta dimensão do modelo. Assim, o modelo proposto demonstra que os termos ordem/organização/desordem orbitam e constituem o circuito tetralógico, por meio das dimensões conceituais da desordem, ordem, interação e organização.

O centro do fractal, segundo Morin (2016), simboliza as **interações**, sendo que nesta pesquisa se reconhece o Curso de Jornalismo como aquele que atrai as demais dimensões. Já a organização no modelo apresentado é o *lócus* da convergência digital que, para o autor, “[...] precisa de princípios da ordem que intervenham por meio das interações que a constituem” (Morin, 2016, p. 58). Por sua vez, o *lócus* da **ordem** é o nicho **jornalismo pós-pandemia**, que sofreu transformações, ou até mesmo metamorfoses para continuar cumprindo o papel de informar.

Nesse sentido, os *lócus* da organização e da ordem evoluem e complexificam-se ao movimentarem-se em direção à desordem. No fractal, a **desordem** apresenta a formação do telejornalista, caracterizando-se como a emergência deste estudo. “A emergência permite que compreendamos melhor o sentido profundo da proposição segundo a qual o todo é mais do que a soma das partes” (Morin, 2016, p. 141).

Complementarmente a isso, a seguir, a Figura 2 demonstra a concepção teórico-metodológica da pesquisa por meio do modelo fractal, de acordo com a Teoria da Complexidade:

Figura 2 – Concepção teórico-metodológica da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Nesse aspecto, destaca-se que a teoria da complexidade tem como um de seus principais autores Edgar Morin. Esse autor, ao pensar a educação para o século XXI, propôs os “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro” (2000):

- As cegueiras do conhecimento; o erro e a ilusão;
- Os princípios do conhecimento pertinente;
- Ensinar a condição humana;
- Ensinar a identidade terrena;
- Enfrentar as incertezas;
- Ensinar a compreensão; e
- A ética do gênero humano.

É importante ressaltar que, neste estudo, serão utilizados alguns dos saberes descritos por Morin (2000) para construir a análise dos resultados dos questionários que serão respondidos pelos participantes da pesquisa.

Por outro lado, para caracterizar o cenário de pandemia, pós-pandemia e tecnologia encontrado pelo profissional de telejornalismo, na primeira seção desta pesquisa, discorreremos

sobre a história do telejornalismo, abordando quando tudo começou no Brasil e como surgiram as mudanças com o advento da internet e a configuração do cenário atual.

No processo de conhecimento do SARS- CoV- 02, o trabalho do jornalista foi muito importante. Isso porque a disseminação de notícias falsas era rápida como o próprio vírus. Para garantir a notícia checada com credibilidade, jornalistas tiveram que se adaptar, de casa, com celulares, sozinhos para levar a informação à sociedade. Mudou substancialmente o modo de trabalhar deste profissional, como foi o nosso caso.

Mostramos que na contemporaneidade o profissional de telejornalismo tem o desafio de preparar-se para as novas tecnologias digitais e a influência das constantes mudanças, isso ficou ainda mais evidente na pandemia. Às novas gerações de jornalistas que estão ingressando e saindo da academia impõem-se inúmeros desafios e mudanças na profissão.

Nesse contexto, o telejornalismo no Brasil vem passando por uma constante transformação, com o advento da internet. Cada vez mais os profissionais precisam adequar-se às novas mídias e usá-las como ferramentas para ter um jornalismo mais dinâmico e interativo, para fidelizar o telespectador e ganhar mais audiência. A ideia de que a televisão está prestes a acabar e que algo novo deve surgir em seu lugar está ultrapassada. Frente a isso, é hora de pensar na retroalimentação e em confluência.

Por sua vez, a segunda seção desta dissertação discorre detalhadamente sobre a pandemia da Covid-19 e as novas estratégias da informação, abordando as mudanças ocorridas e o novo cenário do telejornalismo. Afinal, a maneira de cobrir os fatos, de entrevistar fontes, fazer imagens, de reportar os acontecimentos mudou com o distanciamento social. A sala de casa virou estúdio, o celular virou câmera e os aplicativos de conversa, um dos principais meios para se comunicar e gravar entrevistas com as fontes.

Sequencialmente, na terceira seção enfatizamos que é preciso identificar os desafios da formação do profissional de telejornalismo frente às novas demandas em sua prática profissional na era pós-pandêmica e de convergência digital. No momento em que a informação se mostrou ainda mais importante, deixamos de lado os paradigmas e teorias sobre o que pode e o que não pode ser praticado. O fato é que estamos indo além para combater a desinformação, de qualquer lugar especialmente com os recursos de que dispomos.

Assim, surgem muitas inquietudes, uma delas que apresento nesta pesquisa é sobre o que ficará dessa cobertura de pandemia: quais recursos continuaremos usando, com mais frequência, e como eles podem facilitar nossa comunicação e nosso contato com o telespectador? Nessa direção, mostramos que se torna imprescindível o aperfeiçoamento constante dos profissionais do meio. Adequar-se às inovações é algo que vem exigindo muito

estudo e pesquisa. Dessa maneira, ser um profissional pró-ativo passa a ser uma questão de sobrevivência na acelerada conjuntura das inovações tecnológicas.

Já na quarta seção, ressalta-se o jornalista de TV e a preparação na academia para o mundo do trabalho. Para tanto, são abordadas questões sobre a docência no ensino superior e as tecnologias, enfatizando a teoria, a prática e a técnica, com a intenção de buscar subsídios para dar suporte ao jornalista de televisão e acadêmicos da área. Da mesma forma, são destacados aspectos relacionados à necessidade de busca permanente pelo conhecimento para adequar-se às novas maneiras de se fazer telejornalismo. Por isso, torna-se indispensável discutir novos procedimentos na formação do jornalista em espaços escolares e extraescolares. Especificamente às universidades, apresentam-se desafios na preparação desses novos profissionais, com vistas a um mundo do trabalho cada vez mais digital.

Na quinta seção salienta-se a disciplina de Telejornalismo e os obstáculos no processo ensino aprendizagem. Aqui aponta-se um outro ponto importante na carreira de um jornalista de televisão, o curso superior de Jornalismo. Muitos são os debates que trazem à tona a relevância do diploma de jornalista. Nesta pesquisa, mostra-se como é essencial essa formação e qualificação nos bancos acadêmicos, pois estamos falando de profissionais que levam um dos principais tesouros da humanidade, a informação. Isso ficou ainda mais evidente frente à pandemia.

Desse modo, descrevemos as novas demandas e estratégias a serem incorporadas na formação acadêmica do jornalista, as quais se referem às necessidades e exigências contemporâneas trazidas pela profissão. Assim, justificamos que esta pesquisa é de suma relevância acadêmica e profissional, pois a sociedade precisa de profissionais do telejornalismo com formação crítica, reflexiva e de excelência, com vistas a enfrentar uma sociedade em constante transformação, sobretudo com respeito ao cidadão, em um Estado democrático de direito.

2 METODOLOGIA UTILIZADA E ABORDAGEM TEÓRICA

O presente estudo constitui-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva. Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, foi elaborado um questionário semiestruturado pela própria autora, na plataforma do *Google Forms*, contendo questões pertinentes aos objetivos geral e específicos da pesquisa. Segundo Gil (2008, p. 121),

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Tal método apresenta-se como um instrumento de reflexão teórico/prática e possibilita colocar a realidade do telejornalismo aparente em análise para que seja, pelos educadores, plenamente compreendida e superada, tornando-se, então, realidade concreta, pensada, interpretada em seus mais diversos e contraditórios aspectos. Dessa forma, os movimentos da dialógica podem ajudar nessa transformação. Para compreender melhor esse método, tem-se que:

A dialógica é importante para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, sabe-se que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isolados, sem suas influências econômicas, sociais, culturais e políticas. Desse modo, optou-se pela abordagem qualitativa, buscando o levantamento de informações sobre a educação no ensino superior, em especial na disciplina de Telejornalismo, para saber as motivações que levam o grupo a compreender e interpretar determinados comportamentos existentes na instituição, suas opiniões e as expectativas sobre a disciplina pesquisada. Diante disso,

É uma pesquisa qualitativa por ter caráter exploratório, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Na pesquisa qualitativa, os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados por meio de relatórios, levando-se em conta aspectos tidos como relevantes, como as opiniões e comentários do público entrevistado (Duarte, 2015, p. 01).

Uma das peculiaridades dessa pesquisa está na utilização de técnicas padronizadas para coletar os dados, como é o caso do questionário disponível nos anexos. Assim, o objetivo aqui não é obter números como resultados, mas a compreensão do fato que indicará caminhos para uma tomada de decisão sobre o problema pesquisado (Gil, 2008).

Sob esse viés, procura-se investigar para entender quais são os problemas que mais afetam o trabalho dentro de sala de aula e fora dela também, já que estamos falando da prática da docência no ensino superior, em uma disciplina onde, além, da teoria, a prática é fundamental. A intenção é compreender como ocorre o trabalho dos professores de Telejornalismo com a convergência digital e a ascensão da tecnologia, bem como quais suas dificuldades e materiais trabalhados nesse novo contexto pelo qual passa o jornalismo de televisão.

Para tanto, o questionário foi encaminhado a estudantes de jornalismo com a intenção de saber como está o ensino/aprendizado. A pesquisa também se baseou em autores que trazem elementos sobre o telejornalismo, a formação do jornalista, o ensino superior e a convergência digital. Todas as técnicas buscam analisar a realidade educacional vivenciada dentro das universidades para compreender o cenário, sendo que todos os métodos e os procedimentos adotados nesta pesquisa fundamentam-se na compreensão de que a realidade é dinâmica.

Diante da problemática apresentada, e com a intenção de responder à questão-problema, o questionário foi dividido entre os professores e estudantes da disciplina de Telejornalismo dos cursos de Graduação em Jornalismo de universidades de Santa Catarina que compõe o sistema Acafe (Associação Catarinense das Fundações Educacionais), sendo elas: a Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), a Universidade Comunitário da Região de Chapecó (Unochapecó), a Universidade do Vale do Itajaí (Univali), a Universidade Regional de Blumenau (Furb) e a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Dos dez questionários enviados, apenas dois não foram respondidos por um professor e um estudante. O detalhamento disso está no quadro abaixo:

Quadro 01: Instituições participantes da pesquisa

UNIVERSIDADES	RESPONDENTES	
	PROFESSORES	ESTUDANTES
Unochapecó	X	X
Univali		X
Furb	X	X
Unisul	X	
Uniplac	X	X

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A disciplina de Telejornalismo é um componente curricular obrigatório no curso, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Jornalismo, previstas desde 2009. Segundo o documento disponível no site do Ministério da Educação que trata do tema:

A organização curricular do Curso de Graduação em Jornalismo deve representar, necessariamente, as condições existentes para a sua efetiva conclusão e integralização, de acordo com o regime acadêmico que as Instituições de Ensino Superior (IES) adotarem: regime seriado anual; regime seriado semestral; sistema de créditos com matrícula por componente curricular ou por módulos acadêmicos, com a adoção de pré-requisitos; sistema sequencial, com o aproveitamento de créditos cursados por alunos oriundos de outras áreas do conhecimento (MEC 203/2009, p. 21).

O questionário foi enviado para um professor e um aluno do curso de Jornalismo de cada uma das cinco universidades descritas acima, que responderam às perguntas para obtermos suas percepções sobre os desafios do contexto atual e as inovações pedagógicas com vista à preparação do profissional do telejornalismo na contemporaneidade. Dessa maneira, para preservar a identidade dos professores e estudantes, os sujeitos da pesquisa foram referenciados pelas letras maiúsculas “P” e “E”, sucedidas por algarismos arábicos de um a quatro. Do mesmo modo, as universidades foram representadas pelas letras do alfabeto (A, B, C, D e E). Segue o detalhamento dessas representações no quadro abaixo:

Quadro 02: Denominações das universidades participantes e sujeitos da pesquisa

UNIVERSIDADES	PROFESSORES	ESTUDANTES
A	P1	E1
B	P2	E2
C	P3	E3
D	-	E4
E	P4	-

Fonte: Elaborado pela Autora (2023)

A comunicação foi estabelecida com os professores e estudantes na modalidade remota (on-line). Os questionários foram enviados por e-mails, com data e prazos devidamente estipulados e acordados para a sua devolução. Os dados recolhidos foram analisados segundo as orientações de Bardin, conforme aponta Triviños (2015), organizados em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

3 TELEJORNALISMO: QUANDO TUDO COMEÇOU NO BRASIL

No Brasil, o telejornalismo surgiu em 1950, sendo que Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo foi o protagonista dessa história:

Em mais uma jogada aventureira, Assis Chateaubriand decidiu trazer os técnicos norte-americanos da RCA para implantar a televisão no Brasil. Importou também os equipamentos; uma antena foi instalada no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo para retransmitir as imagens que viriam dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados. (Paternostro, 1999, p. 27).

A história do telejornalismo no Brasil se confunde com a chegada da televisão no país. Um dia depois de iniciar as transmissões para mais de 100 televisores na cidade de São Paulo, através do canal 3, o primeiro telejornal foi exibido. Já no dia 19 de setembro de 1950, a TV Tupi transmitia o jornal “Imagens do Dia”. Comandado por Mauricio Loureiro Gama, durava o tempo suficiente para mostrar os acontecimentos do dia. As imagens iam ao ar sem edição, a linguagem também era mais radiofônica. Por isso, alguns programas de sucesso no rádio acabaram indo para a TV (Paternostro, 1999). Além disso,

O programa de maior sucesso da década de 1950 o “Repórter Esso” se transformou num grande sucesso na TV. O ícone do rádio foi transmitido pela primeira vez na TV, em 1º de abril de 1952, apresentando 33 minutos de duração. Com a frase “Aqui fala o seu Repórter Esso – testemunha ocular da história”, o gaúcho Gontijo Teodoro comandava o programa. Ao longo de 18 anos, essa chamada colocava os brasileiros na frente da TV (Melo, 2009, p. 2).

Na época, poucas pessoas tinham acesso a aparelhos de TV, o valor era alto, justamente por ser novidade e não ter produção em grande escala. De acordo com Piccinin (2008), na trajetória do telejornalismo dois modelos distintos eram traçados entre os Estados Unidos e a Europa. Segundo o autor, o jornalismo brasileiro era criado conforme as normas e padrão americano, pautado pela defesa da objetividade e imparcialidade. Já o jornalismo europeu tinha um posicionamento, muitas vezes, preso ao estado. Por conta disso, nunca se admitiu imparcial e objetivo, por conhecer essa impossibilidade (Piccinin, 2008).

Com o passar do tempo, a mídia foi ganhando mais importância e a televisão ficou mais popular e acessível. Segundo Piccinin, (2008) a TV é o centro de excelência, pois “está na sala e no lugar mais privilegiado da estante”. Segundo o autor, a televisão foi ganhando cada vez mais espaço nas casas das pessoas. Em 1999, eram 53 milhões de aparelhos. Dados de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2016 mostra que esse número subiu para 102.633 milhões de aparelhos.

Na mesma direção, os televisores tubo também foram sendo substituídos por televisões digitais, de tela fina. Novas tecnologias foram sendo incorporadas e, com elas, a inovação no modo de fazer jornalismo de televisão. Atualmente, a concorrência não é só entre as emissoras de TV, mas também com plataformas digitais, a internet e o *streaming*. Por isso, o telejornalismo precisou se inovar e contou com a pandemia para dar esse impulso ainda maior.

No entanto, antes de entrar nessa questão é importante lembrar que quando televisão chegou ao Brasil era um dos principais meios de informação, junto com o rádio e o impresso. Afinal, era através dos telejornais que a população ficava sabendo dos fatos do cotidiano. Sendo assim, os programas jornalísticos traziam muito a essência do rádio, começando pela linguagem, com frases mais longas, que traziam detalhes sobre os acontecimentos, com muitos adjetivos. Na época, o programa de mais sucesso saiu do rádio para a televisão. Era o chamado “Repórter Esso”, que foi transmitido pela primeira vez no dia 1^a de abril de 1952. Com a frase “Aqui fala o seu Repórter Esso – testemunha ocular da história”, o gaúcho Gontijo Teodoro comandou o programa por 18 anos.

De acordo com Guilherme Jorge de Rezende (2000), os primeiros telejornais não tinham tanta qualidade, justamente por ausência de recursos técnicos. No geral, os programas eram apresentados por pessoas que vieram do rádio. As notícias veiculadas em muitos desses telejornais também tinham cunho comercial, pois os textos veiculados na programação dependiam da aprovação dos patrocinadores.

A televisão foi, então, ganhando mais espaço na vida das pessoas e se aproximando mais do modelo americano. Segundo Mattos (2000, p. 126) *apud* Piccinin (2008) o modo de se fazer televisão no Brasil “Sofreu influências tanto na estrutura comercial como na produção importada dos Estados Unidos não apenas programas, mas ideias, temas, roteiros e técnicas administrativas”.

Posteriormente, no início da década de 1960, recursos tecnológicos começaram a fazer parte do cotidiano dos telejornais. Aos poucos, a TV foi ganhando mais dinamismo nos bastidores. A chegada do videotape (equipamento que gravava imagens que seriam transmitidas posteriormente em fitas VHS) permitiu às emissoras que criassem reportagens mais completas e interessantes, por conta da nova tecnologia. Aliás, à medida que os avanços tecnológicos iam sendo introduzidos nas emissoras, os conteúdos (reportagens) iam ficando cada vez mais interessantes e atraentes para o público.

Nessa perspectiva, Rezende (2000) lembra que o marco da mudança foi o “Jornal de Vanguarda”, da TV Excelsior, que trazia na concepção do telejornalismo a participação de jornalistas como produtores e apresentadores das notícias. Esse jornal chegou a ser premiado

na Espanha como o melhor jornal do mundo, em 1963. Entretanto, o programa não resistiu ao Golpe Militar de 1964 e acabou depois da publicação do Ato Institucional nº 5.

Havia a necessidade do cuidado no uso das palavras, uma vez que as questões políticas poderiam influenciar positiva ou negativamente para os telejornais e suas emissoras. Quando alguém se atrevia a ultrapassar a linha da ditadura, apresentando notícias “inconvenientes”, estava sujeito ao risco de perder o direito de transmissão de telejornais. Eram tempos difíceis, quando os repórteres eram punidos duramente sempre que ultrapassavam o limite do “poder” e incomodavam os militares (Mello, 2009, p. 3).

Nesse aspecto, Rezende (2000) também lembra como a Ditadura Militar engessou o jornalismo de televisão. Aquele modelo americano em que os apresentadores eram também produtores das notícias foi mudando:

A televisão brasileira terminava a década cada vez mais alicerçada em três vertentes dos programas de entretenimento de grande apelo popular: as novelas, os enlatados (filmes e séries em sua maioria procedente dos Estados Unidos) e os shows de auditório. No telejornalismo, dois fatos assinalam o começo de uma nova fase: a criação do Jornal Nacional, na Rede Globo de Televisão e o fim do legendário Repórter Esso, na já combalida TV Tupi, depois de anos e anos de existência, muitos dos quais como líder de audiência na televisão brasileira (Rezende, 2000, p. 109).

Por sua vez, em 1969, a TV Globo colocou no ar o primeiro telejornal transmitido em rede nacional, o Jornal Nacional (JN), sendo um marco para a televisão. Em setembro, foi transmitido ao vivo para seis cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, através do sistema de satélite construído com verba arrecadada pelo Fundo Nacional de Telecomunicações.

Nesse processo, “A primeira empresa a dispor de videoteipes foi a Rede Globo, com o apoio financeiro adquirido graças ao polêmico acordo com o grupo Time-Life. Nas demais emissoras, a chegada da tecnologia foi lenta e gradual”. (Coutinho, 2003). Idealizado por Armando Nogueira, o telejornal tinha duração de 15 minutos, e ao contrário do Repórter Esso, que terminava o jornal com uma notícia forte, o JN preferia a linha editorial mais leve ou pitoresca para dar o boa-noite de despedida aos telespectadores.

Foi através do Jornal Nacional que o modelo de telejornal no Brasil que conhecemos atualmente foi se moldando. Um dos exemplos foi a exibição das falas dos entrevistados, pois até então os telejornais da época não tinham som direto. O JN também foi muito criticado na época do Regime Militar.

Há estudiosos que afirmam que na década de 1970 o telejornal ignorava problemas nacionais. Em defesa do JN, a emissora explica em seu site que o noticiário também sofreu com a censura, justificando desta forma a não abordagem ou o enfoque parcial dado a alguns temas, como o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, o discurso do papa Paulo VI sobre os dez anos da encíclica *Populorum progressio* e a missa de sétimo dia do ex-presidente João Goulart - estes dois últimos fatos teriam tido a veiculação proibida (Maia, 2011, p. 6).

Ainda para Maia (2011), ao longo da trajetória do Jornal Nacional ele foi se remodelando e ganhando cada vez mais espaço na vida dos telespectadores. Algumas coberturas ganharam a academia e a sociedade, dentre elas “a cobertura da Campanha pelas Diretas Já, em 1984, e o debate entre os candidatos à presidência do Brasil, Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva, em 1989” (Maia, 2011).

Posteriormente, com o fim da Ditadura Militar, o jornalismo passou a mostrar mais os problemas da população, as deficiências do poder público e, assim, consolidou-se como veículo de comunicação com grande apelo do público.

A TV como lugar nada mais é que o novo espaço público, ou uma esfera pública expandida. [...] se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria. A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia (Bucci, 2000, p. 31-32).

Na década de 1990, foi a internet que deu um salto. Começou ali uma nova forma de informar. “A chegada da internet, por exemplo, na década de 1990, permitiu que os programas telejornalísticos disponibilizassem, aos poucos, o conteúdo diário dos telejornais em suas páginas na rede. Essa ação contribuiu para o aumento do fluxo de informações entre o público” (Mattos, 2009).

O advento da internet facilitou a disseminação das notícias através de redes sociais e aplicativos de conversas e, junto com isso, propagaram-se as notícias falsas, as chamadas de *Fake News*. Frente a isso, o jornalismo passou a ter cada vez mais o desafio de combater essas informações falsas e lidar com a perda da credibilidade.

Assim, a TV e os noticiários no Brasil assumem um papel de conservação das relações de poder e, com isso, têm uma relação forte com assuntos decisivos da sociedade. Conforme discorre Sebastião Squirra (1989, p. 12) “como a televisão é tão imediata e atinge uma audiência tão vasta, com uma eficiência tecnológica surpreendente, ela parece capaz de tudo, inclusive de mostrar a verdade em momentos em que ela necessariamente não pode ser conhecida”. Ademais, “Principal meio de informação dos brasileiros, os telejornais suprem uma função pública no Brasil, país marcado pela desigualdade no acesso a bens de consumo e também a direitos essenciais como educação, saúde e segurança” (Coutinho, 2009, p. 65).

Na atualidade, a definição do telejornalismo vem sendo consolidada como o jornalismo produzido pela e para as telas (Emerin, 2016; Emerin; Finger; Cavenaghi, 2017), algo fomentado principalmente pelo fenômeno da convergência digital em um ambiente de produção cada vez mais multiplataforma.

A respeito disso, para Beatriz Becker (2004), os noticiários delimitam um espaço simbólico onde acompanhamos, julgamos e construímos o cotidiano da nação. Porém, esse processo desenvolve-se sob o olhar de âncoras, repórteres e editores, junto às diversas transformações tecnológicas.

De acordo com levantamento do Ibope Mídia, o aparelho de televisão é prioritário no dia a dia de 77% dos entrevistados, mais que o celular (70%) e o computador com internet (58%) (Meio & Mensagem, 2011, p. 3). Diante disso, para Cannito (2010), mesmo com o crescimento das chamadas novas mídias, a televisão ainda é um dos principais acessos à informação de muitos brasileiros. “[...] O conteúdo televisivo permanecerá e [...] terá mais audiência que qualquer outro tipo de conteúdo audiovisual de qualquer outra mídia. Por um motivo muito simples: a televisão visa às grandes audiências genéricas, enquanto a internet e o celular visam ao conteúdo segmentado” (Cannito, 2010, p. 26).

Ainda, de acordo com Cannito (2010), a tecnologia digital não está ligada apenas à internet, pois é maior do que ela, uma revolução para todas as mídias. Em aproximação a isso, para Jenkins (2009), nas mídias tradicionais os receptores eram considerados, muitas vezes, apenas como consumidores passivos, previsíveis, estáveis e até leais a algumas empresas. Agora, devem ser pensados como usuários ativos, migratórios, conectados socialmente e, por isso mesmo, receptores barulhentos. E acrescenta: “Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.” (Jenkins, 2009, p. 29).

Dessa forma, compreende-se por convergência digital:

Uma integração de mídias que se convergem para interagir em um único ambiente. Telefone móvel, televisão, rádio, jornal são programados para interagir e transmitidos em um único canal, gerando um comunicação multicanal. TV, rádio, celular e internet passam a interagir de uma forma não-linear em um único ambiente, sem que o usuário tenha que migrar de uma mídia para outra. Essas mídias e canais vão passar a transmitir seu conteúdo de forma integrada (Wikipédia, 2020).

Já que a televisão está longe de desaparecer, como afirma Cannito, é preciso adaptar-se para esse novo tempo. O sucesso parece estar em produzir conteúdos suficientemente complexos, para atuar em todas as mídias, ao mesmo tempo (Cannito, 2010). A televisão vem

estabelecendo um padrão de qualidade e reconhecimento mundial. No telejornalismo, as rotinas de produção, os valores de noticiabilidade e a estética dos conteúdos são aceitos plenamente pela audiência. Tudo isso deve ser levado em conta na produção da informação audiovisual para outros dispositivos de recepção.

3.1 TELEJORNALISMO E AS MUDANÇAS COM A DIGITALIZAÇÃO TECNOLÓGICA

Se no início de tudo ter informações significava ter uma televisão ou rádio em casa, com o passar do tempo esse cenário traz mudanças. A chegada da internet foi o primeiro marco para isso. O avanço tecnológico modificou os espaços tradicionais de circulação das notícias. “Mais do que isso, o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana” (Thompson, 1998, p.77).

Cabe ressaltar que o acesso à internet e a popularização do telefone celular deram aos telespectadores uma nova função dentro do jornalismo, pois eles deixaram de ser passivos (quando só consumiam as notícias através das mídias tradicionais), para serem ativos (participando, inclusive dos jornais através de vídeos e mensagens enviados pelo celular).

Desde 1950 quando chegou ao Brasil, a televisão teve vários avanços. Passou de preta e branca para televisão em cores, na década de 1970. Já a partir de 1990, a internet começa a ser uma realidade e, aos poucos, torna-se ferramenta para buscas de informação. Posteriormente, nos anos 2000 foi possível utilizar essa tecnologia para contribuição no processo técnico, equipamentos de externas foram se atualizando com a modernização, a internet possibilitou levar o telespectador para diversos lugares, tudo ao vivo, com equipamentos menores, mais tecnológicos que facilitaram a vida dos profissionais.

Em 2020, a tendência multimídia ficou ainda mais evidente. Bastava ter um celular e a internet para falar com o mundo. Até mesmo a televisão precisou adaptar-se a esse novo sistema:

A geração que a conheceu em preto e branco, que viu a chegada das cores, o *frisson* da tela plana, a implantação da TV digital, agora se vê diante de novas possibilidades de se entreter e de se informar a partir da convergência das mídias. O termo se tornou popular após o lançamento do livro *A cultura da convergência*, do pesquisador norte-americano) (Coimbra, 2018).

Nesse aspecto, a tecnologia trouxe agilidade e facilidade, tirou profissionais da zona de conforto e a internet abriu fronteiras para o mundo. Com isso, novas mídias foram surgindo com o avanço dessa tecnologia. Atualmente, por exemplo, o *streaming* tornou-se um dos principais concorrentes da TV aberta. Na era tecnológica as telas tornaram-se presentes na vida das pessoas. Além disso, o poder de escolha dos conteúdos aumentou e trouxe essa liberdade, mas também desafios para a televisão aberta.

Em virtude do aumento do número de mídias disponíveis e da multiplicação de conteúdos audiovisuais e de suas possibilidades de acesso, seja na internet, nos canais *on demand*, como a Netflix, no Youtube ou nos celulares e tablets, o que não significa que os telejornais tenham deixado de ser assistidos em outras telas de dispositivo fixos ou móveis (Becker, 2016, p. 38).

Mesmo com o crescente número de aparelhos ligados, a televisão aberta ainda é a mais assistida entre os brasileiros. A pesquisa realizada pelo instituto Kantar Ibope Media, em dezembro de 2022, mostra que 75,7% do público consumiu TV aberta durante o período (dezembro), seguido de 11,1% da TV paga, 7,6% do *YouTube* e 5,6% dos *streamings*, sendo que a *Netflix* obteve 4,2% e o *Amazon Prime Video* teve o pior índice: 0,45% (Kantar, 2022).

Isso mostra que mesmo diante de novas possibilidades e formatos, a concorrência aumentou, porém, a TV aberta ainda continua ligada na maioria das casas dos brasileiros. No entanto, para manter esse cenário e diante das novas demandas, o telejornalismo e a tecnologia precisaram aproximar-se cada vez mais, o que tem influenciado na forma como as notícias são produzidas, entregues e consumidas. Nos últimos anos, as emissoras de televisão investiram em tecnologias que permitem a produção de matérias ao vivo de qualquer lugar do mundo, com qualidade de imagem e som cada vez mais aprimoradas.

Além disso, a utilização de *drones* e câmeras de alta resolução tem possibilitado uma cobertura mais abrangente e aprofundada de eventos, como desastres naturais, protestos, entre outros. Outro aspecto importante é a forma como a tecnologia tem permitido uma maior interação entre os telespectadores e as equipes de jornalismo. Atualmente, é possível enviar fotos, vídeos e comentários diretamente para as emissoras através do celular, o que permite uma maior participação do público na produção das notícias. Dessa forma,

O incremento das contribuições do público tende a produzir uma reconfiguração das relações de poder entre produção e recepção, e já é possível observar que esses dinâmicos processos de comunicação intervêm nas estruturas das empresas de mídias tradicionais e nos ciclos de produção de notícias em áudio e vídeos, aqui e em outros países (Becker, 2014 *apud* Becker, 2016, p. 62).

O advento das novas tecnologias também é evidenciado por Silva (2019). Com a força das redes sociais, da internet e dessa inteição com o público, o jornalismo de TV ficou cada vez mais participativo e inclusivo:

As tecnologias digitais trouxeram grande mudança para a rotina produtiva do jornalismo. Além de facilitar a circulação da informação, bem como o acesso e a conexão entre pessoas de todo planeta, a internet é um importante instrumento de pesquisa. Sem dúvida, uma das grandes mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo televisivo foi trazida pela edição não-linear. Todo o trabalho foi revisto: padrões de enquadramento, cor, iluminação, ângulos, captação de áudio. As etapas de produção viveram a adaptação ao formato digital. A edição não-linear também possibilitou que fossem agregadas informações visuais (grafismos) às notícias, de forma a oferecer mais clareza aos dados mais difíceis de serem entendidos por grande parte da população. Essa operação exigiu uma sintonia entre os vários profissionais envolvidos no processo: o editor de texto, o editor de imagem e o editor de arte (Silva, 2019, p. 30).

Diante desse novo contexto, a comunicação ganha aliados, mas também desafios de combater as notícias falsas, as chamadas *Fakes News*, isso porque elas também chegam com mais facilidade até a população. Desse modo, o processo de apuração precisou ficar ainda mais cuidadoso. Se antes tudo o que chegava às redações já necessitava de apuração, agora essa checagem tende a ser ainda mais minuciosa, tudo para manter a responsabilidade com a informação ética e verdadeira.

O fato é que com o avanço da tecnologia e das novas mídias, a cultura da desinformação também avançou. Segundo Kakutani (2018), ela é a essência da era pós-verdade, pautada em crenças e informações falsas. Na mesma direção,

Para o pesquisador americano AvivOvadya, da Tow Center para Jornalismo Digital da Universidade de Columbia, a associação da cultura da desinformação à tecnologia (deepfakes) estaria nos levando ao Infocalipse (apocalipse da informação), ou seja, uma civilização que não será mais capaz de distinguir entre a verdade e a mentira, cenário este que trará danos sérios à democracia (Aguia; Roxo, 2019, p. 3).

A popularização das redes sociais, faz com que a disseminação de notícias seja mais rápida. Porém, abre espaço para que pessoas sem conhecimento, sem critérios, apenas pela busca por cliques, possam publicar e enviar notícias sem o mínimo de checagem, colocando em cheque a credibilidade do jornalismo.

Seja no que diz respeito à circulação de opiniões ou de informações, as novas mídias aparecem como espaços potenciais de democratização da comunicação, uma vez que, com a liberação da emissão, permitem o acesso de novos agentes tanto à esfera da visibilidade pública quanto à esfera do debate público, que estão intrinsecamente conectadas. Essa maior pluralidade faz com que mais visões de mundo circulem nas sociedades, diminuindo a concentração do poder de influência que os meios de comunicação de massa historicamente tiveram sobre a opinião pública (Medeiros; Lôrdelo, 2012, p. 45).

Dessa maneira, com tanta informação circulando, o desafio do jornalismo passou a ser ainda maior. A cultura da desinformação já causou impactos no mundo, influenciando em disputas eleitorais no Brasil e colocando em risco a cultura da vacinação. Por isso, é preciso que o jornalista, seja ele de TV ou não, tenha a responsabilidade de combater as *fakes News* com dados e provas, uma vez que a reputação e a confiança jornalística são fundamentais para a continuidade do trabalho. Ademais,

As novas tecnologias da comunicação trouxeram transformações para o campo jornalístico; mudanças estas que fizeram surgir o conceito de jornalismo em rede. Em paralelo, as mídias sociais permitiram um novo processo de produção, veiculação e propagação de informações totalmente independente das empresas jornalísticas. Dentro deste cenário, temos desde iniciativas jornalísticas de qualidade e com modelos de negócios não comerciais, conteúdos amadores (jornalismo cidadão) e o fenômeno da desinformação – que busca desde a audiência fácil através de conteúdos sensacionalistas até a mobilização da opinião pública, especialmente na esfera política (Aguia; Roxo, 2019, p. 21).

Saber trabalhar com as novas mídias é preceito indispensável para um profissional da área. Assim, tem-se o maior exemplo de que é importante estar alinhado às tecnologias, mas sem esquecer do primordial, que é a informação isenta, com correção, como aconteceu na era da pandemia de Covid-19 e será detalhado na seção a seguir. Afinal, o ano de 2020 foi desafiador para os profissionais que precisaram adaptar-se para dar continuidade ao trabalho e cumprir a principal missão de um jornalista, isto é, levar informação para a sociedade.

4 A PANDEMIA DA COVID-19 E NOVAS ESTRATÉGIAS NA INFORMAÇÃO

Em março de 2020, o Brasil viveu a maior crise sanitária do século XXI, o vírus da Covid-19 deixou em estado de alerta o mundo. Pouco se sabia sobre o vírus Sars-Cov-2, só se tinha uma certeza, ele poderia levar à morte. Formas de prevenção, contenção do vírus e diagnóstico eram informações disseminadas a todo o tempo. Por alguns meses, o foco de tudo foi a pandemia do Coronavírus.

Os jornais tiveram que montar estratégias para que a notícia chegasse até a população e para combater as notícias falsas que eram disseminadas como o próprio vírus. A partir desse contexto, começa a estabelecer-se um novo jeito de informar, principalmente na televisão.

Surgiram novos protocolos de segurança para as gravações. Repórteres passaram a usar máscara e agora são os próprios entrevistados que seguram o microfone. Tudo para evitar a transmissão do vírus. Foi necessário também reduzir o número de pessoas nas redações para manter o distanciamento. Muita gente passou a trabalhar em *home office*, o que exige adaptação e disciplina. O público já se acostumou às entrevistas feitas pela internet (Emerim; Pereira; Coutinho, 2020, p. 15).

Foi um tempo em que a polarização da política deixou ainda mais difícil o combate ao vírus e às informações falsas. De um lado, surgiam receitas caseiras, medicamentos milagrosos, movimentos antivacina, que tentavam ganhar o público sem nenhum embasamento científico. E do outro a ciência, que trabalhava para descobrir o que era o coronavírus, combater a doença, disseminar formas de prevenção e viabilizar a produção da vacina contra a Covid-19.

Em um mundo de várias versões é preciso ouvir atentos todas elas, mas, nesse caso, a ciência era a fonte mais confiável, afinal, foi através da ciência que a paralisia infantil (poliomielite) foi erradicada por meio da vacina, foi através de estudos científicos que um remédio para malária pôde ser criado e que a insulina foi descoberta. Por isso que levar a informação baseada na ciência sempre foi primordial. Uma sociedade que perde a confiança na capacidade de conhecer a realidade é uma sociedade que se aliena e se torna extremamente vulnerável à fragmentação (CARVALHO, 2020).

Nesse contexto, fazer coberturas sobre o coronavírus exigiu dos profissionais muita resiliência, persistência e paciência. Além de se ancorar na ciência para se obter dados e informações precisas, foi necessária muita pesquisa, aprofundamento de conteúdo, bem como a checagem e o cuidado com a informação e a imagem. Dados novos chegavam o tempo todo sobre os números de mortes, recuperados, decretos, restrições. Era preciso saber lidar com números superlativos, com informações truncadas. Assim, além de ter a notícia como o foco principal era preciso organizar como essa notícia seria dada. Na televisão, onde o recurso de

audiovisual é tão significativo, os jornalistas precisaram aprender a trabalhar com celulares, fones de ouvidos e gravações em aplicativos de mensagens. No auge da pandemia, com muitos profissionais em casa, escolher um lugar ideal para reportar nem sempre era uma tarefa fácil, sendo que foram vários os registros de animais de estimação passando pela câmera, filhos invadindo o ambiente de trabalho. Produtores e editores executaram os trabalhos remotamente. No lugar da construção tradicional, com a equipe no local dos acontecimentos, os repórteres trabalhavam de casa, realizando entrevistas a partir das novas tecnologias de informação e de comunicação (Emerim; Pereira; Coutinho, 2020)

Para Trasel (2014), a digitalização no jornalismo já acontece há algum tempo. Por esse motivo, a informação apurada de casa ou da redação não é prejudicada quando se trabalha com o jornalismo de dados, que é apuração através da internet a partir da utilização de dados oficiais.

O fato de repórteres passarem a maior parte de suas jornadas na redação não significa em si, o abandono de práticas de apuração e investigação, pois a maior parte das tarefas envolvidas é factível, hoje, a partir de um computador conectado à internet. Embora a emergência do trabalho com telas nas últimas décadas coincida com uma redução na produção de reportagens investigativas e aumento da produção de *soft-news* e formas conversacionais do jornalismo, não necessariamente se encontra nessa correlação uma relação de causalidade (Trasel, 2014, p. 89).

O fato é que com a pandemia esse acesso às novas tecnologias ficou mais evidente e importante. Por isso, foi preciso aprender a trabalhar à distância, usando computadores e celulares para realizar as entrevistas. Era preciso de acesso à internet, aplicativos de conversas, a exemplo do *Skype*, *Google Meet*, entre outros. A técnica, nesse momento, foi fundamental para que a entrevista não sofresse ruídos. Mesmo assim, algumas imagens tinham baixa qualidade e, em alguns casos, as entrevistas tiveram que ser legendadas para a compreensão. Desse modo, todos precisaram aprender a lidar com esse novo formato. Como Trasel (2014) defendia, viu-se na prática que o uso dessas tecnologias não prejudicava o repasse de informações. Além disso,

Sem a medição presencial de um repórter e de um cinegrafista, os entrevistados olham e falam diretamente para as câmeras de seus celulares, de seus computadores, e, conseqüentemente, para os telespectadores. Por outro lado, enquadramentos em contra plano voltaram a ser comuns, destacando, que mesmo nas entrevistas à distância, existe a mediação de um repórter que é autoridade da condução da reportagem (Emerim; Pereira; Coutinho, 2020, p. 91).

Nessa perspectiva, a forma de entrevistar e noticiar usando o celular facilitou o acesso e a disseminação das informações. Especificamente acerca dos recursos muito utilizados

durante a pandemia e que surgiram como uma opção de fazer entrevistas à distância usando a tecnologia, tem-se que:

De acordo com a pesquisa da CNN no ano de 2020 em abril, o crescimento no uso do google meet ultrapassou 60% no último mês, já a utilização do Meet foi 25 vezes maior que em janeiro deste mesmo ano. Depois temos o Microsoft Teams, que contabilizou 32 milhões de usuários diários no dia 11 de março. Em 18 de março, esse número cresceu para 44 milhões de usuários diários em todo o mundo. O skype registrou um aumento de 70% em março no número de usuários cadastrados e o Zoom, plataforma que ficou mundialmente conhecida 14 nesse contexto de isolamento, foi de 10 milhões de usuários em dezembro para mais de 200 milhões de usuário (Ribeiro; Wells, 2022 *apud* Souza, 2022, p. 13-14).

Portanto, tratou-se de experiências que deram certo e mesmo com o fim das regras de distanciamento as emissoras continuaram utilizando esses recursos. Isso possibilita entrevistar pessoas em outras partes do país e do mundo. Da mesma maneira, alguns meios de comunicação inovaram as plataformas de captação para trazer mais qualidade e agilidade na hora de gravar com o entrevistado. A comunicação com as fontes ganhou como aliada a tecnologia. Além de encurtar distâncias, esse processo também reduziu gastos. “A necessidade de desenvolvimento de protocolos profissionais mais econômicos que favorecem a sustentabilidade financeira de grandes emissoras” (Emerim; Pereira; Coutinho, 2020).

Já o formato de fazer as entrevistas com o entrevistado segurando o microfone para respeitar o distanciamento ficou para trás. Foi muito utilizado para garantir que não houvesse contato físico entre as pessoas e as máscaras também eram usadas para tentar evitar o contágio. Além disso, o celular, ferramenta fundamental para as coberturas, trouxe possibilidades durante e depois da pandemia. Tanto que algumas emissoras passaram a apostar ainda mais nos repórteres “abelhas”, que são os profissionais que fazem tudo sozinhos, gravam imagens e entrevistas usando apenas um celular, sem precisar da ajuda de mais pessoas para fazerem isso. Ao longo do processo, técnicas para utilizar esse equipamento foram sendo aprimoradas para garantir que imagem e o som saíssem com qualidade.

Diante desse novo cenário, onde a convergência de mídias está tão presente na vida de jornalistas e telespectadores, é preciso preparar os futuros profissionais para momentos inesperados como esse. Assim como no dia a dia, na academia também é preciso modificar e atualizar a forma de ensinar, pois serão muitos os desafios do mundo da informação.

5 A FORMAÇÃO ACADÊMICA DO JORNALISTA

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj, 2002) defende a importância da qualificação dos jornalistas, ou seja, uma formação superior com qualidade. No livro “Formação Superior em Jornalismo: Uma exigência que interessa à sociedade”, a federação defende a obrigatoriedade do diploma, que foi extinguido desde 2001 por uma decisão liminar da 16ª Vara Cível da Justiça Federal de São Paulo. Para a Fenaj, a não obrigatoriedade abre precedentes para atuarem na área pessoas sem noção da responsabilidade que é informar, uma vez que não basta apenas ter um bom texto para ser um jornalista, é preciso saber apurar, pesquisar, ter noções técnicas e éticas para o exercício da profissão. Portanto, é preciso que as universidades atentem-se a questão de como os profissionais estão sendo formados para atuar na área.

Um não-formado não tem compromisso com a profissão. Aquele é apenas mais um emprego. O único compromisso passa a ser com seu patrão. Evidente que existem jornalistas formados testas-de-ferro dos proprietários, pelegos, na linguagem sindical, mas a reserva de mercado é uma segurança mínima, ainda que insuficiente (Federação Nacional dos Jornalistas, 2002, p. 123).

Frente a isso, é oportuno destacar o fato histórico de que a habilitação profissional para o exercício do Jornalismo no Brasil sempre despertou muitas polêmicas, alimentadas por visões abertamente opostas. De um lado, há quem defende que para ser jornalista somente é necessário saber escrever bem, ter uma boa cultura geral e que aprenderá a profissão simplesmente no decorrer do seu exercício em uma redação. Já a outra visão discorre que o exercício do jornalismo deve ser feito por pessoas habilitadas exclusivamente para isso, com formação universitária específica que, além do ensinamento das técnicas de reportagem, entrevista, redação e edição, também receberiam uma sólida base ética e deontológica (Dines, 1986).

O mesmo autor, há algumas décadas, ressalta que o licenciamento de jornalistas não é obstáculo à liberdade de informação. Ao contrário, favorece a renovação, porque coloca na profissão, a cada ano, uma nova leva de habilitados, impedindo que a reserva de mercado, estabelecida em favor dos amiguinhos dos “iluminados”, venha a comandar a opinião pública (Dines, 1986).

Dessa forma, observa-se que o exercício profissional do jornalismo é muito mais complexo e está muito além da questão de se ter direito à livre manifestação de seus pensamentos e suas opiniões. A atividade diária exercida pelo jornalista apresenta uma complexidade que não pode ser confiada a qualquer um que seja somente possuidor de uma formação cultural sólida e diversificada, aliada a uma facilidade de comunicação, quer seja ela

oral ou escrita, ou que frequente diariamente uma redação jornalística e aprenda no cotidiano. O desenvolvimento responsável das funções jornalísticas exige um arcabouço teórico bastante específico, no qual

a função do jornalista diz respeito à apuração, codificação e veiculação dos fatos de acordo com um conjunto de princípios éticos e técnicas específicas, que vão desde o aprendizado de recursos de editoração eletrônica até, mais recentemente, o conhecimento de técnicas do jornalismo digital, [...] ainda que pesem os interesses de cada veículo, os jornais e a imprensa em geral asseguram, sim, a qualquer cidadão brasileiro o direito à livre expressão de seu pensamento (Moraes Júnior, 2003, p. 13).

Assim, trazemos a concepção de Michael Kunczik que aborda o diferencial primordial entre um emprego e uma profissão, o qual reside no fato de que o primeiro visa, em sua essência, a remuneração que lhe permita a subsistência, enquanto a segunda, além dessa questão também primordial, molda a personalidade durante toda a vida. Segundo o mesmo autor, há três características fundamentais para definir claramente o que é uma profissão, termo que só deve ser utilizado quando:

1. a ocupação requer um conhecimento altamente especializado, adquirido por uma formação ocupacional prolongada, com base teórica;
2. a introdução à ocupação é controlada, e as pessoas que a exercem se comprometem a cumprir certos regulamentos profissionais; e
3. há uma formação de grêmio formal que representa os interesses da comunidade ocupacional, a mesma que considera como uma de suas tarefas principais o encarecimento da importância dessa ocupação em particular (Kunczik, 1997, p. 33).

No jornalismo, observamos essas características como uma atividade que se trata de uma profissão. Isso justifica-se, primeiramente, porque é cada vez mais necessário que o novo profissional seja agrupado ao mercado, com conhecimentos bastante especializados e sedimentados por uma base teórica consistente, que deve ser proporcionada pelo ensino superior específico e de qualidade.

Para o jornalista Vitor Ribeiro (2003), o curso superior em jornalismo existe nos quatro cantos do planeta e a sua obrigatoriedade para o exercício da profissão é uma exigência legal verificada em muitos países. A partir disso, mesmo nos locais onde não existem leis específicas exigindo o diploma, os formados acabam levando vantagem na disputa por uma vaga no mercado de trabalho. Ainda segundo o autor, vale lembrar que primeiro nascem as profissões, para, posteriormente, as faculdades e universidades oferecerem cursos superiores sobre aquela ciência ou atividade. Com o jornalismo não foi diferente. Inicialmente, surgiu a profissão,

depois, os cursos de jornalismo. Portanto, os que iniciaram a profissão não tinham diploma de jornalismo em nenhum lugar do mundo (Ribeiro, 2003).

Hoje, a era da internet tem oferecido ao jornalismo da televisão uma interatividade indireta ou uma interatividade possível enquanto apresenta-se de forma experimental e não se firma a partir da própria tevê (Cirne; Fernandes, 2010). Já para Leal (2009, p. 101), “a tela da tevê se conforma cada vez mais, semelhante a um portal da web, individualizando o percurso do olhar do telespectador e criando mais possibilidades de contato”. E essa realidade fabricada pelos recursos narrativos e tecnológicos e pelas condições mercadológicas necessita do olhar do telespectador para que se naturalize e integre-se ao cotidiano, sem maiores traumas.

O telejornalismo tem se utilizado dessa interatividade e da colaboração do público, chamando os telespectadores a contribuir com os telejornais, por meio da sugestão de temas de reportagens, votando em enquetes, opinando sobre as reportagens mostradas e debatendo em fóruns pós-exibição dos telejornais. Tratam-se dos novos movimentos dos mediadores públicos que têm mudado o panorama dos telejornais, com os jornalistas solicitando a colaboração das fontes que, “agora não se limitam a assistir à televisão, mas intervêm no próprio processo produtivo funcionando como co-produtores da notícia” (Vizeu; Siqueira; Rocha, 2010, p. 7). Isso tem acontecido, principalmente, com a oferta de imagens captadas do cotidiano pelos cidadãos e enviadas para a redação dos telejornais.

Ao refletir sobre os novos desafios enfrentados pela tevê, Pavlik (2007) afirma que a televisão agora é radicalmente diferente no conceito, na execução e na transmissão. Para ele, o que constitui a televisão, de fato, não é mais uma simples ideia ou tecnologia. O futuro não será determinado pela tecnologia, pois ela possibilitará as mudanças, para melhor ou pior, mas apenas as pessoas, as diretrizes e as práticas que forem estabelecidas é que determinarão o destino da televisão.

Para Johnson (2001, p. 192), quando uma nova tecnologia é introduzida na cultura, ocorrem, fatalmente, “distorções e equívocos de todo tipo”. Esses equívocos dizem respeito não só quanto ao modo como as máquinas realmente funcionam, mas também quanto a questões mais sutis, como a que reino da experiência pertencem as novas tecnologias, que valores elas perpetuam e onde se produzirão seus efeitos mais indiretos. A edição dos telejornais desloca-se e recria-se, mas continuará fazendo o mesmo e de forma diferente, ou seja, continuará construindo narrativas sobre os fatos da vida cotidiana, com valor-notícia, mas injetando atitudes mais criativas, sem preconceitos, utilizando-se do gênero ficcional e/ou de novas maneiras de moldar a realidade com o digital. As inovações no fazer e no ser jornalístico

indicam, a priori, uma existência comunicacional mais plena para a televisão, e aí reside o principal desafio do profissional de televisão.

Depois do estudo sobre as decorrências das descobertas tecnológicas das últimas décadas, Manuel Castells (1999) observou que, na era da Informação, “[...] os meios de comunicação não são os detentores do poder”. Essa deriva, contemporaneamente, das redes de troca de informações e de manipulação de símbolos que estabelecem relações entre atores sociais, instituições e movimentos culturais. Temos aí o diagnóstico de um mundo caracterizado pela capacidade discursiva das organizações e dos cidadãos. (CASTELLS, 1999).

Para compreender as nuances da formação acadêmica do jornalista é necessário rever o conceito de jornalismo, que Marques de Melo (1985) assim descreve:

Jornalismo é [...] um processo social que se articula a partir da relação (periódica / oportuna) entre organizações formais (editoras / emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal / revista / rádio / televisão...) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos).

Nesse contexto, a formação acadêmica do jornalista está imbricada nas expectativas da sociedade, sendo que se exige tanto o domínio das técnicas e artes da narração quanto o domínio da lógica e das teorias da argumentação. Exige-se também o manejo competente das habilidades pedagógicas na prestação de serviço público, para que os cidadãos possam tomar decisões conscientes e responsáveis. Da mesma forma, persiste o desafio de interrogar, refletir e interagir com o grande número de fontes, ou seja, como o jornalista pode entender o mundo que o cerca e como pode compreender as motivações, os interesses, as demandas e os códigos do público que ele pretende atingir (Araújo, 2008).

Nesse contexto, a universidade tem um papel primordial na formação do jornalista e, a partir daí, nascem os profissionais que vão levar as informações e também formar opiniões no público que os acompanham. Não é qualquer estudo que dá base para que os profissionais reflitam e não se achem prontos, ou seja, continuem sempre estudando e transformando-se em uma profissão em constante transformação.

Ainda de acordo com Araújo (2008), o jornalismo que hoje está nas expectativas da sociedade exige tanto o domínio das técnicas e artes da narração quanto o domínio da lógica e das teorias da argumentação. Exige-se também o manejo competente das habilidades pedagógicas na prestação de serviço público para que os cidadãos possam tomar decisões conscientes e responsáveis.

O Jornalismo é uma profissão reconhecida internacionalmente³⁴, regulamentada e descrita como tal no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho. A Comunicação Social não é uma profissão em nenhum país do mundo, mas sim um campo que reúne várias diferentes profissões. É também uma área acadêmica que engloba diversas disciplinas específicas, como ocorre também em outras áreas das ciências aplicadas como, por exemplo, a da Saúde, que reúne em seu âmbito as profissões (e respectivas disciplinas) de Medicina, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia, etc. Desta forma, é inadequado considerar o Jornalismo como habilitação da Comunicação Social, uma vez que está, como profissão, não existe, assim como não existe uma profissão genérica de Saúde (Traquina, 2002).

Ademais, para uma formação acadêmica eficaz, é imprescindível a formação de jovens jornalistas. Contudo, não se pensa em levá-los a, por meio dessa prática, considerar a universidade como a sede do saber (Freire, 2006) que, numa relação verticalizada com a sociedade, oferecerá, de modo autoritário, um conhecimento superior ou um saber absoluto, considerando os sujeitos externos à universidade como seres passivos e inferiores. Pelo contrário, percebe-se aqui a extensão como a oportunidade de estudantes aproximarem-se de diferentes saberes, práticas, modos de fazer, formas de pensar e de diversos atores para aprender com esses, sem coisificá-los. Afinal, fazer jornalismo sem conhecer a quem ele se destina apresenta-se como uma atitude, no mínimo, manipuladora, descontextualizada e antiética.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (Freire, 2006, p. 25).

A partir dessas questões, na próxima seção serão tematizadas as Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Jornalismo.

5.1 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE JORNALISMO

Para discorrer sobre o currículo dos cursos jornalismo oferecidos no Brasil, precisamos nos reportar a Resolução n.º 1, de 27 de setembro de 2013, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, que forma bacharéis para essa área de atuação. Inicialmente, o artigo 2º desta resolução assim descreve:

A estrutura do curso de bacharelado em Jornalismo deve:

I - ter como eixo de desenvolvimento curricular as necessidades de informação e de expressão dialógica dos indivíduos e da sociedade;

II - utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e a integração entre os conteúdos, além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando suas articulações com diferentes segmentos da sociedade;

III - promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular;

IV - inserir precocemente o aluno em atividades didáticas relevantes para a sua futura vida profissional;

V - utilizar diferentes cenários de ensino-aprendizagem, permitindo assim ao aluno conhecer e vivenciar situações variadas em equipes multiprofissionais;

VI - propiciar a interação permanente do aluno com fontes, profissionais e públicos do jornalismo, desde o início de sua formação, estimulando, desse modo, o aluno a lidar com problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes, compatíveis com seu grau de autonomia (Brasil, 2013, p. 01).

Assim, a responsabilidade das instituições de ensino superior que enviam os profissionais formados em jornalismo para o mercado de trabalho é desafiadora, pois é essa profissão que leva a informação para a população. No contexto atual, ser jornalista vai muito além de terminar um curso superior, pois é necessário estar sempre estudando, mantendo-se atualizado e desafiando-se na busca incessante do conhecimento.

Nesse aspecto, o projeto pedagógico do curso de graduação em Jornalismo tem suas particularidades, seu currículo pleno e sua operacionalização, abrangendo: concepção e objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucional, política, geográfica e social. Também traz condições objetivas de oferta e vocação do curso, as cargas horárias das atividades didáticas e da integralização, as formas de efetivação da interdisciplinaridade, os modos de integração entre teoria e prática, formas de avaliação do ensino e da aprendizagem e os modos de integração entre graduação e pós-graduação. Preocupa-se com o incentivo à pesquisa e à extensão, como necessários prolongamentos das atividades de ensino e como instrumentos para a iniciação científica e cidadã.

Da mesma maneira, ressalta-se a regulamentação das atividades do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como componente obrigatório a ser realizado sob a supervisão docente. Assim, regulamenta as atividades do estágio curricular supervisionado, contendo suas diferentes formas e condições de realização, a concepção e composição das atividades complementares, quando existentes (Brasil, 2013).

Ter um projeto pedagógico que evidencia a profissão do jornalista com uma visão mais abrangente é um avanço para a área da comunicação, pois contempla em seus eixos a necessidade de se instituir uma formação mais integral do estudante de Jornalismo, como descreve o artigo 4º da resolução (Brasil, 2013, p. 02).

Desse modo, alguns indicativos devem ser observados no curso de bacharelado em Jornalismo. Dentre eles, o que diz respeito à formação do profissional:

- I - formar profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, produzindo assim seu aprimoramento;
- II - enfatizar, em sua formação, o espírito empreendedor e o domínio científico, de forma que sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas e ampliem a atuação profissional em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente;
- III - orientar a formação teórica e técnica para as especificidades do jornalismo, com grande atenção à prática profissional, dentro de padrões internacionalmente reconhecidos, comprometidos com a liberdade de expressão, o direito à informação, a dignidade do exercício profissional e o interesse público (Brasil, 2013, p. 02).

Já sobre as orientações durante a formação, na continuidade do documento, também é abordada a importância de formar profissionais para atuar no mundo tecnológico:

- IV - aprofundar o compromisso com a profissão e os seus valores, por meio da elevação da autoestima profissional, dando ênfase à formação do jornalista como intelectual, produtor e/ou articulador de informações e conhecimentos sobre a atualidade, em todos os seus aspectos;
- V - preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente;
- VI - ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão (Brasil, 2013, p. 02).

Sequencialmente, o artigo também fala sobre a prática profissional na sala de aula durante o curso de Jornalismo:

- VII - incluir, na formação profissional, as rotinas de trabalho do jornalista em assessoria a instituições de todos os tipos;
- VIII - atentar para a necessidade de preparar profissionais que possam exercer dignamente a atividade como autônomos em contexto econômico cuja oferta de emprego não cresce na mesma proporção que a oferta de mão-de-obra;
- IX - instituir a graduação como etapa de formação profissional continuada e permanente (Brasil, 2013, p. 02).

O mesmo documento explicita que o concluinte do curso de Jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, que o capacite, para atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas e também possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados. Isso proporcionará ao profissional do jornalismo maior clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, que é de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da área da comunicação social (Brasil, 2013).

Nesse ponto de vista, a resolução evidencia a importância do desenvolvimento de competências, habilidades, conhecimentos, atitudes e valores, que incluem competências gerais, competências cognitivas, competências pragmáticas e competências comportamentais.

As competências são elencadas através dos conhecimentos dos assuntos abordados:

- a) compreender e valorizar, como conquistas históricas da cidadania e indicadores de um estágio avançado de civilização, em processo constante de riscos e aperfeiçoamento: o regime democrático, o pluralismo de ideias e de opiniões, a cultura da paz, os direitos humanos, as liberdades públicas, a justiça social e o desenvolvimento sustentável;
- b) conhecer, em sua unicidade e complexidade intrínsecas, a história, a cultura e a realidade social, econômica e política brasileira, considerando especialmente a diversidade regional, os contextos latino-americano e ibero-americano, o eixo sul-sul e o processo de internacionalização da produção jornalística;
- c) identificar e reconhecer a relevância e o interesse público entre os temas da atualidade;
- d) distinguir entre o verdadeiro e o falso a partir de um sistema de referências éticas e profissionais;
- e) pesquisar, selecionar e analisar informações em qualquer campo de conhecimento específico (Brasil, 2013, p. 03).

Em seguida, o documento aborda a importância do domínio da língua materna e de outras línguas ao longo da formação na área:

- f) dominar a expressão oral e a escrita em língua portuguesa;
- g) ter domínio instrumental de, pelo menos, dois outros idiomas –preferencialmente inglês e espanhol, integrantes que são do contexto geopolítico em que o Brasil está inserido;
- h) interagir com pessoas e grupos sociais de formações e culturas diversas e diferentes níveis de escolaridade;
- i) ser capaz de trabalhar em equipes profissionais multifacetadas (Brasil, 2013, p. 03).

A tecnologia também é uma ferramenta mencionada nas diretrizes curriculares nacionais para o curso do jornalismo:

- j) saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação;
- k) pautar-se pela inovação permanente de métodos, técnicas e procedimentos;
- l) cultivar a curiosidade sobre os mais diversos assuntos e a humildade em relação ao conhecimento;
- m) compreender que o aprendizado é permanente;
- n) saber conviver com o poder, a fama e a celebridade, mantendo a independência e o distanciamento necessários em relação a eles;
- o) perceber constrangimentos à atuação profissional e desenvolver senso crítico em relação a isso;
- p) procurar ou criar alternativas para o aperfeiçoamento das práticas profissionais;
- q) atuar sempre com discernimento ético (Brasil, 2013, p. 03).

É notável que, com essas competências desenvolvidas, o jornalista será respeitado e valorizada cada vez mais e as pessoas passarão a olhar essa profissão como primordial para o desenvolvimento da sociedade.

Por sua vez, na descrição das competências cognitivas, a preocupação do referido documento foi de munir os profissionais do jornalismo com conhecimentos teóricos que fundamentem a profissão:

- a) conhecer a história, os fundamentos e os cânones profissionais do jornalismo;
- b) conhecer a construção histórica e os fundamentos da cidadania;
- c) compreender e valorizar o papel do jornalismo na democracia e no exercício da cidadania;
- d) compreender as especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, em sua complexidade de linguagem e como forma diferenciada de produção e socialização de informação e conhecimento sobre a realidade;
- e) discernir os objetivos e as lógicas de funcionamento das instituições privadas, estatais, públicas, partidárias, religiosas ou de outra natureza em que o jornalismo é exercido, assim como as influências do contexto sobre esse exercício (Brasil, 2013, p. 03).

Já em relação às competências pragmáticas, que dizem respeito à capacidade de entender o significado pretendido por outro falante, a resolução traz o seguinte detalhamento:

- a) contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade, agregando-lhes elementos de elucidação necessários à compreensão da realidade;
- b) perseguir elevado grau de precisão no registro e na interpretação dos fatos noticiáveis;
- c) propor, planejar, executar e avaliar projetos na área de jornalismo;
- d) organizar pautas e planejar coberturas jornalísticas;
- e) formular questões e conduzir entrevistas;
- f) adotar critérios de rigor e independência na seleção das fontes e no relacionamento profissional com elas, tendo em vista o princípio da pluralidade, o favorecimento do debate, o aprofundamento da investigação e a garantia social da veracidade;
- g) dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição, além das de produzir, editar e difundir;
- h) conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos;
- i) produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção e ser capaz de editá-los em espaços e períodos de tempo limitados;
- j) traduzir em linguagem jornalística, preservando-os, conteúdos originalmente formulados em linguagens técnico-científicas, mas cuja relevância social justifique e/ou exija disseminação não especializada;
- k) elaborar, coordenar e executar projetos editoriais de cunho jornalístico para diferentes tipos de instituições e públicos;
- l) elaborar, coordenar e executar projetos de assessoria jornalística a instituições legalmente constituídas de qualquer natureza, assim como projetos de jornalismo em comunicação comunitária, estratégica ou corporativa;
- m) compreender, dominar e gerir processos de produção jornalística, bem como ser capaz de aperfeiçoá-los pela inovação e pelo exercício do raciocínio crítico;
- n) dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos, utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação;
- o) dominar o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística;
- p) avaliar criticamente produtos e práticas jornalísticas (Brasil, 2013, p. 04).

Por fim, são tematizadas as chamadas competências comportamentais, que são aquelas relacionadas ao comportamento de um profissional e que podem ser intrínsecas ao indivíduo

ou desenvolvidas ao longo da vida, a partir de experiências vivenciadas. Nesse documento, tais competências são tratadas como:

- a) perceber a importância e os mecanismos da regulamentação político-jurídica da profissão e da área de comunicação social;
- b) identificar, estudar e analisar questões éticas e deontológicas no jornalismo;
- c) conhecer e respeitar os princípios éticos e as normas deontológicas da profissão;
- d) avaliar, à luz de valores éticos, as razões e os efeitos das ações jornalísticas;
- e) atentar para os processos que envolvam a recepção de mensagens jornalísticas e o seu impacto sobre os diversos setores da sociedade;
- f) impor aos critérios, às decisões e às escolhas da atividade profissional as razões do interesse público;
- g) exercer, sobre os poderes constituídos, fiscalização comprometida com a verdade dos fatos, o direito dos cidadãos à informação e o livre trânsito das ideias e das mais diversas opiniões (Brasil, 2013, p. 04).

O desenvolvimento dessas competências é trabalhado no ensino superior no curso de Jornalismo, mas deve aprofundar-se e consolidar-se ao longo da vida, como evidencia Edgar Morin (2009, p. 15):

A universidade conserva, memoriza, integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias e valores, porque ela se incumba de reexaminá-la, atualizá-la e transmiti-la, o que acaba por ter um efeito regenerador. A universidade gera saberes, ideias e valores que, posteriormente, farão parte dessa mesma herança. Por isso, ela é simultaneamente conservadora, regeneradora e geradora.

Para melhorar o desempenho do egresso com desenvolvimento de suas competências, a organização do currículo deve contemplar, no projeto pedagógico, conteúdos que atendam os seis eixos de formação que são: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, de aplicação processual e eixo de prática laboratorial. Tais eixos foram trazidos pela Resolução n.º 1, de 27 de setembro de 2013, conforme é detalhado a seguir.

O eixo I trata da fundamentação humanística, tem como objetivo capacitar o jornalista para exercer a sua função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania. Assim, é privilegiada a realidade brasileira no que se refere à sua formação histórica, estrutura jurídica e instituições políticas contemporâneas, trazendo sua geografia humana e econômica e política, suas raízes étnicas, regiões ecológicas, cultura popular, crenças e tradições, a arte, a literatura, a ciência, a tecnologia e os fatores essenciais para o fortalecimento da democracia, evidenciados nas relações internacionais, na diversidade cultural, nos direitos individuais e coletivos. A partir disso, evidenciam-se as políticas públicas, o desenvolvimento sustentável, os esportes, o lazer, o entretenimento e o acesso aos bens culturais da humanidade, preocupando-se com os processos de globalização, regionalização e singularidades locais, comunitárias e da vida cotidiana (Brasil, 2013).

Já o eixo II tematiza a fundamentação específica, que tem por função proporcionar ao jornalista clareza conceitual e visão crítica sobre a especificidade de sua profissão, mostrando os fundamentos históricos, taxonômicos, éticos, epistemológicos, o ordenamento jurídico e deontológico. Para tanto, devem ser abordadas as instituições, pensadores e obras canônicas, as manifestações públicas, industriais e comunitárias. Além disso, é necessário trabalhar os instrumentos de autorregulação, de observação crítica, de análise comparada, de revisão da pesquisa científica e, ainda, os paradigmas hegemônicos e as tendências emergentes (Brasil, 2013).

Sequencialmente, o eixo III de fundamentação contextual tem por finalidade embasar o conhecimento das teorias da comunicação, informação e cibercultura, em suas dimensões filosóficas, políticas, psicológicas e socioculturais, incluindo as rotinas de produção e os processos de recepção, bem como a regulamentação dos sistemas midiáticos, em função do mercado potencial, além dos princípios que regem as áreas associadas. (BRASIL, 2013)

Por sua vez, o eixo IV, que é o da formação profissional, tem o objetivo de fundamentar o conhecimento teórico e prático e familiarizar os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, possibilitando-lhes investigar os acontecimentos relatados pelas fontes. Ademais, busca-se também capacitar os futuros profissionais a exercerem a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, de acordo com os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas (Brasil, 2013).

Sendo assim,

[...] os quatro eixos de formação e a proporcionalidade de cada um na matriz curricular precisam ser considerados, assim como a estrutura curricular e a carga horária recomendada. O Projeto Pedagógico do Curso de Relações Públicas necessita apresentar uma estrutura com um núcleo específico que revele a identidade do curso; uma estrutura flexível que promova a diversificação na formação do aluno; um perfil do egresso a atingir (o SER ideal de um egresso), com as habilidades a desenvolver (o FAZER ideal de um egresso) que oportunizem um exercício profissional adequado; uma integração entre teoria e prática, pesquisa básica e aplicada que possibilite uma formação baseada na produção de conhecimento (Ferreira, 2015, p. 58).

Em seguida, o eixo V é o de aplicação processual, cujo escopo é o de fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas para que possa efetuar coberturas em diferentes suportes como o jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho (Brasil, 2013).

Finalmente, o eixo VI relaciona-se à prática laboratorial e apresenta o objetivo de adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão, a partir da aplicação de informações e valores. Assim, tem-se a função de integrar os demais eixos, alicerçados em

projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, o jornal, a revista e o livro, o jornal mural, o radiojornal, o telejornal, o webjornal, a agência de notícias, a assessoria de imprensa e outros (Brasil, 2013).

No que tange à organização curricular do curso de graduação em Jornalismo, é oportuno evidenciar que deve representar as condições existentes para a sua efetiva conclusão e integralização, de acordo com o regime acadêmico que as instituições de educação superior adotarem, sendo eles: regime seriado anual, regime seriado semestral, sistema de créditos com matrícula por componente curricular ou por módulos acadêmicos, com a adoção de pré-requisitos, sistema sequencial e a possibilidade do aproveitamento de créditos cursados por estudantes oriundos de outras áreas do conhecimento (Brasil, 2013).

Assim o referencial curricular das instituições de educação superior tem ampla liberdade para, consoante com seus projetos pedagógicos, selecionar, propor, denominar e ordenar as disciplinas do currículo a partir dos conteúdos, do perfil do egresso e das competências apontados anteriormente. Observa-se, ainda, que é valorizada a equidade entre as cargas horárias destinadas a cada um dos eixos de formação (Brasil, 2013).

No artigo 9º da mesma resolução, a organização curricular deverá valorizar o equilíbrio e a integração entre a teoria e a prática durante toda a duração do curso, observando os seguintes requisitos:

- I - carga horária suficiente para distribuição estratégica e equilibrada dos eixos curriculares e demais atividades previstas;
- II - distribuição das atividades laboratoriais, a partir do primeiro semestre, numa sequência progressiva, até a conclusão do curso, de acordo com os níveis de complexidade e de aprendizagem;
- III - garantia de oportunidade de conhecimento da realidade, nos contextos local, regional e nacional (Brasil, 2013, p. 06).

Cabe ressaltar que a carga horária total do curso deve ser de, no mínimo, 3.000 (três mil) horas, sendo que, de acordo com a Resolução CNE/CES n.º 2/2007, o estágio curricular supervisionado e as atividades complementares não poderão exceder 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso. Além disso, a carga horária mínima destinada ao estágio curricular supervisionado deve ser de 200 (duzentas) horas (Brasil, 2013).

Do mesmo modo, destaca-se também que o trabalho de conclusão de curso, o famoso (TCC), é componente curricular obrigatório a ser desenvolvido individualmente, realizado sob a supervisão docente e avaliado por uma banca examinadora formada por docentes, sendo possível também a participação de jornalistas profissionais da área convidados. Evidencia-se, portanto, nas diretrizes que o TCC pode constituir-se enquanto um trabalho prático de cunho jornalístico ou de reflexão teórica sobre temas relacionados à atividade jornalística e que o

referido TCC deve vir, necessariamente, acompanhado por relatório, memorial ou monografia de reflexão crítica sobre sua execução, de forma que reúna e consolide a experiência do aluno com os diversos conteúdos estudados durante o curso. É também ressaltado que as instituições de educação superior deverão emitir e divulgar regulamentação própria, aprovada por colegiado competente, estabelecendo, necessariamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC, além das diretrizes técnicas relacionadas à sua elaboração (Brasil, 2013).

Vale advertir que o estágio curricular supervisionado é componente obrigatório do currículo, tendo como objetivo consolidar práticas de desempenho profissional essencial ao perfil do formando, definido em cada instituição por seus colegiados acadêmicos, aos quais competem aprovar o regulamento correspondente, com suas diferentes modalidades de operacionalização. (BRASIL, 2013).

Especificamente em relação ao estágio supervisionado, Ferreira (2015) analisa que é uma forma de possibilitar ao estudante um contato direto com o mercado de trabalho, com vistas a compreender a realidade como ela é. Para tanto, é citado como exemplo o profissional de Relações Públicas, segundo o autor, em audiências públicas realizadas com estudantes, houve muitas manifestações sobre a falta e clareza do que faz um profissional da área dentro da própria universidade ou faculdade:

Diferentemente das demais áreas afins da Comunicação, quando os estudantes vivenciam diretamente as práticas já na escola/faculdade, os participantes consideraram que os cursos de Relações Públicas ainda são um tanto abstratos. É evidente que tudo dependerá da proposta pedagógica das IES que os oferecem e de cada realidade local e regional. Nessa direção as novas diretrizes enfatizam também a necessidade das práticas laboratoriais e a exigência de laboratórios específicos como os de pesquisa de opinião entre outros. Essa questão tem merecido pouca atenção das IES, que sempre privilegiaram laboratórios e estúdios especializados para os cursos de Cinema e Audiovisual, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Rádio e Televisão, em detrimento do curso de Relações Públicas. Portanto, os estudantes precisam, já na faculdade/escola, ter a oportunidade de praticar as atividades de Relações Públicas em condições laboratoriais dignas e adequadas aos propósitos do seu curso (Ferreira, 2015, p. 38).

No quesito da avaliação, o referencial curricular nacional diz que as instituições de educação superior deverão adotar regras próprias de avaliação internas e externas para que sejam sistemáticas e envolvam todos os recursos materiais e humanos participantes do curso, centradas no atendimento às Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Jornalismo, conforme definido e aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2015).

Já no que diz respeito aos planos de disciplinas, tem-se que devem ser fornecidos aos estudantes antes do início de cada período letivo e devem conter, além dos conteúdos e das atividades, a metodologia das aulas, os critérios de avaliação e a bibliografia fundamental,

necessariamente disponível na biblioteca da instituição. Dessa maneira, os alunos poderão discernir claramente a relação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Jornalismo, a grade curricular da instituição e o processo de avaliação a que serão submetidos no final do curso (Brasil, 2015).

Na mesma direção, sobre o sistema de avaliação institucional dos cursos de Jornalismo, o artigo 16 do documento aponta que deve contemplar, dentre outros critérios:

I - o conjunto da produção jornalística e de atividades de pesquisa e de extensão realizadas pelos alunos ao longo do curso; II - o conjunto da produção acadêmica e técnica reunida pelos professores; III - a contribuição do curso para o desenvolvimento local social e de cidadania nos contextos em que a instituição de educação superior está inserida; IV - o espaço físico e as instalações adequadas para todas as atividades previstas, assim como o número de alunos por turma, que deve ser compatível com a supervisão docente nas atividades práticas; V - o funcionamento, com permanente atualização, dos laboratórios técnicos especializados para a aprendizagem teórico-prática do jornalismo a partir de diversos recursos de linguagens e suportes tecnológicos, de biblioteca, hemeroteca e bancos de dados, com acervos especializados; VI - as condições de acesso e facilidade de utilização da infraestrutura do curso pelos alunos, que devem ser adequadas ao tamanho do corpo discente, de forma que possam garantir o cumprimento do total de carga horária para todos os alunos matriculados em cada disciplina ou atividade; VII - a inserção profissional alcançada pelos alunos egressos do curso; VIII - a experiência profissional, a titulação acadêmica, a produção científica, o vínculo institucional, o regime de trabalho e a aderência às disciplinas e atividades sob responsabilidade do docente (Brasil, 2015, p. 08).

Diante disso, com as Diretrizes Curriculares Nacionais homologadas, as universidades passam a ter um currículo mais completo e, ao mesmo tempo, desafiador, pois, para formar profissionais de excelência, é necessário ter um corpo docente qualificado. Nesse parâmetro, estamos falando da teoria e da prática, ou seja, a práxis.

É importante frisar que, nesse processo, encara-se a práxis pedagógica como uma ação coletiva, sendo argumentada e realizada para garantir a realização de determinados objetivos e finalidades da educação, assumida pelos sujeitos que constituem a instituição formadora e pelos sujeitos educandos. Ou seja, como essa práxis é fruto de uma ação social coletiva, ela não se reduz apenas à prática docente, mas se conforma também na prática discente, na prática gestora e na prática epistemológica, com suas intencionalidades explícitas, permeadas pela afetividade (Souza, 2012).

Vale reiterar que a práxis aqui explicitada estabelece-se, a partir de apontados fins, que é a transformação real do mundo natural ou social, para satisfazer determinada necessidade da sociedade. Ela não responde por si mesma sem estar associado a outro contexto e considera a capacidade transformadora do homem, sobre a natureza e no meio social, alterando o ambiente que vive e as transformações no decorrer da história (Vázquez, 2011).

Dessa maneira, apontamos como a razão pela qual a ação educativa constitui-se como práxis docente, ao analisar a capacidade transformadora do homem sobre o contexto educacional e sobre as práticas educativas, seja dentro ou fora das instituições. Isso deve ocorrer na busca da formação de cidadãos cômicos, ativos, livres, criativos e assertivos na comunicação e, como consequência, possibilitando que sejam excelentes profissionais, os quais nunca estão prontos, isto é, estarão sempre em construção.

Em virtude do que é mencionado aqui, ressalta-se que falar de currículo é, sobretudo, dissertar sobre a ação do professor, que é um dos principais responsáveis pela formação dos profissionais que vão para o mercado de trabalho. Como em todas as profissões essa formação é primordial, no caso do jornalista também é essencial além do conhecimento teórico, aliar a prática, ou seja, a práxis.

6 JORNALISTA DE TV: A PREPARAÇÃO NA ACADEMIA PARA O MUNDO DO TRABALHO

As novidades trazidas pela atualidade têm suscitado uma nova dinâmica no ensino superior do século XXI, novos atores começam a compartilhar as reflexões da sala de aula da educação superior. Nessa transição do antigo para o moderno, observa-se jovens que se deparam com muitas dificuldades para cursar o ensino superior, necessitando de mais políticas públicas que organizam e financiam o acesso da população mais carente ao ensino superior.

Dessa forma, torna-se cada vez mais necessário adotar medidas que viabilizem o acesso desses grupos menos favorecidos ao ensino superior. Nesse ponto, a ação de inserir as minorias no nível superior, aquelas que por muito tempo permaneceram privadas do acesso à educação superior diante de um gargalo existente nas universidades federais, é um problema de décadas, pois grande parte ainda não possui recursos financeiros para custear mensalidades nas instituições privadas. Isso não é diferente do que ocorre para quem quer cursar jornalismo, que apesar dos avanços promovidos na área nos últimos anos, ainda é uma conquista desafiadora. É vivenciado que muitos dos que cursam uma faculdade precisam trabalhar para se sustentar e a remuneração dos estágios quase sempre é insuficiente. Esse somam-se aos que precisam largar os estudos por causa do emprego e aos que não conseguem trabalho na área por não terem estagiado.

Acerca disso, autores como Catani *et al.* (2006) e Neves *et al.* (2007) discutem que a democratização da educação superior se restringe apenas à ampliação do acesso. No entanto, a equidade, nesse nível do ensino, fica comprometida por dois fatores determinantes: a qualidade nos ensinos fundamental e médio e a permanência na educação superior, seja pelo aspecto econômico, social ou cultural.

Se o acesso e a permanência no ensino superior são aspectos desafiadores, imagine como fica a preparação na academia desses jornalistas para o mercado de trabalho que se tornou mais concorrido e exigido no cenário pós-pandemia da Covid-19. Com o isolamento social, os jornalistas trabalhavam de casa e pelo único meio de comunicação, o celular, passavam a informação. Aliás, em tempos de *Fake News*, o papel do jornalista nunca ficou tão evidente, foi preciso criatividade para que, mesmo de casa, a informação não perdesse a credibilidade. Nas ruas, para evitar o contato, entrevistados passaram a segurar o microfone, as máscaras se tornaram acessórios essenciais, falar e respirar ao mesmo tempo nunca foi tão difícil.

Esse foi um desafio também encontrado nos bancos universitários, visto que ensinar nunca foi tão complexo. Com a substituição das salas de aula por uma tela, seja de computador,

tablete ou celular, foi preciso ser criativo, ainda mais falando de telejornalismo, uma disciplina na qual a necessidade da prática é fundamental. Então, porque não aproveitar os recursos tecnológicos para que os acadêmicos também aprendam? Essas ferramentas podem e devem ajudar nesse processo de ensino-aprendizagem. É preciso preparar o jornalista na formação para os desafios do futuro. Sabe-se que o processo no jornalismo está mudando. Nesse sentido,

O público já se acostumou às entrevistas feitas pela internet. Sem sair de casa, um repórter pode entrevistar uma fonte em qualquer lugar do país e do mundo. O enquadramento, a qualidade do áudio, a iluminação e as imagens de apoio não são do mesmo padrão [...]. Estar no local onde os fatos acontecem deixou de ser tão importante, pelo menos por enquanto. Recursos com as entrevistas online e as imagens de celular, cada vez mais usadas, são facilidades que certamente vieram para ficar (Emerim; Pereira; Coutinho, 2020, p. 15).

Rocha, lá em 2008, já afirmava que a formação do profissional jornalista é de interesse da sociedade e que o profissional precisa aprender na universidade o contexto em que vai trabalhar, pois entender a importância e a relevância da profissão é fundamental no processo de formação.

Para isso, tem que haver uma preocupação acadêmica no processo de formação do profissional na graduação, envolvendo teorias do jornalismo, metodologia da atividade, conhecimento sobre a história do jornalismo, sua relação com a história da sociedade, com o modo de produção, com a democracia e a repercussão dos avanços tecnológicos no fazer jornalismo e na posição do público. Não tem como praticar jornalismo sem considerar o contexto social e seus agentes. Estas especificidades, entre outras, tornam o jornalismo uma ciência, com domínio de conhecimento próprio para o exercício da profissão (Rocha, 2008, p. 47).

Sendo assim, muito tem-se buscado para que a profissão do jornalista tenha estabilidade no mercado de trabalho e que os profissionais consigam ter dignidade na sua profissão, mas temos clareza de que a ideia de carreira estável e ascendente está associada à emergência das grandes burocracias. A carreira surge como instrumento para facilitar um modo de administração impessoal e racional e assegurar, ao mesmo tempo, a eficiência e a coesão organizacionais por meio da relação de lealdade trabalhador-organização. A carreira tradicional é uma promessa que a organização faz ao indivíduo de que o mérito, a diligência e a autodisciplina serão recompensados com o progresso contínuo, numa trajetória desenhada às semelhanças de uma escada (Costa; Campos, 2006).

Nesse contexto, é necessário discutirmos sobre a questão do profissional empreendedor, que precisa do empreendedorismo para alcançar seus próprios objetivos profissionais. Compreender a necessidade desse conhecimento é o que proporcionará ao

jornalista identificar oportunidades e sustentar sua carreira no presente e no futuro, sendo esse um investimento basilar. A esse respeito, pode-se dizer que

Cada vez mais, o conhecimento constitui um ponto de apoio para a sobrevivência dos indivíduos, da sociedade e das empresas. [...] Os conhecimentos passam a abranger conceitos gerenciais, formação técnica, educação comportamental e educação em padrões de serviço aos clientes. As empresas estão investindo mais em educação e treinamento. A dupla consequência desse esforço é a maior competitividade da empresa e, maior empregabilidade para seus colaboradores. O maior desafio está em manter a empregabilidade do pessoal e dar condições para o desenvolvimento de seu potencial. O que motiva os colaboradores passam a ser: desenvolvimento pessoal, progresso na empresa, relações interpessoais e de trabalho, auto realização, reconhecimento, trabalho em si, política administrativa e segurança no emprego (Chiavenato, 2010, p. 22).

Na leitura de Chiavenato (2010) e também de outros autores, observamos e refletimos que o jornalista precisa assumir os riscos de empreender na sua trajetória profissional. Da mesma forma, é preciso focar no seu desenvolvimento e, como já pontuamos, nunca se sentir pronto e autogerenciar a sua carreira. O fato é que o ensino superior através de seu arcabouço deu ao jornalista conhecimentos teóricos e algumas práticas realizadas nos estágios e nas atividades proporcionadas. Porém, a construção da carreira depende de como esse profissional dará seguimento a sua busca por melhorar a cada dia mais.

Nessa perspectiva, lembramos que existem muitos desafios para a sobrevivência na profissão, pois a vulnerabilidade e o desemprego ainda a assolam. Outro aspecto, segundo Chiavenato (2010), é que o tradicional planejamento de carreira está cedendo lugar para o autogerenciamento de carreira. Agora, quem precisa se preocupar com a carreira não é mais a organização. Essa incumbência está velozmente passando para as mãos de cada profissional. E o autor adverte que cada pessoa é que deve administrar sua própria carreira profissional e saber como ajustá-la continuamente às demandas e exigências de um mundo em acelerada mudança e transformação. Assim, cada pessoa deve procurar conhecer seus próprios talentos e saber como desenvolvê-los e aplicá-los ao longo de sua vida profissional para aproveitar as oportunidades que surgem, evitando de todas as formas possíveis a obsolescência e as ameaças que venham a surgir, como desaparecimento de certas profissões e o aparecimento de outras totalmente inovadoras (Chiavenato, 2010).

A rápida transformação do mercado do jornalismo tem trazido dúvidas sobre o que deve ser feito para afiançar a sustentabilidade dos profissionais da área no que se refere à remuneração. Sobre isso, Chiavenato (2010, p. 284) ressalta alguns critérios, elencados como básicos para um plano de remuneração:

1) Equilíbrio interno versus equilíbrio externo: A equidade interna obedece ao princípio da justiça distributiva, que fixa os salários de acordo com as contribuições ou insumos que os colaboradores trocam com a organização. [...] A equidade externa obedece ao modelo do mercado de trabalho, que fixa os salários conforme as ocupações similares de outras organizações do mesmo ramo de atividade; 2) Remuneração fixa ou remuneração variável: A remuneração pode ser paga em uma base fixa através de salários mensais ou por hora ou pode variar conforme critérios previamente definidos como metas e lucros; 3) Desempenho ou tempo de casa: A remuneração pode enfatizar o desempenho e remunerá-lo de acordo com as contribuições individuais ou grupais ou pode enfatizar o tempo de casa do funcionário na organização; 4) Remuneração do cargo ou remuneração da pessoa: O sistema tradicional privilegia o salário pela contribuição do cargo e não como o colaborador o desempenha; 5) Igualitarismo ou elitismo: A tendência atual se move para os sistemas igualitários que dão pouca importância aos níveis hierárquicos, proporcionando flexibilidade e encorajando maior relacionamento entre subordinados e gerentes e maior cooperação entre os colaboradores; 6) Remuneração abaixo ou acima do mercado: A decisão de pagar abaixo do mercado é comum em organizações pequenas, jovens e não sindicalizadas e que operam em áreas economicamente pouco desenvolvidas e que apresentam elevada proporção de mulheres e minoria sem sua força de trabalho. A decisão de pagar acima do mercado é comum em organizações que procuram reter e motivar seus colaboradores e minimizar seus custos de rotatividade e absenteísmo.

A sustentabilidade na profissão depende, em parte, da remuneração e a remuneração depende do profissional, pois qualquer que seja a atividade escolhida pelo jornalista o conhecimento/planejamento de sua carreira é o que vai direcionar a sua profissão e, conseqüentemente, vai trazer a sustentação da vida profissional.

Portanto, o jornalista de tevê necessita da preparação da academia para que no mundo do trabalho tenha um bom desempenho profissional. No entanto, vale lembrar que o acadêmico também ajuda as agências formadoras a desempenhar o papel esperado, isto é, não depende somente da universidade, pois o estudante precisa de muito estudo para formar-se um profissional de excelência.

Além disso, o profissional nunca está totalmente pronto, uma vez que precisa sempre estar estudando e atualizando-se e a prática traz a possibilidade do desafio do novo, de situações em que, muitas vezes, o profissional depara-se com episódios que ainda não havia imaginado, como, por exemplo, no caso dessa pesquisa a situação de pandemia e seus desdobramentos. Por outro lado, é imprescindível pensar na ação do docente do ensino superior e a sua responsabilidade com a formação acadêmica do profissional do jornalismo, o que trataremos no tópico a seguir.

6.1 DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E A TECNOLOGIA: TEORIA, PRÁTICA E TÉCNICA

As constantes e expressivas transformações que a sociedade vem enfrentando exigem uma formação forte e competente do jornalista, exigida nessa era de convergência digital. A educação da contemporaneidade está respaldada no desenvolvimento integral do ser humano. Assim, é importante e essencial que possamos observar e discutir os paradigmas que permeiam a profissão do jornalista e um novo olhar para a formação e as mudanças na ação que vem ordenando uma nova postura aos jornalistas.

A era da convergência digital demanda competências e habilidades distintas. A sociedade está inundada em um mundo tecnológico que utiliza um espaço digital de interação e comunicação entre as pessoas. Esse espaço digital da internet é acessado por bilhões de usuários e cresce exponencialmente, tanto em número de servidores quanto em número de pessoas que o acessam.

Quando se fala de convergência digital, pensamos na integração de tecnologias como computação, telefonia, celular, rádio, televisão, internet, etc., e não em um equipamento específico. Assim, com o crescimento da busca por informação, as empresas descobriram que integrar diversos serviços de comunicação em um único dispositivo poderia tornar esse aparelho mais atrativo comercialmente.

Essa conexão de tecnologias e serviços, compartilhando o mesmo meio – a internet –, é o que se chama convergência digital. O acesso à internet pela televisão, o uso de telefonia e transmissões de rádio pela internet e até o uso de celulares para assistir TV são alguns exemplos de convergência digital. No cenário da docência, essa convergência ganha cada vez mais destaque, pois para que a ação do professor gere aprendizagem e atribua sentido aos conteúdos didáticos trabalhados em sala, as tecnologias deverão nortear a atuação docente.

Assim, o desenvolvimento profissional estará sendo desenvolvido na academia, envolvendo não só a formação inicial, realizada pelas instituições de ensino, mas a formação continuada, promovida, na maioria das vezes, pelo mercado de trabalho ou pela busca do próprio profissional. Diante disso, tem-se que

O desenvolvimento profissional envolve formação inicial e contínua articuladas a um processo de valorização identitária e profissional dos professores. Identidade que é epistemológica, ou seja, que reconhece a docência como um campo de conhecimentos específicos configurados em quatro grandes conjuntos a saber: conteúdo das diversas áreas do saber e do ensino, ou seja, das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes; conteúdos didáticos pedagógicos; conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos e conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana (Libâneo; Pimenta, 1999, p. 260).

Nesse ponto, cabe ressaltar que estamos vivendo a era das mudanças e, obrigatoriamente, a docência tem sofrido constantes transformações, sendo que a formação continuada para docentes tem ganhado cada vez mais destaque. A entrada de novas tecnologias contribui consideravelmente para a expansão da educação à distância em todo território nacional o que, conseqüentemente, tem mudado a forma de fazer a docência nas várias etapas do ensino, sendo que aqui nesta pesquisa evidenciamos o ensino superior.

Sabemos que a formação inicial de docentes requer um cuidado especial, mas que a formação continuada desse profissional é também essencial, pois provoca um olhar crítico e criativo, considerando-se a atual situação das reformas educacionais implementadas em todos os níveis da educação brasileira. A formação continuada de docentes dá-se costumeiramente com o educador voltando à universidade para expandir seus conhecimentos e seu desenvolvimento profissional, ou ainda através de participações em cursos, simpósios, congressos, programas de atualização, aperfeiçoamento e na pós-graduação *latu sensu* e *stricto sensu*.

Dessa forma, a docência vem exigindo um novo profissional da educação universitária, sendo ele alguém criativo, competente e comprometido com o advento das novas tecnologias. Esse novo profissional precisa interagir em meio à sociedade do conhecimento. Para tanto, é necessário repensar a educação e buscar os fundamentos para o uso dessas novas linguagens. Refletir sobre o fazer da docência dentro dessas novas linguagens é algo que causa grande impacto na educação e motiva uma nova cultura na sociedade, novos valores e diferentes necessidades aos docentes, tanto no sistema presencial quanto à distância. Afinal,

O papel da educação é formar esse profissional e para isso, esta não se sustenta apenas na instrução que o professor passa ao aluno, mas na construção do conhecimento pelo aluno e no desenvolvimento de novas competências, como: capacidade de inovar, criar o novo a partir do conhecido, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação (Mercado, 1999, p. 30).

Sob esse viés, destaca-se, no cenário atual, o sistema de educação à distância (EAD) que ganha um espaço cada vez mais amplo no meio educacional, devido ao impulso que recebeu com a chegada da informática e da internet. Esse processo foi potencializado pela pandemia,

que acabou ensinando um novo jeito de ensinar, tornando-se acessível para a solução de problemas relacionados tanto com a formação inicial quanto com a formação continuada de profissionais de diversas áreas e setores da sociedade. Desse modo, a formação continuada evidencia-se como sendo de suma importância, tendo em vista que o paradigma da sociedade do conhecimento e da tecnologia requer pessoas com uma nova postura acerca do processo de ensino aprendizagem. Na mesma direção,

[...] com a capacitação do professor universitário, aliada ao conhecimento teórico e prático, é possível transformar positivamente suas aulas, qualificando o ensino e contribuindo para a formação de seus alunos. Por esse motivo, é necessário que a ação docente seja desenvolvida nas universidades com o objetivo de intensificar, melhorar e estimular o aprendizado [...] (Santos; Santos, 2016).

A era tecnológica produz um efeito crescente em todos os setores de desenvolvimento mundial. Além disso, o aumento das tecnologias da comunicação e da informação incita a mudança de comportamento nos indivíduos na sociedade contemporânea. Nesse contexto, o processo de globalização tem contribuído efetivamente para a mudança cultural, sendo que o conhecimento torna-se cada dia mais essencial na sociedade da informação.

A necessidade de formação além da graduação para atuar na docência na educação superior ganhou mais destaque a partir da Lei de Diretrizes da Educação Nacional, de 1996, conhecida como a LDB 9.394/96. Na LDB, alguns requisitos são básicos para o professor poder atuar no ensino superior, como afirma o Artigo 66 do documento, por exemplo: “A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de Mestrado e Doutorado” (Brasil, 1996).

Dessa maneira, entende-se que as instituições de ensino superior devem priorizar em seu quadro de professores aqueles que tiverem a titulação de Mestrado e Doutorado. É sabido que a formação em nível de pós-graduação *stricto sensu* não prioriza a formação de professores, não trata de questões pedagógicas de ensino-aprendizagem, mas sim desenvolve o pesquisador. Em alguns casos, ou melhor, em alguns programas de pós-graduação, há uma disciplina com alguns créditos de didática e metodologia de ensino superior, mas que não é obrigatória e não dá conta da necessidade de aprofundar esta formação (Cunha, 2015; Masetto, 2004).

A partir disso, destaca-se que o sistema educacional deve assegurar uma formação inicial com maior flexibilidade de acesso aos currículos, às metodologias e aos materiais didático-pedagógicos, como também criar condições para uma educação ao longo da vida, mais integradas aos locais de trabalho e às expectativas e necessidade de cada indivíduo (Brasil, 1996).

Nesse aspecto, a ação do docente universitário, juntamente com as novas tecnologias, possibilita a superação de obstáculos relativos à didática e oferecem a oportunidade de formação e atualização aos cidadãos. Cabe ao profissional da educação adaptar-se às novas mudanças para não ficar fora do mercado de trabalho, mantendo-se atualizado os seus conhecimentos através do aperfeiçoamento contínuo para atingir um crescimento pessoal e profissional e a redução das desigualdades sociais. “É preciso formar o professor numa ambiência de pesquisa, a fim de favorecer um processo de interação com a atividade investigativa, incorporando, assim, a pesquisa como princípio formativo desde a sua formação profissional” (Ferraz, 2000, p. 61).

Dessa maneira, o professor a ser formado para a sociedade do conhecimento deve ser um indivíduo comprometido com as transformações sociais e políticas. Um profissional reflexivo, crítico, competente no âmbito de seu componente curricular, capacitando-se para exercer a docência e realizar atividades de investigação.

Nesse sentido, segundo Perrenoud (2000), a implantação de qualquer proposta que tenha implicações em novas posturas frente ao conhecimento conduz a uma renovação da prática pedagógica, de modo que a formação continuada assume um espaço de grande importância. No modelo clássico, o professor que já atua profissionalmente com sua formação inicial volta à universidade para renovar seus conhecimentos em programas de atualização, aperfeiçoamento, pós-graduação. Além disso, participa de cursos, congressos, simpósios e encontros destinados ao seu desenvolvimento profissional em espaços considerados como locus da produção do conhecimento como: a universidade e os espaços vinculados a ela, na medida em que podemos considerar a universidade como espaço de circulação das informações mais recentes e de conhecimentos teóricos/práticos relevantes para os diversos campos do saber. Os cursos são realizados em regime normal: presencial ou na modalidade à distância, ou seja, lança-se mão de diferentes estratégias como: correspondências, via fax, vídeos, computador, teleconferência e/ou outras mídias.

Para detalhar isso, Prada (1997, p. 88-89) apresenta algumas das diferentes expressões utilizadas na denominação dos programas de formação continuada, com o objetivo de ampliar essa compreensão:

- Capacitação - Proporcionar determinada capacidade a ser adquirida pelos professores, mediante um curso; concepção mecanicista que considera os docentes incapacitados;
- Qualificação - Não implica a ausência de capacidade, mas continua sendo mecanicista, pois visa melhorar apenas algumas qualidades já existentes.
- Aperfeiçoamento - Implica tornar os professores perfeitos. Está associado à maioria dos outros termos;
- Reciclagem - Termo próprio de processos industriais e usualmente, referentes à recuperação do lixo;
- Atualização - Ação similar à do jornalismo; informar aos professores para manter nas atualidades dos acontecimentos, recebe críticas semelhantes à educação bancária.

Complementarmente, o autor traz também a continuidade da formação para o aprimoramento do aprendizado:

- Formação Continuada - Alcançar níveis mais elevados na educação formal ou aprofundar como continuidade dos conhecimentos que os professores já possuem;
- Formação Permanente - Realizada constantemente, visa à formação geral da pessoa sem se preocupar apenas com os níveis da educação formal;
- Especialização - É a realização de um curso superior sobre um tema específico;
- Aprofundamento - Tornar mais profundo alguns dos conhecimentos que os professores já têm;
- Treinamento - Adquirir habilidades por repetição, utilizado para manipulação de máquinas em processos industriais, no caso dos professores, o termo não é interessante, na medida em que estes interagem com pessoas;
- Re-treinamento - Voltar a treinar o que já havia sido treinado;
- Aprimoramento - Melhorar a qualidade do conhecimento dos professores;
- Superação - Subir a outros patamares ou níveis, por exemplo, de titulação universitária ou pós-graduação;
- Desenvolvimento Profissional - Cursos de curta duração que procuram a “eficiência” do professor;
- Profissionalização - Tornar profissional. Conseguir, para quem não tem, um título ou diploma;
- Compensação - Suprir algo que falta. Atividades que pretendem subsidiar conhecimentos que faltaram na formação anterior (Prada, 1997, p. 88-89).

De acordo com Candau (1999, p. 53): “no momento atual, existe um grande interesse no Brasil em relação aos cursos à distância e várias universidades já estão começando a montar cursos de aperfeiçoamento de professores com esta modalidade, não só para a rede pública, como também para a rede privada de ensino”. As habilidades e competências exigidas do profissional docente requerem uma sólida preparação acadêmica, tanto na área específica do conhecimento quanto no campo da cognição das teorias de aprendizagem e das novas linguagens, como o uso dos novos recursos tecnológicos na educação.

Assim, a atuação do docente do ensino superior precisa realizar uma autoaprendizagem através de materiais multimídias, assimilando conceitos, consultando documentos auxiliares, realizando exercícios e outras atividades que as novas tecnologias podem facilitar. O professor e o estudante estudam, pesquisam, debatem, discutem, constroem e produzem conhecimento com os novos recursos que a tecnologia oferece, na organização, na flexibilização dos

conteúdos, na interação aluno-aluno, aluno-professor e na redefinição de seus objetivos. Nesse processo, ambos aprendem e ressignificam o conhecimento, sendo que os estudantes estão cada vez mais críticos e autônomos e os docentes precisam acompanhar essa evolução.

Hoje os recursos de videoconferência/teleconferência, internet e outras tecnologias colocam ao alcance das instituições de ensino as possibilidades de trocas entre docentes e materiais de intercâmbios simultâneos, do desenvolvimento de trabalhos em parceria, através da participação do estudante, do uso de diferentes canais, códigos e linguagem para a difusão de todos os conhecimentos produzidos. Logo, o alcance ao conhecimento ficou mais rápido e a difusão do saber cada vez mais acelerado.

Reconhecidos autores da área da educação (Cunha, 2015; Masetto, 2004; Tardiff, 2010; Zabalza, 2004) têm identificado que, com o passar dos anos, estabeleceu-se uma tendência de pensar o pedagógico de forma mais abarcante, no sentido de relacionar o que se está executando em sala de aula e as avaliações dos alunos sobre os docentes, especialmente na educação superior. Avaliar o professor de excelência não se baseia apenas nas questões relativas ao conteúdo ministrado em sala de aula e na capacidade do docente de transmitir esse conhecimento. Vai muito além e aproxima tal avaliação positiva das relações que se estabelecem entre aluno-professor, professor-aluno e no envolvimento de ambos para que, juntos, atinjam os melhores resultados no processo ensino e aprendizagem.

No caso da ação do docente, sua metodologia não é estagnada e está sempre em transformação, pois a sala de aula nunca é a mesma, os estudantes evoluem dia a dia e estão cada vez mais exigentes. Assim, ensinar pela pesquisa é de grande importância na formação do futuro docente, pois hoje a maioria dos projetos pedagógicos das escolas brasileiras vêm apresentando como objetivo levar os acadêmicos a uma formação crítica, e isso só acontece através da atualização dos docentes por meio de pesquisas. Desse modo, verifica-se que a pesquisa incentiva os futuros professores a pesquisar sobre os problemas que enfrentarão em sala de aula, onde a indisciplina, métodos de avaliação, inovações, entre outros, têm contribuindo com o entendimento acerca da realidade, tanto por parte do aluno quanto do professor.

Portanto, o professor de excelência, ou seja, o bom professor, precisa de muito mais do que apenas conteúdo. Segundo Cunha (2004, p. 67) “A escolha que o aluno faz do bom professor é permeada por sua prática social, isto é, o resultado da apropriação que ele faz da prática e dos saberes histórico-sociais”. Além disso, a prática da pesquisa destaca-se por promover uma emancipação intelectual e política de ambos. Seria altamente recomendável que esses futuros professores tivessem em sua formação oportunidades de contato com pesquisas e

pesquisadores, por intermédio de seus próprios professores, que não fossem meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora e reelabora a cada momento, em toda a parte (Lüdke, 1995).

O professor, ao ensinar pela pesquisa, aperfeiçoa, embrenhar-se e proporciona aos envolvidos novos conhecimentos, formando cidadãos politizados, tornando-se imperativo estar em constante contato com pesquisas já elaboradas, como também criar novos métodos e novos pensamentos a respeito da realidade pesquisada.

Assim, as proposições fundamentais para se educar pela pesquisa, de acordo com Demo (2003, p. 5), são:

- A convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar acadêmica;
- O reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa;
- A necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana do professor e do aluno;
- A educação como processo de formação da competência histórica humana. A pesquisa na prática pedagógica docente contribui para a formação de um professor competente, que forma alunos emancipados, críticos e atuantes, capazes de fazer diferença no seu contexto social e no mercado de trabalho.

O docente do ensino superior, assim como das outras etapas, precisa compreender que educar e pesquisar são atividades associadas, devendo fazer parte do hábito de professores e alunos. Nesse caso, o questionamento é um elemento primordial do processo ensino e aprendizagem. É preciso proporcionar aos alunos experiências que lhes permitam desenvolver-se ao máximo a sua capacidade de resolução de problemas, potencializando seus saberes tornando-os autores de sua formação através de análises e de arguições que levem a um aprendizado autônomo, criativo e reflexivo.

Ademais, educar pela pesquisa pressupõem aos alunos a incorporação do discurso pedagógico e da linguagem científica, possibilitando-lhes o desenvolvimento de competências argumentativas e questionadoras, com pensamentos científico, crítico e criativo, respeitando os potenciais de cada educando, nos diferentes estágios de sua formação. Do mesmo modo, estabelece uma relação complementar entre teoria e prática, uma vez que o professor e o aluno passam a assumir suas próprias hipóteses pedagógicas, colocando todos os envolvidos como sujeitos participantes do processo de pesquisar, de modo a aproximar o conhecimento acadêmico do conhecimento prático.

A saída para o docente, principalmente do ensino superior, nessa época de avanços tecnológicos, está em ampliar suas competências e habilidades para propor alternativas de trabalho a partir do estudo das realidades em que se está inserido. A construção gradativa da

competência profissional será sempre compreendida como um processo permanentemente inacabado.

Cabe ao docente utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma significativa, reflexiva e ética, nas diversas práticas sociais e para se comunicar com assertividade, acessando e disseminando informações e, ao mesmo tempo, produzindo conhecimentos que ajudarão a resolver problemas e exercer o protagonismo na vida pessoal e no trabalho, pois a formação nunca estará concluída, devendo-se estar em constante questionamento.

Falar da responsabilidade com a formação continuada dos profissionais da educação é trazer à tona algumas reflexões sobre a ação dos gestores escolares frente a uma política educacional que tem como base o princípio da gestão democrática da educação. A gestão significa deliberações, organização e direção, ou seja, tomar decisões acertada, com a atividade que estimule a equipe a atingir seus objetivos, cumprir suas metas e suas responsabilidades. Fazer a gestão da educação constitui-se em ser responsável pela qualidade da educação, tendo a preocupação com as práticas sociais.

A partir disso, é refletindo sobre a organização da escola que poderemos melhorar o processo de ensino e de aprendizagem. Nessa direção,

[...] é importante reiterar que, quando se busca uma nova organização do trabalho pedagógico, está se considerando que as relações de trabalho, no interior da escola, deverão estar calcadas nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, em contraposição à organização regida pelos princípios da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle hierárquico. É nesse movimento que se verifica o confronto de interesses no interior da escola. Por isso, todo esforço de se gestar uma nova organização deve levar em conta as condições concretas presentes na escola (Veiga, 2004, p. 31).

A ação pedagógica é a essência da escola e os profissionais que nela atuam precisam estar sempre estudando, pois são muitas as mudanças trazidas pela sociedade. É no processo de ensinar que encontramos coragem para a resolução dos conflitos, surgindo embate, tensões, rupturas, proporcionando aos envolvidos o crescimento pessoal e profissional.

Masetto (2004, p. 23) já apontava mudanças que estão em curso que já podem ser percebidas ou sentidas:

Embora essa mudança se apresente de forma iniciante, pois na grande maioria das situações ainda encontramos o professor no papel de transmissor de informações, e mesmo atuando só com aulas expositivas, um razoável número de docentes tem-se preocupado em chamar o aluno para se envolver com a matéria que está sendo estudada. Não há como se promover essa aprendizagem sem a participação e parceria dos próprios aprendizes. Aliás, só eles poderão "aprender", ninguém aprenderá por eles. Incentivar essa participação resulta em uma motivação e interesse do aluno pela matéria, e dinamização nas relações entre aluno e professor, facilitando a comunicação entre ambos. O aluno começa a ver no professor um aliado para sua formação, e não um obstáculo, e sente-se igualmente responsável por aprender. Ele passa a se considerar o sujeito do processo.

Dessas discussões, nascem novas formas de relação de trabalho e de construção de espaços para a reflexão coletiva, podendo favorecer a comunicação entre os diferentes segmentos da escola e a descentralização do poder. Tudo isso só poderá ser proporcionado se gestores e profissionais da instituição tirarem tempo para reunir-se, isto é, organizando espaços para a formação em serviço, tendo como foco a formação humana.

Nesse sentido, ser um professor competente é prioridade na área da educação, sendo responsável pela manutenção e pelo desenvolvimento de todas as outras competências adquiridas ao longo da vida, quer sejam profissionais ou pessoais. Assim, percebemos que a construção de competências nunca se conclui: “nenhuma competência permanece adquirida por simples inércia” (PERRENOUD, 2000, p. 155). Por isso, a formação continuada faz com que cada profissional observe a conservação e/ou adequação às novas necessidades, aos novos conhecimentos e às mudanças constantes.

Os professores devem preocupar-se com a formação continuada, pois é nesse espaço que assumimos a incumbência da aquisição de novas competências e da reflexão sobre as novidades que se apresentam. Sendo assim, para Charlier (2001, p. 101):

A formação é um elemento de desenvolvimento pessoal e profissional do professor, mas ela também faz parte do investimento da instituição escolar em seu capital humano. Passar de uma concepção individual da formação para a de um investimento institucional significa conciliar imperativos individuais e projetos de grupo; significa considerar a formação como um co-investimento no âmbito de desenvolvimento do projeto do estabelecimento.

Espera-se que, no trabalho coletivo, a aprendizagem gerada consiga modificar o ambiente escolar, pois todos estão unidos em prol de um mesmo objetivo, o que traz mais comprometimento para a equipe. Assim, o Projeto Político Pedagógico (PPP) está sempre em movimento, exigindo da equipe de gestão um olhar muito reflexivo, sem perder o respeito pelo conhecimento de todos e de cada um. Não basta apenas ter um PPP, é preciso que esse esteja melhorando a ação e garantindo o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse movimento, ressalta-se a importância do gestor e do planejamento de sua ação. Quando nos deparamos com o contexto da formação continuada, nosso olhar fica bastante confuso, pois há a necessidade de estar sempre estudando, buscando informações, atualizando-se, revendo as práticas e lidando com a resistência do professor em mudar. Então, é importante avaliar a necessidade de refletir sobre a ação do gestor, o precisa mudar e até que ponto os encontros de formação têm contribuído na melhoria das ações dos profissionais das escolas. Por tudo isso, podemos dizer que a formação continuada é o mecanismo que leva a instituição a refletir sobre sua ação na sociedade. De tal forma, Moran, Behrens e Masetto (2013, p. 75) afirmam que:

[...] para romper com o conservadorismo, o professor deve levar em consideração que, além da linguagem oral e da linguagem escrita que acompanham historicamente o processo pedagógico de ensinar e aprender, é necessário considerar também a linguagem digital. Nesse processo de incorporação, ele precisa propor novas formas de aprender e de saber se apropriar criticamente de novas tecnologias, buscando recursos e meios para facilitar a aprendizagem.

Mercado (1999) também destaca as possibilidades que a inserção das tecnologias digitais podem proporcionar. O papel da educação não se sustenta apenas na instrução que o professor passa ao aluno, mas na construção do conhecimento e no desenvolvimento de novas competências como: capacidade de inovar, criar o novo a partir do desconhecido, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia e comunicação.

Na atualidade, o ensino superior tem como foco não apenas questões acadêmicas, mas também questões profissionais. Para tanto, o professor pode ser o elo entre essas capacidades/competências, fazendo uso da tecnologia digital, ampliando e potencializando a relação ensino-aprendizagem no ensino superior. O uso de tecnologias digitais no ensino superior requer ações inovadoras, busca por novos recursos, materiais e, acima de tudo, atitude dos profissionais que atuam na área da educação, objetivando adaptar-se ao ambiente em que atuam (Oliveira; Silva, 2016).

Para corroborar a questão, Nóvoa (2017) consagra seus saberes às questões relacionadas à formação universitária, destacando que a profissionalidade docente reside em dar a merecida relevância ao papel social que o professor ocupa e, nesse sentido, confirmar suas peculiaridades formativas.

Trata-se, no fundo, de responder a uma pergunta aparentemente simples: como é que uma pessoa aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professor? Para responder temos de proceder a três deslocações. A primeira deslocação leva-nos a valorizar o continuum profissional, isto é, a pensar a formação inicial em relação com a indução profissional e com a formação continuada. A segunda deslocação conduz-nos a um olhar sobre as outras profissões universitárias e a buscar nelas uma fonte de inspiração. A terceira deslocação situa a necessidade de definir a especificidade da formação profissional docente (Nóvoa, 2017, p. 1113-1114).

Esse pensamento manifesta a complexidade que é a formação de profissionais da docência, especialmente o professor do ensino superior, pois muitos são os impetrados teóricos e metodológicos que as universidades empregam em suas matrizes curriculares que impregnam ou não os futuros professores na sua ação docente. Afinal, é na hora de deliberar por uma ou outra metodologia de trabalho que os profissionais mostram quem é o verdadeiro mestre e mantêm-se plenos e motivados para exercerem a carreira no magistério, assegurando o direito de aprendizagem e a qualidade de ensino para seus estudantes.

Já para garantir o direito à aprendizagem no ensino superior é primordial que as aulas sejam muito bem planejadas, bem como que o docente seja um empreendedor do conhecimento e organize suas aulas para seus discentes, preocupado com todos e com cada um e veja a pesquisa como principal fonte do conhecimento e uma das formas de mostrar a realidade da sociedade em que vivemos.

O professor planejado e atento observa o ensino e a aprendizagem como oportunidade da curiosidade que é provocadora das atividades de pesquisa. Dessa forma, conectado a um planejamento bem feito, a extensão visibiliza um retorno à sociedade das produções acadêmicas que as instituições de ensino superior precisam produzir, atendendo as questões sociais que se apresentam e, assim, oportunizam o contato direto dos acadêmicos com a realidade local. Nesse cenário, Nóvoa (2017) afirma que é necessária a construção de um novo arranjo institucional dentro das universidades, com fortes ligações externas para qualificar a formação dos professores.

7 A DISCIPLINA DE TELEJORNALISMO E OS OBSTÁCULOS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

O ensino e aprendizagem são, atualmente, vistos como elementos integrantes de um processo complexo onde, por um lado existe o professor, e por outro, o estudante. Esse processo é dependente do contexto, das temáticas lecionadas e das características particulares dos acadêmicos, sendo que nele intervêm múltiplos fatores. Assim, o trabalho do professor consiste em apresentar informações ou conhecimentos sob a forma de problemas a resolver, contextualizando-os e perspectivando-os de tal modo que o estudante possa estabelecer a ligação entre a sua solução e outras interrogações mais abrangentes (Zabalza, 2004).

Diante disso, a disciplina de Telejornalismo é uma prática social, marcada por um processo de reinvenção permanente. O jornalismo é compreendido como parte da sociedade, reconstruído a partir da participação contínua de diferentes atores sociais, aqui compreendidos como indivíduos, instituições, entre outros. Esses interagem conforme um conjunto de normas e convenções, responsáveis pela coordenação das atividades vinculadas a essa prática (Pereira, 2010).

Recentemente, com a pandemia do coronavírus, as práticas de telejornalismo e as universidades dessa área tiveram vastas mudanças. Logo, nascem muitas reflexões que abordam as várias dificuldades enfrentadas pelos jornalistas e a busca por metodologias para encontrar soluções. O ensino de telejornalismo, em tempos de pandemia, passaram a ter como foco específico o aprendizado acessível e reflexível, um ensino voltado às tendências da contemporaneidade. Trata-se de uma realidade diferente para professores e estudantes de todo o mundo.

Mesmo antes da pandemia, autores já discorriam sobre a importância de uma atualização nos bancos acadêmicos:

A academia não precisa pensar como o mercado, mas não pode ignorá-lo. Também não é prudente ou recomendável que as empresas, por sua vez, dêem (sic) de ombros para o que se pensa e se produz nas escolas. Se os cursos de Jornalismo estão ruins, é preciso encontrar maneiras de aperfeiçoá-los; se os produtos jornalísticos têm qualidade duvidosa, deve-se perseguir parâmetros melhores, refletindo sobre a prática, sobre rotinas produtivas, fluxos informativos, procedimentos operacionais, adoção de novas tecnologias [...] (Christofolletti, 2009, p. 01).

Por sua vez, para Souza (2020), o ensino da teoria e da prática precisa moldar-se para atender as especificidades do contexto do pensar propedêutico do ensino e do próprio Jornalismo. Assim, torna-se possível construir o início de uma proposta pedagógica a

ser desenvolvida e aplicada. Essas propostas são mutáveis e ressignificam-se a cada novo contexto (Souza, 2020).

Especificamente no ensino do telejornalismo, as expectativas que são abstrusas e desafiadoras. Sobre essa prática, requerem o exercício de diferentes visões por parte do docente. As transformações, principalmente tecnológicas, possibilitam que os equipamentos amadores ganhem espaço nas produções audiovisuais e, da mesma forma, dentro do jornalismo televisivo.

Nesse sentido, para Negrini e Ross (2020, p. 167):

A maneira de ministrar as aulas passou a ser remotas deixaram de ser uma opção para ser uma alternativa viável para o seguimento do ano letivo nas instituições de ensino, mesmo com o isolamento social. Ministrar as aulas nunca mais será igual. Aprender a trabalhar como jornalista em meio a uma avalanche de morte, doença e sofrimento passa a exigir uma formação universitária cada vez mais proativa e inovadora.

Nesse cenário, o ensino que já apresentava um procedimento gradual de implementações tecnológicas, para fins pedagógicos, foi apressado para suprir as práticas didáticas. O ensino da teoria e da prática precisaram adaptar-se para atender as especificidades do dia a dia, pois a partir do pensar propedêutico do ensino e do próprio Jornalismo, torna-se possível construir o início de uma proposta pedagógica a ser desenvolvida e aplicada (SOUZA, 2020).

Ainda sob esse viés, Negrini e Ross (2020, p. 167) salientam:

A presença de materiais provindos de vídeos amadores se mostra como uma alternativa na ausência do registro profissional de um fato e aponta para a existência de tensionamentos nas lógicas referenciais de composição do telejornal de referência. Mas, o uso destes materiais não pode comprometer a qualidade da reportagem e diminuir as possibilidades de entendimento do conteúdo por parte do público.

Trata-se de um momento assinalado pela alteração dos hábitos e práticas dos consumidores, trazidas em meio a transformações tecnológicas que possibilitam a busca e o acesso a uma heterogeneidade de opções de informações e entretenimento, sendo que, de maneira facilitada, os cidadãos têm suas preferências modificadas.

Falamos no ensino de telejornalismo é adentrar em um contexto complexo e desafiador e que requer o manejo de diversas perspectivas por parte do professor, que vai desde o domínio da construção textual voltada à apresentação de um fato na TV, abrangendo também a necessidade de conhecimentos técnicos sobre o manejo de equipamentos de captação de imagens e sobre softwares de edição (Negrini; Roos, 2020, p. 5)

Do mesmo modo, discutir sobre como está o ensino na disciplina de Telejornalismo e quais os desafios enfrentados por professores e acadêmicos é falar de currículo e práticas de formação de professores dentro da universidade, o que requer um aprofundamento em questões bastante tradicionais. A efetivação de melhorias na formação de professores para o ensino superior exige análises ordenadas e corajosas, que promovam a mudança na concepção dos professores já atuantes.

É através dos docentes em exercício nas instituições de ensino superior que as novas gerações de professores serão formadas adequadamente, ou seja, refletir sobre quando, efetivamente, começa a formação do professor e quando ela termina. Para tanto, observa-se que a formação dos professores universitários não se conclui na sua preparação inicial, oferecida com mais ênfase nos cursos de pós-graduação. Ela começa antes mesmo do início da carreira, já nos bancos escolares, quando o futuro professor, ainda como aluno, toma contato com seus primeiros exemplos de conduta docente, estendendo-se ao longo de toda sua carreira, num processo de constante aperfeiçoamento. Nessa perspectiva,

A formação dos professores universitários não se encerra na sua preparação inicial, oferecida predominantemente nos cursos de pós-graduação. Ela começa antes mesmo do início de sua carreira, já nos bancos escolares – quando o futuro professor, ainda como aluno, toma contato com seus primeiros exemplos de conduta docente –, estendendo-se ao longo de toda sua carreira, num processo de constante aperfeiçoamento (Pachane, 2006, p. 17).

No cenário atual de falta de formação para a prática didática, acrescenta-se a recente revolução tecnológica, que disponibilizou a informação de maneira virtual e bastante democrática, impactando fortemente a educação universitária. Com o acesso à informação através de diversos recursos tecnológicos, o professor deixou de ser uma figura letrada e detentora de todo o conhecimento sobre um determinado assunto. As constantes mudanças do mundo contemporâneo, dentre elas a inserção de novas tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem, nos remetem a rever como as aulas estão sendo ministradas:

Ensino superior tem como prioridade facilitar a capacitação do aluno em investigar, processar, assimilar, interpretar e refletir sobre as informações que recebe, para assim desenvolver autonomia do discente, sendo importante o discernimento do docente no que diz respeito à relevância do uso de ferramentas tecnológicas, como recursos facilitadores da construção do conhecimento, e ampliador de possibilidade na formação de novos profissionais (Oliveira; Silva, 2015, p. 4).

Repensar o ensino da disciplina de Telejornalismo e os desafios enfrentados por professores e acadêmicos é, sem dúvidas, refletir sobre o que é e como é ensinado por parte do professor, como os estudantes estão aprendendo e, principalmente, sobre as metodologias utilizadas. Assim, surge a possibilidade de se trabalhar com as metodologias ativas, as quais,

conforme Moran (2015, p. 15), “[...] são pontos de partida para avançar para processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas”.

O estudante, numa perspectiva tradicional de aprendizagem, tem somente a função de receptor de conteúdos disseminados pelo docente, tornando-se um sujeito passivo. Já com o uso das práticas pedagógicas, pela metodologia ativa/inventiva, o estudante se torna ativo no seu processo de ensino-aprendizagem, o que é fundamental para o sucesso da aprendizagem. Isso envolve a criação de desafios, atividades e jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, bem como solicitam informações pertinentes, oferecem recompensas estimulantes e combinam percursos pessoais com a participação significativa em grupos. Além disso, podem ser inseridas em plataformas adaptativas, que reconhecem cada estudante e, ao mesmo tempo, aprendem com a interação, tudo isso utilizando-se das tecnologias adequadas (Moran, 2015, p. 18).

Nas aulas de Telejornalismo é importante lembrar que o uso de tecnologias digitais provoca transformações nas maneiras de se perceber as realidades local e global e intervém, cada vez mais, na vida produtiva e nas formas de sociabilidade. Portanto, a mídia constitui-se frequentemente em ambiente estratégico de mediação de discursos de instituições e de outros campos de produção simbólica na contemporaneidade. Pensar e fazer televisão e telejornalismo no século XXI implica compreender que se vivencia a terceira fase de transmissões de notícias no Brasil e no mundo. Ademais,

A imagem está mais acessível, mais rápida e mais perto de ser “tocada”, a cada dia, por um número maior de pessoas. A internet derrubou as barreiras de transmissão de dados à distância e criou novas expectativas quanto à comunicação dos seres no planeta. Isto se refletiu diretamente na mídia televisiva, que hoje se reconfigura, tentando entender que público é este que acessa sob estas novas bases (Emerim, 2010, p. 2).

Ao longo da história das mídias, o rádio e o telégrafo sem fio caracterizaram a primeira fase. Já a segunda, foi marcada pela transmissão de áudios e vídeos de grandes acontecimentos para todo o planeta via satélite e por cabo, culminando com a multiplicação de canais de notícias 24 horas (Becker, 2015).

Ainda ao refletir sobre o ensino da disciplina de Telejornalismo e os desafios para professores e estudantes é necessário analisarmos também a necessidade do ensino laboratorial do telejornalismo. Afinal, com o uso de novas mídias digitais e com a adaptação e a incorporação de disciplinas ao universo on-line e a teorias que envolvem o ambiente web, tornou-se cada vez mais necessário rediscutir o currículo e as práticas pedagógicas das

instituições de ensino superior de jornalismo. Isso ocorre frente ao cenário que se apresenta: um mercado em constante transformação, que vem exigindo um profissional mais consciente do seu papel em um mundo cada vez mais conectado e que vai encontrar ambiente de trabalho de multiplataformas (Dias; Dalla Costa, 2015).

Na mesma direção, é importante que o professor elabore estratégias de ensino que estimulem os acadêmicos a desenvolver a sua aprendizagem de forma ativa, pois ela constitui-se a partir de um processo de apropriação de conhecimentos que o ser humano realiza em seu contexto histórico e cultural. A aprendizagem é um elemento essencial de promoção do desenvolvimento das sociedades ao longo da história da humanidade. Além disso, ela acontece o tempo todo e atua na própria sobrevivência. Assim, a vida social torna-se possível, porque aprendemos e adquirimos conhecimentos que se registram na memória (Zwicker, 2017).

Nesse contexto, as instituições de ensino, especialmente as de ensino superior, precisam organizar em seus currículos e cursos atividades integradoras da prática com a teoria, do compreender com o vivenciar, o fazer e o refletir, de forma sistemática, em todas as áreas e durante todo o processo de profissionalização. É também necessário considerar que o processo de ensino aprendizagem é complexo, possui caráter dinâmico e não acontece de forma linear, exigindo ações direcionadas, para que os alunos possam aprofundar-se e ampliar os significados elaborados mediante a sua participação (Daros, 2018).

Entretanto, é inegável a importância da aprendizagem ativa no ensino superior para o desenvolvimento de competências profissionais dos acadêmicos do curso de jornalismo, observando que o papel das universidades e dos professores é proporcionar aos acadêmicos métodos que potencializem a aprendizagem. É salutar lembrar que a aprendizagem só se torna ativa quando os estudantes/acadêmicos fazem mais do que só escutar. Eles precisam ler, escrever, discutir e se engajar na resolução de exercícios e problemas, com realização de pesquisas, elaboração de análises, sínteses e avaliação do que foi ensinado. Ser um estudante é realmente estudar, porque segundo Dias-Sobrinho (2015, p. 584):

Os desafios formativos no ensino superior emergem no contexto complexo e sinalizam a necessidade da defesa de modelos organizacionais e pedagógicos capazes de “formar pessoas com alto sentido cultural, moral e político de cidadania e de contribuir, em sua esfera de possibilidades e em seus limites, para a solução de problemas da coletividade”.

Conforme evidencia-se, os desafios para os acadêmicos do telejornalismo são inúmeros, uma vez que precisam explicar suas práticas à luz das teorias, precisam aprender a teoria e criar suas práticas, precisam ser exímios comunicadores, tanto na fala como na escrita,

necessitam ser eternos aprendizes e ter discernimento para levar a informação de maneira criativa e assertiva. Não basta apenas escolher o curso, é preciso se ver dentro da profissão e visualizar qual parte dessa área é realmente a que ele vai desempenhar.

Assim, cabe salientar que as responsabilidades de estudantes e professores são diferentes, mas, ao mesmo tempo, com aspectos parecidos, pois só há ensino se tiver aprendizagem. E só é um profissional de excelência aquele que estiver sempre aberto ao aprender. Nesse aspecto, independentemente se é professor ou acadêmico.

A partir disso, com a popularização da internet e sua utilização como um dos principais meios informativos para estudantes universitários, também se faz necessário o desenvolvimento de linguagens para essas novas mídias. Os jornais universitários, por exemplo, podem ser um espaço também para essa finalidade. Diferentemente do telejornal, exibido diariamente nas emissoras comerciais ou no mercado profissional, o telejornal universitário pode ser um espaço aberto ao treinamento e à experimentação de novas propostas produtivas (Bassani *et al.*, 2013).

O fato é que, na contemporaneidade, são muitas as demandas para a disciplina de telejornalismo e os obstáculos do processo de ensino-aprendizagem precisam ser transformados em desafios. Da mesma forma, o docente e o discente sempre serão aprendizes e é primordial que ambos tenham a responsabilidade e o comprometimento com a busca pelos saberes que não se encerra na faculdade e que se constrói ao longo da vida.

8 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA

A intenção dessa pesquisa não foi de quantificar as atividades na disciplina de Telejornalismo, mas qualificar e entender em que aspecto as novas mídias estão sendo trabalhadas nos cursos de Jornalismo de instituições catarinenses que fazem parte do sistema Acafe. Para tanto, vamos utilizar alguns dos sete saberes de Morin (2016), como base para entender o enredamento e a percepção *complexus* da formação dos jornalistas e do trabalho docente no curso de Jornalismo. Lembremo-nos que nenhuma técnica de comunicação, do telefone à internet, traz por si mesma a compreensão, pois a compreensão não pode ser quantificada (Morin, 2016)

Para isso, foram selecionadas cinco instituições que oferecem o curso de graduação em Jornalismo. Os questionários foram enviados para professores e alunos no mês de fevereiro de 2023. Responderam ao questionário enviado via *Google Forms*, através de e-mail, quatro professores e quatro acadêmicos das seguintes universidades: Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), Universidade Comunitário da Região de Chapecó (Unochapecó), Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Universidade Regional de Blumenau (Furb) e Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). É importante ressaltar que 80% dos entrevistados convidados a participar do estudo aceitaram o termo de responsabilidade.

Desse modo, realizou-se uma pesquisa qualitativa, sendo que

[...] é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (Triviños, 1987, p. 124).

No Quadro 3 apresentado abaixo, destacamos informações sobre a coleta de dados para compreender melhor como o questionário foi realizado. Nesse ponto, cumpre informar que fizemos um levantamento com acadêmicos do curso de Jornalismo e professores que lecionam a disciplina de Telejornalismo.

Quadro 3: Participantes da pesquisa

PÚBLICO-ALVO		
Professores	04 dados coletados	Fevereiro/ Março 2023
Acadêmicos	04 dados coletados	Fevereiro/ Março 2023
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR		
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)		
Universidade Comunitário da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ)		
Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)		
Universidade Regional de Blumenau (FURB)		
Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)		

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Cada participante da pesquisa respondeu conforme a sua realidade e levando em conta que, entre 2020 e 2021, muitas universidades trabalharam remotamente por conta da pandemia de Covid-19. Aliás, a intenção do questionário era entender como os cursos se desenvolveram a partir dessa nova realidade. O questionário voltou-se a perguntas sobre os procedimentos utilizados na disciplina de Telejornalismo, recursos dispostos para o desenvolvimento dos trabalhos práticos, quais inovações foram trazidas para a disciplina, principalmente depois da pandemia, o que mudou no aspecto didático e como a convergência digital é trabalhada.

As universidades participantes da pesquisa, para respeitar o sigilo ético, serão representadas pelas cinco primeiras letras do alfabeto maiúsculas, sendo elas: A, B, C, D e E.

Nos quadros que seguem mostramos as respostas coletadas na pesquisa, com os questionários completos. Para respeitar os preceitos éticos do sigilo dos respondentes, os estudantes serão identificados com a letra E, seguido de algarismos arábicos de um a quatro, ou seja, E1, E2, E3, E4. Começamos a apresentar os dados a partir dos estudantes que responderam às perguntas:

Quadro 4: Respostas do E1

ESTUDANTE	UNIVERSIDADE	IDADE
E1	A	21
QUESTIONÁRIO APLICADO		RESPOSTA
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático?		Prático
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?		Laboratório audiovisual, equipamentos, professor qualificado e técnicos de laboratório.
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?		Sim, a aplicação do audiovisual na linguagem das redes sociais e semelhantes.

No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	Conexão e humanidade
De que forma a convergência digital é trabalhada em sala? Considera isso importante?	De forma constante. Muito importante
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	09

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Esse estudante foi pragmático nas respostas, o que nos remete a um dos sete saberes de Morin (2016): As Cegueiras do Conhecimento, o Erro e a Ilusão. Nele, o autor discorre que o conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos (Morin, 2016, p. 23). Os conceitos paradigmáticos tornam-se, então, matrizes que privilegiam certos conhecimentos em detrimento de outros, havendo um afastamento dos padrões que abarcam a complexidade da vida (Gabriel, 2020).

Quadro 5: Respostas do E2

ACADÊMICO	UNIVERSIDADE	IDADE
E2	B	21
QUESTIONÁRIO APLICADO	RESPOSTA	
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático?	A aula de Telejornalismo é dividida em dois semestres. Em Telejornalismo I, tivemos aulas mais teóricas, mas sem deixar a prática de lado (aprendemos o básico do telejornalismo, como por exemplo, a maneira correta de segurar o microfone e se portar na frente da câmera). Em Telejornalismo II, tivemos poucas aulas teóricas e com foco total em aulas práticas (treinávamos entradas ao vivo, apresentação de jornal, documentário e aprendemos a parte de edição também.	
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?	A universidade conta com muitos recursos, temos câmeras à disposição, microfones (inclusive lapela), tripés, computadores para editar os vídeos e laboratórios de vídeo, áudio e foto (todos bem equipados), além da Furb TV, local que tivemos algumas aulas e que tem todos os	

	equipamentos utilizados nas emissoras de TV (como o teleprompter).
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?	Sim, ao longo do curso temos produzido materiais para todos os tipos de plataforma e até mesmo aprendemos a transformar o que produzimos. Utilizamos muito as redes sociais e os professores tentam nos mostrar a rotina jornalística de um profissional multimídia na prática. Na disciplina de telejornalismo também foi assim! Além disso, aprendemos como utilizar os recursos que estão em nossa mão o tempo todo, como o celular e testamos novas maneiras de fazer as reportagens para TV para prender a atenção do telespectador, trabalhando com efeitos visuais e sonoros.
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	A maioria dos professores inovou nas aulas e mudou a maneira “tradicional” de dar aula. Buscaram tornar as aulas mais interessantes, utilizando técnicas que realmente fazem com que os alunos prestem atenção no que estão fazendo e buscam aumentar o rendimento das aulas. Alguns exemplos são os trabalhos em equipe, fizemos transmissões de jogos de vôlei e reportagens de telejornalismo e rádio (no mesmo dia) fora da universidade, o que aproximou muito mais os alunos da realidade. Outro método utilizado é quando os alunos buscam as informações sobre os temas que são trabalhados em aula, apresentam para a turma, discutem (os professores complementam) e depois buscam exemplos e aplicam. Além disso, muitos professores apostaram em autoavaliação individual e do grupo após essas atividades e também.
De que forma a convergência digital é trabalhada em sala? Considera isso importante?	Trabalhamos a convergência digital desde o primeiro semestre da faculdade. Claro, no início não sabíamos que estávamos utilizando a convergência, até chegar em Jornalismo Digital, no segundo semestre e entender como funciona. A maioria das nossas aulas são práticas e para não sobrecarregar muito os alunos, os professores acabam fazendo trabalhos conjuntos, o que facilita para que a gente vivencie na prática. Por isso, quando íamos atrás de fontes ou de algum assunto para fazer os trabalhos, já tínhamos que pensar

	no público da TV, rádio e do digital, além de transformar o conteúdo que criamos para TV, para as redes sociais, por exemplo. Considero muito importante porque e os jornalistas precisam saber trabalhar com todos os tipos de mídia.
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	09

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Já este outro respondente pontuou os avanços no ensino na disciplina de Telejornalismo e como isso tem ajudado no desenvolvimento profissional, despertando novos saberes. Além disso, trouxe ainda outras disciplinas nas quais a tecnologia é trabalhada. Nesse sentido, suas respostas remetem-nos ao segundo saber de Edgar Morin (2016): Os Princípios do Conhecimento Pertinente. Acerca disso,

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar (Morin, 2016, p. 39).

Quadro 6: Respostas do E3

ACADÊMICO	UNIVERSIDADE	IDADE
E3	C	23
QUESTIONÁRIO APLICADO	RESPOSTA	
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático?	Predominantemente prático, porém foram unidas a teoria com a prática e fez com que o aprendizado fosse muito maior que em disciplinas que utilizam-se apenas da teoria, ou muito apenas dela.	
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?	Câmeras, tripé, luz, microfones, computadores, apenas um computador com programa de edição de vídeo.	
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?	A passos lentos mas, é possível ver a busca por inovação sim, porém não são muitos os recursos destinados a isso. Como ponto positivo posso citar o fato de que a professora da disciplina atua na área e pode trazer experiências reais para nós estudantes, a última aquisição do centro acadêmico de jornalismo foram microfones	

	tipo lapela para as aulas práticas e é perceptível que a maioria dos professores busca estar atualizado a fim de passar o conhecimento jornalístico da melhor maneira
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	Depois da pandemia é notável que a inserção da tecnologia e das redes sociais foram muito mais presentes, o que facilitou muito o contato de professores, alunos e fontes para entrevistas
De que forma a convergência digital é trabalhada em sala? Considera isso importante?	Conforme discutido em aula, cada vez mais o telespectador está com a tv ligada e vendo algo na internet pelo smartphone, o que faz com que tenhamos que nos preocupar muito mais com alguns aspectos para chamar a atenção do nosso consumidor de notícias. E sim, considero muito importante, pois o jornalista precisa estar sempre
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	10

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Um dos saberes necessários à educação do futuro fala sobre a incerteza, pois mesmo não tendo controle de tudo, é possível ter consciência das ações para trabalhar com possíveis riscos. Portanto, nas afirmações do E3, destaca-se o quinto saber: Enfrentar as incertezas. Nele, Morin (2016) destaca que o conhecimento é uma aventura incerta, mas que é nas certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões, e que a consciência do caráter incerto traz a oportunidade de chegar ao conhecimento pertinente.

Quadro 7: Respostas do E4

ACADÊMICO	UNIVERSIDADE	IDADE
E4	D	21
QUESTIONÁRIO APLICADO	RESPOSTA	
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático?	Prático	
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?	Estúdio de televisão, gravações dentro da universidade com equipamentos da universidade.	
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?	A disciplina foi adaptada para a pandemia que foi o período que eu fiz. Podemos	

	gravar vídeos pelo celular como aconteceu nas emissoras de televisão
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	A visão que temos do telejornalismo ter que ser “perfeito”.
De que forma a convergência digital é trabalhada em sala? Considera isso importante?	Que devemos nos adaptar a esse meio, mas entender que os meios de comunicação não irão morrer.
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	08

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A resposta do estudante também remete-nos a um dos conhecimentos que traz à tona a forma de aprendizagem, afinal, o ensino dá conhecimento, mas não ensina o que é conhecimento. Em uma das respostas, o E4 diz que o telejornalismo tem que ser perfeito, mas será que perfeição existe? Morin (2016, p. 23) acredita que o problema chave do conhecimento está no erro e na ilusão:

Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face, do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema do erro, a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais.

A partir daqui, nos quadros abaixo, evidenciamos as respostas dos professores das mesmas universidades citadas acima. Ainda no intuito de respeitar os preceitos éticos do sigilo dos respondentes, os professores serão identificados com a letra **P** seguida de algarismos arábicos de um a quatro, isto é, P1, P2, P3, P4. Destaca-se que são professores que lecionam a disciplina de Telejornalismo.

Quadro 8: Respostas do P1

PROFESSORES	UNIVERSIDADE	IDADE
P 1	A	38
QUESTIONÁRIO APLICADO	RESPOSTA	
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático? Explique.	Embora busque-se um equilíbrio, a metodologia aplicada tende mais ao prático, permitindo que o estudante possa aplicar técnicas e praticar, desenvolvendo suas habilidades e competências. O teórico e o conceitual são apresentados de modo a dar base para as práticas.	

Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?	Os laboratórios do curso de graduação em Produção Audiovisual, apresentam instalações amplas e equipamentos específicos para atender as demandas das disciplinas teórico-práticas. São divididos em: compartilhados e específicos, todos contam com técnicos com formação na área (Produção Audiovisual) que auxiliam na organização e preparo das aulas, e coordenados por professores das respectivas áreas. Os técnicos também atendem os estudantes na retirada de equipamentos e também na instrução de como usá-los (nossos alunos podem retirar equipamento relacionado à Tele e praticar em horários extra aula). Todos os laboratórios atendem em horários alternativos às aulas também para que o estudante possa experimentar os equipamentos e os espaços de forma livre e aprimorar seus conhecimentos. Nos laboratórios acontecem aulas práticas, monitorias, projetos de extensão e pesquisas vinculadas a projetos de Iniciação Científica e ou Trabalhos de Conclusão de Curso. Os laboratórios didáticos de formação específica utilizados para Telejornalismo é o Laboratório de Mídias Audiovisuais: O laboratório conta com espaço para <i>coworking</i> e também com um estúdio onde são realizadas as atividades de captação de imagem e som. Entre elas estão a simulação da transmissão de telejornal e outros programas televisivos e também de linguagem digital; produções cinematográficas documentais e ficcionais; Videoclipes, vídeo-artes e aplicação de técnicas como fundo infinito e <i>chroma key</i>, por exemplo. No espaço de <i>coworking</i> do laboratório acontecem aulas expositivas e também práticas de produção. Dentre elas estão as disciplinas de Documentário, Telejornalismo, Produção Audiovisual em Jornalismo, Jornalismo Transmídia e Crossmídia. Nas ilhas de edição são realizadas as edições, montagens e finalizações dos trabalhos em vídeo dos alunos das disciplinas dos cursos de comunicação que contam com o atendimento dos técnicos. Os alunos dos
--	---

	cursos de comunicação dispõem da maioria dos equipamentos de do laboratório para o uso nas atividades que as disciplinas demandam. Principais Equipamentos: 2 câmeras DSLR, 2 câmeras mirrorless, 4 Câmeras Camcorders, 5 Tripés de vídeo, 3 Dolly, 2 Microfones shotgun para DSLR, 2 Microfones direcionais, Switcher analógico de vídeo e áudio, 2 Suportes para microfone direcional, 8 Tripés para luz, 5 Ilhas de edição (MACs), 4 placas de led compactas, Em torno de 15000w em iluminação, 30 Cadeiras com mesa acoplada, 2 Armações Blimp com Deadcat, 3 Varas extensora para blimp (vara boom), 1 Televisor de 32", 1 Televisor de 42", 3 Microfones de lapela, Cabos XLR/XLR e XLR/P10, 2 microfones de lapela sem fio com base, 3 microfones lapela sem fio portáteis, 2 Leitores USB de cartões SD e CF, Pilhas recarregáveis e carregadores, 1 Gravador de áudio TASCAM, 2 gravadores de áudio zoom, 2 Teleprompters, 4 Microfones de mão, Extensões de variados tamanhos, Dock para SSD, 4 HDs Externos, Módulo e caixa de som, Rebatedor 5 em 1, Caixa de produção, Dimmers, Fundo infinito Chroma Key, Caixa de Ferramentas, 2 Poltronas, 1 Projetor de vídeo Sony, Armações de difusor para Iluminador halógeno, 1 Switcher de vídeo blackmagic, 1 Gravador SSD, Cabeamento HDMI, 2 Monitores 7", RCA, Sistema de digitalização de fita, 2 Gravadores de fita cassete, 1 Gopro Hero 3 Black, 1 Ipad, 1 Telefone, 2 Roteadores, 2 monitores de vídeo 7" Feelworld. Além disso, existem laboratórios de informática com iMacs contendo pacote Adobe completo para servir de ilhas de edição que os estudantes acessam durante as aulas e também em horários alternativos, se desejarem. São mais 45 máquinas (iMacs) à disposição e abertas a receber outros softwares de edição/montagem quando necessário.
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?	Dentro do possível, sim. A condição financeira das Instituições Comunitárias foi bastante prejudicada pela crise econômica dos últimos anos. Mas materiais essenciais são atualizados e adquiridos com rigor e

	alguns novos itens, mais acessíveis também, como por exemplo drives para permitir transmissões ao vivo para a internet. Existem câmeras analógicas e digitais, microfones bola e direcionais, tripés e outros equipamentos que como mesas de som, de corte de vídeo e hardwares que permitem gravações e transmissões ao vivo de programas do estúdio para a internet (streaming). Todos esses recurso são utilizados na disciplina de Telejornalismo.
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	Como o nosso curso é presencial, as aulas voltaram 100% presencial no segundo semestre de 2021. Porém, alguns avanços (forçosos) promovidos pela pandemia e a evolução das tecnologias da comunicação estão permitindo que os futuros jornalistas utilizem ferramentas cotidianas como <i>Whatsapp</i> , <i>Google-Meet</i> , <i>Discord</i> e os smartphones para produzir entrevistas e captar imagens e áudios. Buscamos olhar para tendências do mercado e novas estratégias de produção para também trazer essas novidades para a sala de aula, mas priorizando as vivências presenciais. Sinto que os estudantes anseiam por isso também. Como não pudemos ofertar a disciplina após a pandemia, ainda, podemos apenas projetar. Neste sentido, posso dizer que reflexões sobre as facilidades e desafios que a pandemia trouxe para a produção, o produto e o consumo de telejornalismo terão destaque nas aulas, assim como técnicas tradicionais e contemporâneos e muita prática.
De que forma a convergência digital é trabalhada com os estudantes?	Não é fácil para a área da comunicação se manter atualizada recentemente. O público migra para meios de comunicação digitais novos, com processos de produção e consumo muitos específicos. E o jornalismo precisa estar lá também, junto do público. O novo PPC do curso de Jornalismo busca tratar destas demandas e desafios. Estamos com o segundo ano da nova matriz em andamento, mas ainda não estreamos as disciplinas de telejornalismo. Na nova matriz ela será o primeiro contato do estudante com a produção audiovisual de forma específica e aprofundada, iniciando por aspectos históricos e técnicas do

	telejornalismo tradicional (mas sempre que possível comparando com o digital) até a produção diversos materiais deste gênero. Não se pode abandonar as raízes (ou os processos analógicos) tendo em vista que a televisão tradicional ainda é um meio muito poderoso e empregador. Porém, o Plano e Ensino prevê a utilização de diversos recursos e técnicas contemporâneas de produção, muitas ligadas ao digital e a internet, mantendo o estudante atualizado aos processos do mercado de trabalho em telejornalismo. Cabe destacar também no semestre seguinte os estudantes possuem uma disciplina voltada especificamente pra produção audiovisual jornalística em ambiente digital, e uma terceira disciplina que possui, dentre outras linguagens, a audiovisual aplica em contextos de transmídia e crossmídia.
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	09

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Para quem é docente, um dos principais desafios é proporcionar uma aprendizagem que seja pertinente ao mercado de trabalho. Essa preparação do estudante para o mercado de trabalho é uma via de duas mãos, pois é preciso ter conhecimento do professor e dedicação de ambos. Na obra de Morin (2016), o pensador sustenta a necessidade do contato com o saber de forma que os indivíduos possam aplicar sua inteligência mais basal, como a curiosidade (Gabriel, 2020).

Quadro 9: Respostas do P2

PROFESSORES	UNIVERSIDADE	IDADE
P2	B	52
QUESTIONÁRIO APLICADO	RESPOSTA	
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático? Explique.	Prático, em todas as aulas. A carga horária das disciplinas indica a prioridade.	
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?	Laboratório com estúdio, câmeras, microfones, ilhas de edição, iluminação, técnico responsável à disposição. Estrutura da TV, com cenários e equipamentos	

	profissionais e que são utilizados em exercícios mais avançados
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?	A principal inovação está no modo de transmissão, integração com as plataformas de streaming, circulação. Os modos de produção e formatos foram pouco alterados
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	Especialmente a possibilidade de o aluno acompanhar a aula de forma remota e síncrona, permitindo que, na eventualidade de não poder comparecer presencialmente ao encontro, ele siga participando em tempo real das atividades.
De que forma a convergência digital é trabalhada com os estudantes?	A convergência digital é trabalhada de forma transversal, com a produção de conteúdos multimídia em diversas disciplinas. A convergência digital dirigida ao telejornalismo é abordada em tele 2, a partir dos estudos sobre TV digital e perspectivas do Webjornalismo.
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	09

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Depois da pandemia e durante ela muitas dúvidas surgiram em relação ao aprendizado, e muito precisou ser adequado para que o ensino nas escolas e universidades não parasse. Especificamente no telejornalismo, trabalhar a convergência digital através das telas (celular, televisão, computador) tornou-se ainda mais necessário. Nesse universo de incertezas, é preciso estar atento às mudanças. Diante disso,

As considerações de Edgar Morin apontam que na educação para o futuro as estratégias devem ser desenvolvidas antes dos programas, haja vista que podem examinar de antemão as incertezas e as probabilidades dos cenários ambientais, capacitando as pessoas a traçarem planos de ação que vislumbram o conhecimento complexo (Gabriel, 2020).

Quadro 10: Respostas do P3

PROFESSORES	UNIVERSIDADE	IDADE
P3	C	36
QUESTIONÁRIO APLICADO	RESPOSTA	
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático? Explique.	No meu caso, prático. Por se tratar da disciplina Telejornalismo 2. É o segundo semestre da disciplina, portanto, os acadêmicos já possuem noção das questões	

	teóricas e passam a atuar mais nas atividades práticas de pauta, produção, gravação e edição de materiais.
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?	Câmera, tripé, iluminação, microfone e computador para edição.
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?	Infelizmente, a instituição tem limitações em termos de disponibilidade de equipamentos, dispositivos e laboratório, estando defasada quanto aos avanços tecnológicos.
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?	A pandemia afetou a forma de se fazer jornalismo e, consequentemente, a forma de ensiná-lo nas universidades. Arrisco dizer que essa mudança teve, em sua, maioria, aspectos positivos, tendo em vista que forçou profissionais e estudantes a buscarem alternativas para a produção de conteúdo, utilizando de maneira mais frequente e de forma mais autônoma, principalmente os dispositivos móveis. A forma de contato com as fontes e público também mudou.
De que forma a convergência digital é trabalhada com os estudantes?	Ministro, também, as disciplinas de mídias sociais e jornalismo digital e vejo nisso um ponto positivo. Por esse motivo, é possível, de maneira mais fácil, apresentar esse novo universo convergente aos acadêmicos e torná-los consciente disso: de que hoje não há mais veículos de comunicação que atuam em uma única plataforma. Os veículos são multiplataforma e as plataformas são todas convergentes.
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.	08

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Nesse contexto, o professor respondente leva-nos a pensar sobre a convergência das disciplinas, pois o ensino em sua totalidade não precisa ser unilateral, ao contrário, unindo esforços é possível levar um conhecimento mais amplo aos acadêmicos. Morin (2016) já sustentava essa prática. Para ele, a compartimentalização das disciplinas e da inteligência trazem desvantagens na busca por soluções de problemas. Em consequência, a educação deve

promover a “inteligência geral”, apta a referir-se ao complexo e ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global (Morin, 2016).

Quadro 11: Respostas do P4

PROFESSORES	UNIVERSIDADE	IDADE
P4	E	76
QUESTIONÁRIO APLICADO		RESPOSTA
Na disciplina de Telejornalismo o procedimento utilizado é mais teórico ou prático? Explique.		Percentualmente, as atividades práticas ocupam um espaço maior. Isto porque é importante que o aluno entre em contato com os equipamentos e com a dinâmica de construção de uma matéria jornalística.
Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?		Estúdio, câmeras, microfones, gravadores, material para iluminação, softwares para edição e computadores.
Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?		A digitalização, tanto em termos de equipamentos como de softwares, obriga a universidade a acompanhar as mudanças tecnológicas. Assim, a atualização de equipamentos e programas é constante.
No aspecto didático o que mudou depois da pandemia?		A pandemia mudou o processo de ensina/aprendizagem. Hoje há uma consciência maior sobre a necessidade de que alunos e professores busquem informações além do que é apresentado em aula
De que forma a convergência digital é trabalhada com os estudantes?		Solicitando pesquisas e trabalhos sobre temas apresentados em aula.
Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.		08

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O professor destaca, em suas respostas, a necessidade de entender que o aprendizado vai além da sala de aula. Por isso, ressalta-se a importância de implementar, na disciplina de Telejornalismo, atividades que trazem aos estudantes a vivência da profissão. Aprender a lidar com os desafios que afetam o lado profissional e pessoal também é de extrema valia. Morin (2016), no seu sexto saber denominado “Ensinar a Compreensão” refere-se a isso:

A necessidade do ensino voltado à moral, que oportuniza o conhecimento além do saber intelectual, incluindo as vivências de empatia e generosidade. A compreensão ética pressupõe a tolerância e a capacidade de aprender com o outro, investigando o grau de verdade naquilo que antagoniza a nossa visão de mundo (Gabriel, 2020).

Os quadros mostram as respostas na íntegra sobre a disciplina de Telejornalismo em cinco universidades. Em duas delas, tivemos apenas uma resposta de um professor e uma de um estudante. Conforme a intenção já mencionada nesta pesquisa, faremos uma análise sobre as respostas do questionário.

Quando perguntados sobre procedimentos utilizados nas aulas de Telejornalismo, a resposta unânime, tanto de professores, quanto de estudantes, foi o destaque relacionado à parte prática. Sobre isso, destaca-se abaixo a resposta de um estudante:

A aula de Telejornalismo é dividida em dois semestres. Em Telejornalismo I, tivemos aulas mais teóricas, mas sem deixar a prática de lado (aprendemos o básico do telejornalismo, como por exemplo, a maneira correta de segurar o microfone e se portar na frente da câmera). Em Telejornalismo II, tivemos poucas aulas teóricas e com foco total em aulas práticas (treinávamos entradas ao vivo, apresentação de jornal, documentário e aprendemos a parte de edição também). (E2B, 2023)

Segundo um dos professores, a metodologia prática é prioridade na ementa da universidade em que leciona. Outro professor participante da pesquisa também enfatizou que a prática acaba se sobressaindo devido à dinâmica da disciplina:

Embora busque-se um equilíbrio, a metodologia aplicada tende mais ao prático, permitindo que o estudante possa aplicar técnicas e praticar, desenvolvendo suas habilidades e competências. O teórico e o conceitual são apresentados de modo a dar base para as práticas. (P1A, 2023)

Quando foram questionados sobre os equipamentos utilizados, a maioria dos participantes respondeu que as universidades dispunham de microfones, câmeras e tripés, ferramentas básicas para o desenvolvimento prático da disciplina. Porém, o que se observou é que nem todas têm estúdio e profissionais técnicos para auxiliar nas demandas, como edição e gravações. “Câmeras, tripé, luz, microfones, computadores, apenas um computador com programa de edição de vídeo” (E3C, 2023).

Porém, em outras universidades, percebe-se um investimento maior em laboratórios, de acordo com as respostas do questionário. “Laboratório com estúdio, câmeras, microfones, ilhas de edição, iluminação, técnico responsável à disposição. Estrutura, com cenários e equipamentos profissionais e que são utilizados em exercícios mais avançados”. (P2B, 2023).

Sobre os avanços tecnológicos, os estudantes destacaram o uso do celular. “A disciplina foi adaptada para a pandemia que foi o período que eu fiz. Pudemos gravar vídeos pelo celular como aconteceu nas emissoras de televisão”. (E4D, 2023). Além disso, as redes sociais também passaram a ser estudadas e trabalhadas em sala:

[...] ao longo do curso temos produzido materiais para todos os tipos de plataforma e até mesmo aprendemos a transformar o que produzimos. Utilizamos muito as redes sociais e os professores tentam nos mostrar a rotina jornalística de um profissional multimídia na prática. Na disciplina de telejornalismo também foi assim! Além disso, aprendemos como utilizar os recursos que estão em nossa mão o tempo todo, como o celular e testamos novas maneiras de fazer as reportagens para TV para prender a atenção do telespectador, trabalhando com efeitos visuais e sonoros. (E2B, 2023).

Para a atualização, um dos professores destacou a dificuldade financeira que as Universidades Comunitárias vivem. Mesmo assim, dentro do possível, novas ferramentas vão sendo incorporadas para dentro da realidade em que vivemos:

A condição financeira das Instituições Comunitárias foi bastante prejudicada pela crise econômica dos últimos anos. Mas materiais essenciais são atualizados e adquiridos com rigor e alguns novos itens, mais acessíveis também, como por exemplo drives para permitir transmissões ao vivo para a internet. (P1A, 2023)

Vale ressaltar que o objetivo desta pesquisa é entender como as universidades estão trabalhando diante de um cenário que se modificou depois da pandemia. Acerca disso, em um dos relatos publicados no livro “A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia”, a jornalista Sônia Bridi conta quão desafiador foi fazer as entrevistas remotamente:

As entrevistas remotas acabaram se mostrando menos ruins do que eu esperava. A imagem é turva, o som falha, mas o face a face na tela do computador é capaz de criar uma inteiração que numa entrevista presencial é difícil de criar – exige muita iluminação intimista e ambiente isolado de ruídos externos para que o entrevistado se concentre só na conversa, sem ficar o tempo consciente de que está dando uma entrevista e se autoavaliando ou autocensurando (Emerim; Pereira; Coutinho, 2020, p. 205-206).

A jornalista, na época, também dizia ter consciência sobre a tendência das entrevistas remotas continuarem, mesmo depois que o cenário da pandemia melhorasse, visto que muitas pessoas de outras partes do mundo conseguiam ser ouvidas através da tecnologia e de aplicativos de conversa. Ela não estava errada, pois em uma era pós-pandemia o que se observa é que esse recurso continuou sendo usado nos telejornais.

Em um dos questionamentos feitos a estudantes e professores, o ensino pós-pandemia foi evidenciado. Segundo as respostas, nas universidades, assim como nas emissoras

tradicionais, recursos tecnológicos para aproximar e facilitar o trabalho de campo dos estudantes também são usados. “Depois da pandemia é notável que a inserção da tecnologia e das redes sociais foram muito mais presentes, o que facilitou muito o contato de professores, alunos e fontes para entrevistas”. (E3C, 2023). Ademais, ferramentas como *whatsapp*., *google clasroom*, *google meet*, passaram a fazer parte da rotina das universidades:

A pandemia afetou a forma de se fazer jornalismo e, consequentemente, a forma de ensiná-lo nas universidades. Arrisco dizer que essa mudança teve, em sua, maioria, aspectos positivos, tendo em vista que forçou profissionais e estudantes a buscarem alternativas para a produção de conteúdo, utilizando de maneira mais frequente e de forma mais autônoma, principalmente os dispositivos móveis. A forma de contato com as fontes e público também mudou. (P3C, 2023)

Dessa maneira, a convergência digital ficou ainda mais evidente e trabalhar esse aspecto faz-se necessário na formação dos novos profissionais. O autor Leon (2009) descreve essa convergência da seguinte forma:

Com o crescimento exponencial da busca por informação, as empresas descobriram que integrar diversos serviços de comunicação em um único dispositivo poderia tornar esse aparelho mais atrativo comercialmente. Essa integração de tecnologias e serviços, compartilhando o mesmo meio – a internet –, é o que se chama convergência digital. Acesso à internet pela televisão, uso de telefonia e transmissões de rádio pela internet e até o uso de celulares para assistir TV são alguns exemplos de convergência digital.

Os estudantes respondentes afirmaram saber da importância de se trabalhar a convergência digital em sala de aula, principalmente em um mundo cada vez mais convergente. Isso se aproxima do que é exposto em uma das respostas:

Trabalhamos a convergência digital desde o primeiro semestre da faculdade. Claro, no início não sabíamos que estávamos utilizando a convergência, até chegar em Jornalismo Digital, no segundo semestre e entender como funciona. A maioria das nossas aulas são práticas e para não sobrecarregar muito os alunos, os professores acabam fazendo trabalhos conjuntos, o que facilita para que a gente vivencie na prática. Por isso, quando íamos atrás de fontes ou de algum assunto para fazer os trabalhos, já tínhamos que pensar no público da TV, rádio e do digital, além de transformar o conteúdo que criamos para TV, para as redes sociais, por exemplo. Considero muito importante porque e os jornalistas precisam saber trabalhar com todos os tipos de mídia. (E2B, 2023)

Diante das respostas dos professores, podemos perceber que a convergência digital é trabalhada em outras disciplinas nas quais a web está presente.

Ministro, também, as disciplinas de mídias sociais e jornalismo digital e vejo nisso um ponto positivo. Por esse motivo, é possível, de maneira mais fácil, apresentar esse novo universo convergente aos acadêmicos e torná-los consciente disso: de que hoje não há mais veículos de comunicação que atuam em uma única plataforma. Os veículos são multiplataforma e as plataformas são todas convergentes. (P3C, 2023)

Tomamos como exemplo o relato acima para falar sobre a importância das conexões entre os conhecimentos, a chamada “Transdisciplinaridade”. Na atualidade, muitas universidades já trabalham a interdisciplinaridade, na qual as disciplinas se interligam para que o aluno entenda que um problema pode ser solucionado com base não só em um conhecimento, mas em vários. Já a transdisciplinaridade, como a própria palavra mostra transcende esse aspecto, passa a trabalhar também o coração e não só a razão.

O conceito transdisciplinar ganhou proporções internacionais no século XX, mais especificamente em 1994, com a Primeira Grande Manifestação Mundial da Transdisciplinaridade, que teve apoio da Unesco e a participação dos autores Basarab Nicolescu, Edgar Morin e Lima de Freitas. Esse foi um evento que deixou como resultado a chamada “Carta da Transdisciplinaridade”.

Essa experiência ímpar e enriquecedora cria condições favoráveis para que se estabeleçam diálogos abertos e os alunos experimentem a liberdade de opinar e expressar suas ideias com autoconfiança. Como ensina Milton Santos, é possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, em que os homens serão mais felizes. Uma educação transdisciplinar pode começar em qualquer lugar, ela só precisa de pessoas que acreditem nela e que façam da visão transdisciplinar uma atitude para se colocar diante da realidade e do mundo (Mousinho; Spíndola, 2011, p. 7).

Ademais, observamos que, no telejornalismo, a transdisciplinaridade assume um destaque maior, pois não basta apenas aprender teoria e prática, é preciso ter um olhar além. Respeitando a diversidade e o momento vivido naquele fato que está sendo relatado, quando a universidade trabalha o conhecimento de forma transdisciplinar, transcende a aprendizagem e proporciona ao acadêmico a reflexão, a empatia e, principalmente, o respeito. Na contemporaneidade ainda é um desafio para as universidades trabalhar de forma interdisciplinar, pois em muitos casos cada professor fica fechado na sua disciplina. Para se chegar à transdisciplinaridade ainda temos um grande caminho a percorrer.

A transdisciplinaridade é um conceito mais amplo. O prefixo “trans” quer dizer aquilo que está entre, através e além. Um ensino transdisciplinar não se restringe nem à simples reunião das disciplinas nem à possibilidade de haver diálogo entre duas ou mais disciplinas. A transdisciplinaridade faz com que o tema pesquisado passe pelas disciplinas, sem ter como objetivo final o conhecimento específico dessa mesma disciplina ou a preocupação de delimitar

o que é o seu objeto de estudo ou o que é de outra área inter-relacionada. Portanto, a transdisciplinaridade preocupa-se com a interação contínua e ininterrupta de todas as disciplinas num momento e lugar (Limaverde, 2012).

Em suma, observamos nos depoimentos dos pesquisados que as universidades estão esforçando-se para ensinar dentro do contexto vivido, mas ainda há um longo caminho a ser trilhado. Nas respostas dos acadêmicos do jornalismo, por mais que o cenário pesquisado foi apenas de quatro estudantes, deparamo-nos com uma boa avaliação do ensino proporcionado, ficando entre oito e nove a nota referendada. Já quanto aos professores, por mais que se esforcem para oferecer um ensino de qualidade, ainda encontram dificuldade para trabalhar a partir da infraestrutura oferecida pelas universidades.

Por fim, foi notável que a pandemia alterou a forma de ensinar e de aprender e com uma deficiência nos projetos de extensão, sendo que não foram mencionados pelos estudantes em suas respostas. Vale salientar que o trabalho com a extensão, que é uma obrigatoriedade para as instituições de ensino, não está presente nas inferências do público da pesquisa, surgindo a necessidade de novas pesquisa para entender o porquê do tema não ter entrado em pauta. O fato é que os projetos de extensão ajudam na formação do acadêmico e podem ser uma ponte importante entre a universidade e o mercado de trabalho. A partir disso, novas tecnologias podem ser abordadas em projetos acadêmicos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar o telejornalismo, enfatizando como e quando tudo começou no Brasil, bem como as mudanças com a convergência digital, evidencia-se que a pandemia do Coronavírus exigiu novas estratégias e que a formação acadêmica do jornalista sofreu muitas mudanças, surgindo a necessidade de repensar a maneira como os acadêmicos estavam acostumados a aprender e a forma como os docentes ensinam.

Por sua vez, ao discutir o ensino superior, revisitamos as diretrizes curriculares nacionais para o curso de jornalismo, documento norteador para o processo de ensino e aprendizagem, de modo a ressaltar a importância para a formação do profissional do jornalismo. Nesse aspecto, é urgente que as instituições repensem a forma como estão levando o conhecimento até o estudante.

Assim, o jornalista precisa ser realmente preparado na academia para o mundo do trabalho. Para tanto, ressaltamos que instituição, professores e estudantes devem trabalhar em sintonia e devem adaptar-se às novas formas de aprendizagem, valorizando a formação inicial, mas nunca se esquecendo da importância da educação continuada e da formação permanente. Afinal, a imensa quantidade de informações obriga o educador a reavaliar as estratégias pedagógicas em uso, as capacidades esperadas de seus estudantes, bem como o papel que exercem na vida desses profissionais que estão formando.

A partir disso, destaca-se que a docência no ensino superior necessita da tecnologia digital, unindo teoria, prática e técnica. O fato é que as tecnologias de comunicação e informação estão se tornando uma realidade para um número cada vez maior da população, exigindo repensar a educação e os indivíduos diretamente envolvidos, desde o planejamento, até a execução dos projetos educacionais. Isso requer do profissional de educação uma sólida formação inicial, que integre os diferentes aspectos da tarefa docente pedagógica, técnico-científico, sócio-político e cultural e as atuais circunstâncias da sociedade tecnológica. Frente a isso, para capacitá-los, é necessária uma formação contínua, além de uma melhoria nas iniciativas já existentes.

Na atualidade, aparece com mais ênfase a educação à distância, que, quando bem planejada e bem acompanhada, é uma via importantíssima para o processo educativo na sociedade contemporânea e precisamente no campo da formação continuada. A melhoria na qualidade de ensino e na formação docente será obtida através do uso da pesquisa como atitude cotidiana na sala de aula, transformando os estudantes em autores de sua formação, por meio do exercício de aprender autônomo e participativo. Portanto, é de suma importância a utilização

das novas tecnologias na organização do trabalho pedagógico, propondo ao docente novas habilidades e o domínio das novas linguagens derivadas dos atuais recursos tecnológicos.

Ao longo do trabalho, refletimos também que nunca estamos prontos e que aprender, tanto para estudantes quanto para docentes, é indissociável do desenvolvimento de competências e habilidades. Além disso, os obstáculos trazidos pelo cotidiano precisam ser encarados como desafios que geram mais aprendizado.

Desse modo, não temos dúvidas que a pandemia trouxe muitas mazelas, mas que aprendemos muito e não seremos mais os mesmos. Sob o mesmo viés, por mais difícil que foi enfrentar tudo isso, quem atua na área do jornalismo foi e sempre será basilar para manter a população informada e reflexiva. A profissão do jornalista ganha cada vez mais destaque no cenário mundial e as agências formadoras têm um papel fundamental na formação de profissionais pró-ativos e éticos.

Como resultado entendemos que, diante das respostas, é preciso ter mais investimento em laboratórios e em estrutura técnica, ou seja, profissionais que auxiliem no processo de ensino aprendizagem junto ao professor, com técnicas de edição, produção, imagem. O suporte financeiro nas universidades foi a principal falha apontada pelos respondentes. Mas, também observou que tecnologias simples, como é o caso do celular que pode ser usado nesse processo de ensino. Para isso é preciso trabalhar as técnicas para usar essa tecnologia, para que a informação seja levada de forma clara e precisa.

Técnicas para fazer entrevistas à distância, sem deixar de lado os métodos utilizados para ganhar a confiança do entrevistado também precisam ser trabalhados. Afinal, a fonte é fundamental para que os fatos sejam evidenciados.

Nesse contexto, os desafios, frente às novas tecnologias, são imensos, mas as oportunidades também. O mercado de trabalho quer profissionais multimidiáticos e, por isso, trabalhar a prática e a técnica nos bancos universitários é fundamental. Diante desse cenário, com base nas respostas e nos resultados dessa pesquisa, acredito que é preciso ir mais a fundo no que se refere aos projetos de extensão envolvidos na formação. Essa é uma forma de preparar o profissional e ainda trazer mais estudos para o curso de Jornalismo. Afinal, se aprende a fazer, fazendo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lúcia (Org.) **Comunicação e Transformação Social**: a trajetória do Canal Futura. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

AGUIAR, Leonel de Azevedo; ROXO, Luciana Alcantara. **A credibilidade jornalística como crítica a “cultura da desinformação”**: uma contribuição ao debate sobre *fake news*. Rio de Janeiro, 2019. Periódico. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38079/22349>. Acesso em 12 mar. 2023.

ALVARENGA André Martins; TAUCHEN Gionara; ALVARENGA Bruna Telmo. **O princípio da dialógica**: entre a disciplinaridade e a transdisciplinaridade. Rio Grande, 2017. Artigo. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/11876-46868-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/11876-46868-1-PB%20(3).pdf). Acesso 25 mai. 2023.

BASSANI, R. *et al.* **TJ UFSC**, o telejornal diário da Universidade Federal de Santa Catarina. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 14., 2013, Santa Cruz do Sul. Anais. São Paulo: Intercom, 2013. p. 1-8. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2013/expocom/EX35-1559-1.pdf> . Acesso em: 25 fev. 2023.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

_____. **Televisão e novas mídias**: repensando o papel das audiências nos telejornais. E-Compós, vol. 17, n. 2, 2014.

_____. **Televisão e Telejornalismo**: Transições [livro eletrônico]1. Ed, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

BRASIL. MEC - Ministério da Educação. **Parecer aprovado pelo CNE** em 14 de março de 2013 e Resolução n. 2 de 27 de setembro de 2013. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em 25 mai. 2023.

BRASIL. LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em www.planalto.gov.br . Acesso em: 15 jul. 2022.

_____. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> . Acesso em: 15 jun. 2022.

_____. MEC - Ministério da Educação. Portaria nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009 **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 15 jul. 2022.

BUCCI, Eugênio. **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

CANDAU, V. M. (Org.). **Magistério**: construção cotidiana. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, Volume 3, p. 424.

CATANI, A. M.; HEY, A. P.; GILIOLI, R. S. P. **PROUNI**: democratização do acesso às instituições de ensino superior? *Educar em Revista*, Curitiba, n. 28, p. 125-140, dez. 2006.

CANNITO, Newton. **A Televisão digital**: interatividade, convergência e novos modelos de negócios. São Paulo: Summus, 2010.

CHARLIER, Évelyne. Formar professores profissionais para uma formação contínua articulada à prática. In: PAQUAY, Léopold *et al.* (Org.). **Formando professores profissionais**: quais estratégias? quais competências? Tradução de Fátima Murad, Eunice Gruman. 2. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 3 ed. Rio Janeiro: Elsevier, 2010.

CIRNE, Livia; FERNANDES, Marcelo. **Da teoria à prática na TV digital**: apresentação da interatividade no jornalismo da Paraíba. VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, UFMA, São Luís – Maranhão, novembro de 2010.

COSTA, Isabel de Sá Affonso da; CAMPOS, Anna Maria de Souza Monteiro. **Carreira, vivência e construção de si**, In: BALASSIANO, Moyses e COSTA, Isabelde Sá Affonso. *Gestão de carreiras dilemas e perspectivas*. São Paulo: Atlas, 2006.

COIMBRA, Iana. **Telejornalismo além da TV**: uma discussão sobre os territórios contemporâneos da notícia 2018. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/5771/577163619016/html/> Acesso 12 mar. 2023.

CONVERGÊNCIA DIGITAL. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Converg%C3%Aancia_digital&oldid=57355214. Acesso em: 4 fev. 2020.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro**: A estrutura narrativa das notícias em televisão. 2003. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **O fosso entre o mercado e a academia**. Disponível em:
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=560DAC004>. Acesso em 12 jul. 2023.

CUNHA, Maria Isabel da. **Qualidade da graduação**: o lugar do assessoramento pedagógico como propulsor da inovação e do desenvolvimento profissional docente. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 57, p. 17-31, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.42106>. Acesso em: 16 jul. 2022.

_____. **Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no Ensino Superior**: a docência e sua formação. Educação, Porto Alegre, ano XXVII, v. 54, n. 3, p. 525-536, set./dez. 2004. Texto originalmente apresentado no III Simpósio Internacional de Educação Superior, promovido pela RIES em jul. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3aRdNEZ>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Allegro, 2002.

DAROS, T. (2018). Por que inovar na educação?. In: Camargo, F., & Daros, T., **A Sala de Aula Inovadora** [recurso eletrônico]: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo (pp. 27-33). Penso Editora. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wpcontent/uploads/2020/08/A-Sala-deAula-Inovadora.pdf>. Acesso em 25 mai. 2023.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

DIAS, L. C.; DALLA COSTA, R. M. C. **O ensino de Jornalismo no Paraná**: dicotomia entre teoria e prática e o currículo que está por vir. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 16., 2015, Joinville. São Paulo: Intercom, 2015. p. 1-14. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0600-2.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

DIAS-Sobrinho, J.(2015). **Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social**. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/2322/pdf>. Acesso em: 25 mai. 2023.

DINES, Alberto. **O papel do Jornal: uma releitura**. São Paulo: Summus, 1986.

DORES, Kelly. **TV Folha mira diferenciação e público jovem**. Jornal Propaganda e Marketing, São Paulo, 26 mar. 2012. Disponível em: <http://propmark.uol.com.br/midia/39912:tv-folha-mira-diferenciacao-e-publico-jovem>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2015. Disponível em: <http://monografias.brasile scola.com/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

EMERIN, Carlida, **O texto na reportagem de televisão**. Caxias do Sul – RS, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/O texto na reportagem de televisao%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/O%20texto%20na%20reportagem%20de%20televisao%20(2).pdf) Acesso em: 06 ago. 2023.

_____. O poder da linguagem telejornalística. In: EMERIN, C.; FINGER, C.; PORCELLO, F. **Telejornalismo e poder**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (Org.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC. Insular, 2020.

EMERIN, C.; FINGER, C.; CAVENAGHI, B. **Metodologias de pesquisa em telejornalismo. Sessões do imaginário**, v. 22, n. 37, p. 2-9, 2017.

FENAJ - **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade / Federação Nacional dos Jornalistas, organização. 2. Ed. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 2002.

FERRAZ, L. N. B. **Formação e profissão docente a postura investigativa e o olhar questionador na atuação dos professores**. Rio de Janeiro. DP&A Editora. 2000.

FERREIRA, Fernando, Almeida, Robson Bastos da Silva e Marcelo Briseno Marques de Melo (org.). **O ensino de comunicação frente às Diretrizes Curriculares**. São Paulo: INTERCOM, 2015.

FREIRE FILHO, João. **A TV em transição**: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 13. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GABRIEL, Rose Skripka do Nascimento. **Morin, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542020000100009#back_fn1. Acesso em: 08 ago. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Universidade Federal da Bahia. PAIDÉIA, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JOSGRILBERG, Fábio; LEMOS, André (Orgs.) **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14. ed. rev. amp. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: Edusp/ComArte, 1997.

LEAL, Bruno Souza. **Telejornalismo e autenticação do real**: estratégias, espaços e acontecimentos. In GOMES, Itania Maria Mota (Org). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LENON, André. **Convergência Digital**: mídias integradas. São Paulo: Consciência, 2009.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. **Formação dos profissionais da Educação** – visão crítica e perspectivas de mudança. In: Educação e Sociedade. Campinas. V. 20, n. 68, 1999.

LIMAVERDE, Patricia. **Parâmetros para Práticas Educativas Transdisciplinares** 1. 20 ago. 2012. Disponível em: <<https://transdisciplinaridade.wordpress.com/category/textos-rapidos/>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LÜDKE, M. **A pesquisa na formação do professor**. In: FAZENDA, Ivani (Org.) A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1995.

MAIA, Aline Silva Corrêa. **O Telejornalismo no Brasil na Atualidade**: Em Busca do Telespectador. 2011. Disponível em: https://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/maia_aline.pdf Acesso: 16 jul. 2022.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* **A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos**: um estudo transversal, 2020. *Epidemiol. Serv. Saúde* [online]. 2020, vol.29, n.4, e2020407. Epub 21-Set-2020.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MASETTO, Marcos. **Docência universitária com profissionalismo**. São Paulo: Summus, 2004.

MATTOS, S. As fases do desenvolvimento da TV no Brasil. In: _____. **História da televisão brasileira**: Uma visão econômica e política. 2. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

MEDEIROS, P.; LÔRDELO, T. **Novas mídias**: lugar de Opinião? Lugar de Informação? Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 9, n. 1, 2012.

MEIO & MENSAGEM. São Paulo, 9 maio de 2011.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. Faculdade Santa Amélia SECAL, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejournalismo.pdf> Acesso em: 22 abr. 2023.

MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió. Maceió: Edufal, 1999.

MORAES JÚNIOR, Enio. **Condições e contradições do ensino de jornalismo no Brasil**. Nexus, São Paulo, v.10, p.13, out. 2003.

MORAN, J. M. **A Educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2017.

_____. **Mudando a educação com metodologias ativas.** In [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (Orgs.). PG: Foca Foto PROEX/UEPG, 2015.

_____. Tablets para todos conseguirão mudar a escola? In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHERENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____; ALMEIDA, Maria da Conceição; CARVALHO, Edgard de Assis (Org.). **Educação e complexidade: os setes saberes e outros ensaios.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____; SILVA Catarina Eleonora F.; SAWAYA, Jeanne (tradução), CARVALHO, Edgard de Assis (Revisão Técnica). **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Ed. Cortez, 2016.

MOUSINHO, Silvia Helena; SPÍNDOLA, Márcia. **A transdisciplinaridade é uma opção de vida.** Revista Educação Pública. Rio de Janeiro, 2011.

NEGRINI, M. ROOS, R.. **Desafios no ensino de telejornalismo em tempos de Covid-19:** ressignificações e novas experiências. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2020.

NEVES, C. E. B.; RAIZER, L.; FACHINETTO, R. F. **Acesso, expansão e equidade na educação superior:** novos desafios para a política educacional brasileira. Sociologias: Porto Alegre, 2007.

NÓVOA, Antônio (2017). **Firmar posição como professor, afirmar a profissão docente.** 2017. Cadernos de pesquisa. V. 47. n. 166. p. 1106-1133. Out./dez. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

OLIVEIRA, Nayron Carlos. SILVA, Adriana Lopes Barbosa. **Docência no Ensino Superior:** O Uso de Novas Tecnologias na Construção da Autonomia Discente. Revista Saberes. Rolim de Moura, 2016.

PACHANE, Graziela Giusti. **Teoria e Prática na Formação Pedagógica do Professor Universitário:** Elementos para Discussão. UEPG Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, v. 13 (1), p. 13-24, 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris, **O texto na TV:** Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PAVLIK, John. **Televisão na era digital: uma metamorfose habilitada pela tecnologia.** In: Cadernos de Televisão, n. 1, Rio de Janeiro: IETV – Instituto de Estudos de Televisão, 2007.

PEREIRA, F. H.. **El mundo de los periodistas:** aspectos teóricos y metodológicos. Comunicación y Sociedad. Guadalajara, 2010.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global**: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/46030999987498783654979767749024369521.pdf> Acesso em: 22 nov. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. O docente do ensino superior. In: **Docência no ensino superior**. p. 177-200 São Paulo: Cortez, 2002.

PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional**: Olhares críticos. Florianópolis: Insular, 2009.

PRADA, L. E. A. **Formação participativa de docentes em serviço**. Taubaté: Cabral Universitária, 1997.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Vitor. **O Exercício Profissional do Jornalismo no Mundo**. 2003. Artigo. Disponível em: <http://www.ojornalista.com.br/pesquisa.asp>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ROCHA, Paula Melani. **A importância da formação do profissional jornalista e sua relação com o meio ambiente social no século XXI**, 2008 UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, COVILHÃ, PORTUGAL (LAB COM). <https://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-importancia-da-formacao-do-jornalista.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SANTOS, Wanda Terezinha Pacheco dos; SANTOS, Fernanda Pereira. **A prática da docência no curso de Jornalismo da Unicentro/Guarapuava-PR**. Pauta Geral: Estudos em Jornalismo, Guarapuava, 2016.

SILVA, Edna de Mello. **Fases do Telejornalismo**: uma proposta epistemológica. In: Comunicação, jornalismo e transformações convergentes [recurso eletrônico] / orgs. Liana Vidigal Rocha. Sérgio Ricardo Soares. Palmas: EDUFT, 2019.

SQUIRRA, S.; FECHINE, Y. (Orgs.). **Televisão Digital**: desafios para a comunicação. Porto Alegre: Sulina, 1989.

SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e formação de professores**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SOUZA, Karen Emanuelle. **O impacto da pandemia no telejornal da EPTV Sul de Minas**. Varginha, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/2465/1/karen%20Emauele%20Souza.pdf> Acesso em: 25 jan. 2023.

SOUZA, Maurício Dias. **Jornalismo e Cultura da Convergência**: a narrativa transmídia na cobertura do caso cablegate nos sites El País e Guardian. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TAVARES, Marcus. **Transmídia**: a narrativa da atualidade. Pontocom – a revista da mídiaeducacao. 07 set. 2009. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-entrevistas/transmidia-a-narrativa-da-atualidade>. Acesso em: 20 abr. 2015.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo**. Volume 2 – A tribo jornalística. Florianópolis: Insular, 2002.

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas**: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VEIGA, Ilma Passos A. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 2004.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana; ROCHA, Heitor. **Telejornalismo: lugar de referência, mediadores públicos e espaços públicos**. São Luís – MA, 2010.

ZABALZA, Miguél Angel. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZWICKER, M. R. G. dos S. (2017). A aprendizagem ativa e o cérebro: contribuições da Neurociência para uma nova forma de educar. In Santos, C. M. R. G., & Ferrari, M. A. (Orgs.). **Aprendizagem ativa** [recurso eletrônico]: contextos e experiências em comunicação (pp. 49-74). Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Utilidades/aprendizagem-ativa---versaodigital.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2023.

Documentos eletrônicos:

Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-por-que-confiar-na-ciencia/>
Acesso em: 20 mar. 2023.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/agencia-brasil-explica-entenda-o-que-e-o-lockdown>. Acesso em: 21 jun. 2023.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO**PROJETO DE PESQUISA INTITULADO “TELEJORNALISMO PÓS-PANDEMIA:
OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO JORNALISTA NA ERA DA CONVERGÊNCIA
DIGITAL”**

Pesquisadora responsável: Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo

Professor Orientador da pesquisa: Lucia Ceccato de Lima

Caro (a) professor (a), escreva seu nome:

Nome: _____

Instituição: _____

Idade: _____

Gênero () Masculino () Feminino () Outro

A intenção deste questionário é levantar informações sobre os métodos utilizados na disciplina de telejornalismo dos cursos de Jornalismo de SC, com a convergência digital. Desde já agradeço a sua contribuição.

1 - Na disciplina de Telejornalismo a didática utilizada é mais teoria ou prática?

2 - Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?

3 - Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?

4 - No quesito didática o que mudou depois da pandemia?

5 - De que forma a convergência digital é trabalhada com os estudantes?

6 - Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.

() Nota

Considerações:

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO**PROJETO DE PESQUISA INTITULADO “TELEJORNALISMO PÓS-PANDEMIA:
OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO JORNALISTA NA ERA DA CONVERGÊNCIA
DIGITAL”**

Pesquisadora responsável: Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo

Professor Orientador da pesquisa: Lucia Ceccato de Lima

Caro (a) estudante (a), escreva seu nome:

Nome: _____

Instituição: _____

Idade: _____

Gênero () Masculino () Feminino () Outro

A intenção deste questionário é levantar informações sobre os métodos utilizados na disciplina de telejornalismo dos cursos de Jornalismo de SC, com a convergência digital. Desde já agradeço a sua contribuição.

1 - Na disciplina de Telejornalismo a didática utilizada é mais teoria ou prática?

2 - Quais os recursos que a universidade dispõe para o desenvolvimento da disciplina?

3 - Com os avanços tecnológicos a instituição tem apostado em trazer inovações para o curso e para a disciplina? Quais?

4 - No quesito didática o que mudou depois da pandemia?

5 - De que forma a convergência digital é trabalhada em sala e como considera isso importante?

6 - Qual avaliação para disciplina de telejornalismo sendo 5 muito ruim e 10 acima do esperado.

() Nota

Considerações:

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora responsável: Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo

Professor Orientador da pesquisa: Dra. Lucia Ceccato de Lima

A intenção deste questionário é levantar informações sobre a metodologia utilizada na disciplina de telejornalismo, dos cursos de Jornalismo das universidades de Santa Catarina, com a convergência digital. Desde já agradeço a sua contribuição.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

(Resolução 510/2016 CNS/CONEP)

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “**Jornalismo em tempos de pandemia: Os desafios do ensino e da formação do telejornalista com a digitalização tecnológica**”. O objetivo deste trabalho é ajudar a melhorar o ensino e a capacitação dos futuros jornalistas, principalmente em relação aos que pretendem trabalhar com televisão e mídias afins. Para realizar o estudo será necessário que se disponibilize a participar de um questionário encaminhando através da plataforma Google Forms, previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar o ensino de Telejornalismo nas Instituições de Ensino Superior de Santa Catarina. De acordo com a resolução 510/2016. “Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados”. A sua participação terá risco mínimo, podendo ocorrer algum tipo de constrangimento no momento de responder o questionário, e se estes ocorrerem, será encaminhado o pesquisado a clínica escola de psicologia da UNIPLAC, para atendimento gratuito. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual receberá uma cópia. Mesmo após assinar este documento o participante tem o direito de pleitear indenização por reparação de danos que apresente nexo causal com a pesquisa. Os benefícios da pesquisa são buscar subsídios para dar suporte ao jornalista de televisão e acadêmicos da área, principalmente instigando-os a busca permanente de conhecimento para adequar-se as novas maneiras de se fazer telejornalismo. Por isso torna-se indispensável novos procedimentos na formação do jornalista em espaços escolares e extraescolares. Às universidades apresenta-se desafios na preparação destes novos profissionais com vistas a um mundo do trabalho cada vez mais digital. Você terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução 510/2016 e complementares. Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: 49 99938 3819, ou pelo endereço Rua Grêmio Atlético Guarani, Santa Mônica, 1009, Lages SC. Se necessário também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense UNIPLAC, Av. Castelo Branco, 170, bloco 1, sala 1226, Lages SC, (49) 32511086, email: cep@uniplaclages.edu.br.

Responsável pelo projeto: Eduarda Mayara Demeneck de Figueiredo

Endereço para contato: Rua Grêmio Atlético Guarani, 1009, Santa Mônica

Telefone para contato: (49) 99938 3819

E-mail: profduda@uniplaclages.edu.br